

Sara Braz Vítor

**INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS EM CRIANÇAS COM DÉFICE COGNITIVO: A PERCEÇÃO DOS TÉCNICOS, NO ALGARVE.**



Universidade do Algarve

Escola Superior de Educação e Comunicação

2022

Sara Braz Vítor

**INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS EM CRIANÇAS COM  
DÉFICE COGNITIVO: A PERCEÇÃO DOS TÉCNICOS, NO ALGARVE.**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL,

DOMÍNIO COGNITIVO E MOTOR

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professora Doutora Cláudia Luísa

Mestre Daiana Ferreira



Universidade do Algarve

Escola Superior de Educação e Comunicação

2022

# **INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS EM CRIANÇAS COM DÉFICE COGNITIVO: A PERCEÇÃO DOS TÉCNICOS, NO ALGARVE.**

Declaração de autoria do trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

---

Sara Braz Vítor

Copyright: Sara Braz Vítor

“A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos”.

**A todos os que tal, como eu, acreditam no poder revolucionário da educação.**

**Com foco, dedicação e amor vamos transformar o mundo!**

## **Agradecimentos**

Agradeço às minhas queridas amigas e orientadoras, que foram fundamentais neste processo, com a vossa ajuda para manter o foco e o respeito pelo meu espaço e necessidades específicas, esta foi uma caminhada feita de vários “sprints” que terminaremos com a sensação de dever cumprido. Obrigada!

Aos do início, a Ana Sesudo, a Paula Santos, o Rui Teixeira e a toda a “malta, pá” que foi fundamental neste percurso académico e de formação pessoal.

Aos que são para sempre, o meu Pai, porque sim e o Fiel, o cão que me mostrou ser terapeuta e que será sempre um marco na minha vida,

Aos meus companheiros de terapias, Tito e Garoto, os Burros que me ensinam a crescer.

Aos que me acompanharam nesta caminhada em particular, um obrigado especial à Cristina, à Paula e à Elisabete pelas horas de conversas, paciência, partilhas e desabafos.

Às Saras do meu coração, Cabrita, Farrajota e Maximiano, cada uma à sua maneira, são uma claque espetacular.

A todos os técnicos e colegas que se disponibilizaram para abrir as suas portas e partilhar a sua magia connosco, acreditando que caminhamos com o mesmo objetivo.

A todos os meus miúdos e respetivos pais, que foram motivação extra para esta etapa, e a todos os que fazem os meus projetos ganhar sentido todos os dias.

Aos meus filhos, lindos e inspiradores, que sei que sentiram este esforço de uma forma especial, mas também sei que têm muito orgulho na sua mãe e que adoram ver-me feliz (apesar dos sorrisos 33 que existem pelo caminho). O caminho faz-se caminhando e caminhamos juntos, porque assim somos mais fortes.

A ti Gonçalo, porque escolhes e continuas a escolher, todos os dias, construir este caminho e embarcar nesta aventura comigo, porque acreditas, porque valorizas e porque gostas. Obrigado.

A ti, Mãe, a minha eterna fã número um, a minha base de sustentação, a almofada de ar, o para-quedas e o vento que sopra. Espero continuar a estar à altura do teu orgulho em mim.

Mais uma etapa.

Venha a próxima, mas com calma e tranquilidade...

## Resumo

Este estudo, de carácter exploratório sobre o impacto das Intervenções Assistidas por Animais (IAA) em crianças com défice cognitivo e/ ou dificuldades de aprendizagem, surge, no âmbito do Mestrado em Educação Especial Domínio Cognitivo e Motor, por motivações pessoais e profissionais.

O facto de esta ser uma área de intervenção, recente, em fase de desenvolvimento e implementação em Portugal e no Algarve, aliado ao facto de profissionalmente ser uma área que cada vez mais valorizamos por reconhecer o seu impacto positivo nas crianças, levou à criação da necessidade de aprofundar conhecimentos.

Com o objetivo de compreender qual a perceção dos técnicos de saúde e educação, com mais de um ano de experiência na implementação e/ou acompanhamento de IAA relativamente ao impacto das mesmas, em crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem, no Algarve, foi aplicada realizada uma entrevista semiestruturada a uma amostra de onze técnicos.

Como principais resultados é de referir que as IAA em crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem revelam um impacto bastante positivo, nomeadamente: o animal funciona como facilitador da relação terapêutica; aumenta o sentido de responsabilidade; contribui para a melhoria da autoestima, do comportamento e/ou transmite calma; melhora a alegria e aumentamotivação para a sessão ou trabalho.

**Palavras-Chave:** Intervenções Assistidas por Animais; Déficit Cognitivo; Dificuldades de Aprendizagem; Algarve.

## **Abstract**

This exploratory study on the impact of Animal Assisted Interventions (AAI) in children with cognitive deficit and/or learning disabilities, appears under a master's course in Special Education, Cognitive and Motor skills, due to reasons both personal and professional.

The fact that this is a novel field, still under development and being implemented in Portugal, particularly in the Algarve, as well as the fact this is an area of expertise, I have come to value deeply, due to its positive impact on children, has led to my decision to enlarge our knowledge in the area.

With the purpose of understanding what is the understanding that health and education technicians / professionals (with over one year of experience on the implementation / monitoring of AII), regarding their impact on children with cognitive deficit and/or learning disabilities in the Algarve, a survey was conducted on the AII-promoting technicians in the Algarve, as well as an interview of 11 of these technicians.

Main results are that IAA on children with cognitive deficit and/or learning disabilities show positive impact, namely: the animal facilitates therapeutic relationship, increases the sense of responsibility, enhances self-esteem, good behaviour and provides calm, provides joy and increases motivation for each work session.

**Keywords:** Animal Assisted Interventions; Cognitive Deficit; Learning Disabilities; Algarve.

# Índice

Agradecimentos	IV
Resumo	VI
Abstract	VII
Índice	VIII
Índice de Quadros	X
Índice de Figuras	X
Índice de Apêndices	X
Índice de Anexos	X
Introdução	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico	3
1. Intervenções Assistidas por Animais – Evolução Histórica	3
1.1 Intervenções Assistidas por Animais.	6
2. A Investigação e o Desenvolvimento das IAA Atualmente em Portugal	8
2.1 Benefícios das IAA.	11
3. As Dificuldades de Aprendizagem e o Défice Cognitivo	13
Capítulo II – Metodologia	18
1. Paradigma de Investigação	18
2. Questão de Partida	19
3. Objetivo	19
3.1 Objetivo geral.	20
3.2 Objetivos específicos.	20
4. Amostra	20
5. Instrumentos de Recolha de Dados	22
6. Procedimentos éticos	24
Capítulo III – Apresentação e Discussão de Resultados	26
1. Caracterização da Oferta Existente ao Nível das IAA no Algarve	27
1.1 Caracterização dos técnicos e dos seus animais.	27
1.1.1. Relação com as IAA.	28
1.1.2 Formação profissional.	28
1.1.3 Percurso profissional.	30
1.1.4 Motivações dos técnicos.	30
1.1.5 Animais envolvidos nas IAA.	31

1.2 Caracterização da Envolvência e Recetividade Social às IAA no Algarve.	32
1.2.1 Recetividade da sociedade envolvente.	32
1.2.2 Principais apoios.	33
1.2.3 Principais barreiras.	35
1.2.4 Apoios financeiros por parte das autarquias locais ou outros apoios.	37
1.3. Identificação dos Beneficiários destas IAA no Algarve.	38
1.4 Caracterização das sessões com crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem.	39
1.4.1 Âmbito das sessões.	39
1.4.2 Caracterização do Desenvolvimento das sessões.	40
1.4.2.1 Regularidade das sessões.	40
1.4.2.2 Duração das sessões.	41
1.4.2.3 Duração do acompanhamento.	41
1.5 Perceção do impacto das IAA.	42
1.5.1 Principais benefícios das IAA em crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem.	42
1.5.2 Impacto social.	44
1.5.3 Impacto nas famílias.	45
1.6 Avaliação dos Efeitos da Pandemia.	46
1.6.1 Forma como a pandemia afetou as intervenções.	46
1.6.2 Forma como a pandemia afetou o impacto das IAA nas crianças.	49
1.6.3 Forma como a pandemia afetou a perceção do impacto das IAA.	49
1.6.4 Existência de apoios extraordinários face à pandemia.	50
2. Sistematização dos Resultados	51
Capítulo IV – Conclusões	54
Referências Bibliográficas	57
Apêndices	61
Anexos	151

## **Índice de Quadros**

Quadro 1.1: Síntese das diferentes formas de IAA	7
Quadro 3.1: Categorias e subcategorias do guião da entrevista	26
Quadro 3.2: Formação profissional base dos técnicos	29
Quadro 3.3: Principais motivações dos técnicos	30

## **Índice de Figuras**

Figura 3.1: Distribuição geográfica e espécie animal envolvida no trabalho dos técnicos entrevistados	31
Figura 3.2: Distribuição geográfica e tipo de intervenção principal das instituições ou técnicos entrevistados	39
Figura 3.3: Consequências dos confinamentos no desenvolvimento das IAA	47
Figura 3.4: Principais benefícios das IAA em crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem	52

## **Índice de Apêndices**

A. Guião de entrevista	61
B. Transcrições das Entrevistas	64

## **Índice de Anexos**

1. Parecer final da Comissão de Ética da Universidade do Algarve	155
2. Consentimento Informado aos Técnicos Entrevistados	156

“A melhor maneira de tornar as crianças boas, é torná-las felizes”

*Oscar Wilde*

## Introdução

A presente dissertação tem como questão de partida perceber qual o impacto das IAA em crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem. Definiu-se como o principal objetivo compreender qual a perceção dos técnicos de saúde e educação, com mais de um ano de experiência, na implementação e/ou acompanhamento de Intervenções Assistidas por Animais (IAA) relativamente ao impacto das mesmas, em crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem, no Algarve.

Este é um estudo exploratório, de carácter qualitativo que permitirá conhecer a realidade destas intervenções no Algarve, e o seu impacto nesta população.

A dissertação de mestrado é um trabalho científico que visa a obtenção de um grau académico e deve representar sempre o culminar de um trabalho de investigação. Deve ser fruto de um vasto trabalho de pesquisa, resultando num documento novo e rico em informações científicas originais. Sendo um trabalho que implica uma enorme entrega, rigor e dedicação por parte do investigador é fundamental que surja dos seus reais interesses, já que os resultados da investigação farão maior sentido, ao investigador, se tivermos paixão pelo que fazemos (Nunes, 2019, p.1).

A temática escolhida e a definição do objetivo do estudo surgem da ligação que pessoalmente sempre tive com os animais, do facto de estes fazerem parte da minha vida, pessoal e profissionalmente, aliada também ao facto de eu própria desenvolver IAA e valorizar, cada vez mais, o impacto positivo que estas intervenções podem ter no desenvolvimento das crianças.

Os benefícios da relação humano-animal não se reduzem à relação com animais domésticos e às esferas familiar ou terapêutica. “O contacto com os animais previne a alienação da natureza que muitos indivíduos experienciam e que pode prejudicar a saúde mental” (Levinson 1969, como citado por Mascarenhas 2010, p.118). Desta forma, faz sentido abordar os benefícios desta relação de um modo mais amplo, surgindo a opção pelas IAA, em vez da realização de um estudo focado apenas em práticas terapêuticas com cães ou cavalos (realidades mais conhecidas, estabelecidas e reconhecidas em Portugal).

A aplicação das IAA e a diversificação das suas metodologias em Portugal, iniciou-se, em finais do século XX, existindo diversas referências à equitação terapêutica e hipoterapia, particularmente associados às áreas da saúde e desenvolvimento motor, para posteriormente, no início do século XXI se começarem a desenvolver projetos com natureza mais diversa e com recurso ao cão para fins terapêuticos, educativos ou de inclusão social (Caçador, 2014; Freitas, 2014; Nogueira 2015; Santos 2019).

É a partir da necessidade de maior conhecimento e da nossa relação pessoal e profissional com os animais que surge a questão de partida para esta dissertação: Compreender quais os principais impactos das IAA em crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem.

Esta dissertação está estruturada em 4 capítulos, precedidos desta introdução onde é feita a explicação das motivações e pertinência do estudo.

No primeiro capítulo é feito um enquadramento teórico, onde se faz uma contextualização da evolução histórica da relação humano-animal, se definem os conceitos atualmente associados às diferentes práticas de IAA e se esboça um sucinto enquadramento teórico relativamente ao défice cognitivo e às dificuldades de aprendizagens, conceitos que muitas vezes se encontram relacionados, mas que constituem realidades distintas no desenvolvimento das crianças e estratégias de intervenção.

Seguidamente, no segundo capítulo, definem-se as opções metodológicas e os procedimentos éticos realizados e respeitados para a realização de todo o estudo.

No terceiro capítulo apresentam-se os resultados, a respetiva análise e discussão, feita de forma sequencial, seguindo-se a ordem pela qual cada assunto foi abordado com participantes do estudo.

Para finalizar, no quarto capítulo, são apresentadas as conclusões. É também elaborada uma breve reflexão sobre a pertinência deste estudo, a sua valorização, suas limitações e são apresentadas algumas sugestões para investigações futuras nesta área de estudo.

## Capítulo I - Enquadramento Teórico

### 1. Intervenções Assistidas por Animais – Evolução histórica.

Desde sempre os animais têm um papel importante na vida do Homem. No entanto, a nossa perspetiva perante e com os animais tem evoluído e variado, não só por uma questão de aumento do conhecimento, mas também como consequência das relações e crenças existentes nos diferentes sistemas sociais.

Existem relevantes referências à presença e importância dos animais, começando pelo “Animismo”, uma corrente ideológica, segundo a qual se acreditava que todo o ser vivo possui uma *alma, espírito* ou *essência* que podia ser alvo de agressões por outras *almas* e que seriam essas influências as principais causas de doença ou azar, sendo os animais vistos como os principais responsáveis por más influências espirituais (Fine, 2010).

“Os sistemas de convicções animistas são característicos de todas as sociedades caçadoras e recoletoras e entre essas sociedades os espíritos dos animais agredidos são frequentemente encarados como a fonte mais comum de influências espirituais malignas” (traduzido de Fine, 2010, p. 11).

Em sociedades recoletoras ou caçadoras existiam relações morais mais complexas entre humanos e os animais que se constituíam como alimento, incluindo crenças relacionadas com a existência de espíritos guardiões, com poderes específicos, espécies protegidas e /ou protetoras.

Nalgumas sociedades, era considerado virtualmente suicida magoar, matar ou comer qualquer membro da mesma espécie do espírito guardião de cada um. Tal como o albatroz para os antigos marinheiros, isso poderia resultar no abandono do apadrinhamento espiritual e causar infelicidade, doença e morte. Por outro lado, e num número igualmente grande de culturas, os espíritos guardiões concediam especificamente aos seus protegidos a autoridade para matar membros da sua própria espécie (traduzido de Benedict, 1929; Hallowell, 1926, como citado por Fine, 2010, p. 12.).

A percepção da relação entre humanos e animais foi evoluindo no sentido de um aumento gradual da consideração e respeito pelos animais e pela natureza, crescendo também a ideia de que a relação de cuidador de um animal tem efeitos nas capacidades de socialização, especialmente em crianças.

Já no final do século XIX surgem as primeiras teorias relativamente à influência da relação com os animais, aplicadas ao tratamento da doença mental. Em 1860, Florence Nightingale relata a importância da relação com animais de companhia no tratamento de doentes crónicos:

Um pequeno animal de companhia é frequentemente um excelente companheiro para os doentes especialmente nos casos de doença prolongada. (...). Um inválido, reportando o cuidado por uma enfermeira e por um cão, preferia infinitamente o cão “acima de tudo, ele não falava (traduzido de Nightingale, 1860, p. 14).

Nos E.U.A. em 1919, o Secretário de Interior Franklin Lane incorporou a companhia de animais na recuperação de pacientes psiquiátricos do Hospital Saint Elizabeth de Washington, e, no ano de 1942, foram incluídos animais nos programas de reabilitação para convalescentes da Força Aérea (Faracco et al., 2009, p. 232).

No século XX surge então uma aproximação entre animais e o trabalho desenvolvido por psicoterapeutas. Levinson descreve a presença de um animal de companhia em sessões de psicoterapia com crianças, como um elemento facilitador que permite, numa primeira consulta, ultrapassar as reservas iniciais da criança, aumentando a sua disponibilidade para a participação na sessão e acelera o estabelecimento da relação de confiança criança-terapeuta (Levinson, 1965, p. 696). Ainda segundo Levinson (1965), outra vantagem da presença de um animal em sessão está relacionada com o foco do pensamento da criança, o animal ajuda a focar a atenção no presente e no futuro, permitindo ultrapassar o passado:

Quando um animal de companhia é usado em psicoterapia a necessidade de linguagem é reduzida ao mínimo. O uso do animal tem, na minha opinião, o mérito adicional de colocar o foco no presente e no futuro, em detrimento do passado (traduzido de Levinson, 1965, p. 698).

Brickel (1982) por sua vez, refere-se ao animal em psicoterapia como um elemento fundamental na redução da ansiedade uma vez que se mostra como a “distração ideal”, permitindo a alteração do foco, com importantes benefícios psicológicos:

Em resumo é evidente que a distração (alteração do foco da atenção) se mostra eficaz na diminuição da ansiedade. Por consequência acredito que os animais de companhia são “distratores” ideais, o seu benéfico impacto psicossocial pode ser explicado teoricamente pela eliminação da ansiedade por via da alteração do foco de atenção e consequente desenvolvimento de padrões de resposta alternativos (traduzido de Brickel, 1982, p. 73).

É então clara, durante o século XX, uma generalização do animal como facilitador terapêutico, sendo cada vez mais aceites socialmente os benefícios de um animal de companhia e da sua inclusão em práticas terapêuticas. Multiplicam-se os programas terapêuticos com animais, surge a permissão de entrada de animais em hospitais e centros de recuperação. No entanto, para a comunidade científica faltam análises e estudos específicos, que o comprovem. Para os profissionais que recorrem a estas práticas torna-se urgente criar definições, que permitam distinguir, categorizar as diferentes tipologias de intervenção e regulamentar as práticas. Assim:

Na década de 1970, foram várias as instituições criadas e que importa referir pelo papel preponderante que desempenharam nesta área: a “*Therapy Dogs International*”, fundada em 1976 (Therapy Dogs International, 2013), a “Pet Terapia” (Heredia Vivaldini & Barros de Oliveira, 2011), e, a “*Delta Foundation*”, fundada em 1977, em Oregon, por vários médicos e veterinários (Shubert, 2012). Esta última passaria a “*Delta Society*” em 1981 e ainda mais tarde a “*Pet Partners*”, focada no treino, certificação e terapia registada, além do seu contínuo interesse na relação ser humano-animal (Pet Partners, 2012 como citado por Ferreira, 2014, pp. 17-18).

## 1.1. Intervenções Assistidas por Animais

Em 1992, surge também a *International Association of Human-Animal Interactions Organization* (IAHAIO), que cria uma primeira definição das intervenções assistidas com animais (IAA) e, em 2013, publica as suas linhas orientadoras.

De acordo com o IAHAIO White Paper (2018), podemos distinguir 4 tipologias diferentes de IAA: Terapia, Educação, Atividades e *Coaching*/Aconselhamento. Qualquer **IAA**, por definição, é uma intervenção estruturada com objetivos definidos, que inclui ou incorpora intencionalmente um animal num serviço de saúde, educativo ou social, com o propósito de proporcionar benefícios a ser humano. Envolve técnicos com conhecimento quer relativo à pessoa, quer relativo ao animal envolvido. Estas intervenções devem recorrer a uma abordagem multidisciplinar. Em qualquer destas intervenções, o profissional que as implementa (ou a pessoa que acompanha o animal durante a prática) deve possuir o conhecimento adequado relativamente ao animal, ao seu comportamento, sua saúde, suas necessidades e seus indicadores e reguladores de stress (IAHAIO White Paper, 2018, p. 5).

Ainda de acordo com a IAHAIO, **Terapia** Assistida por Animais (TAA) é uma intervenção terapêutica com objetivos previamente definidos, planificada e estruturada, dirigida e/ou aplicada por um profissional de saúde ou serviço social (incluindo por exemplo, psicólogos ou assistentes sociais). O progresso terapêutico é medido e avaliado, com recurso a registos e documentação profissional. Em TAA existe um foco no desenvolvimento físico, cognitivo, comportamental e/ou socio-emocional do paciente, quer a terapia tenha carácter individual ou em grupo (IAHAIO White Paper, 2018, p. 5).

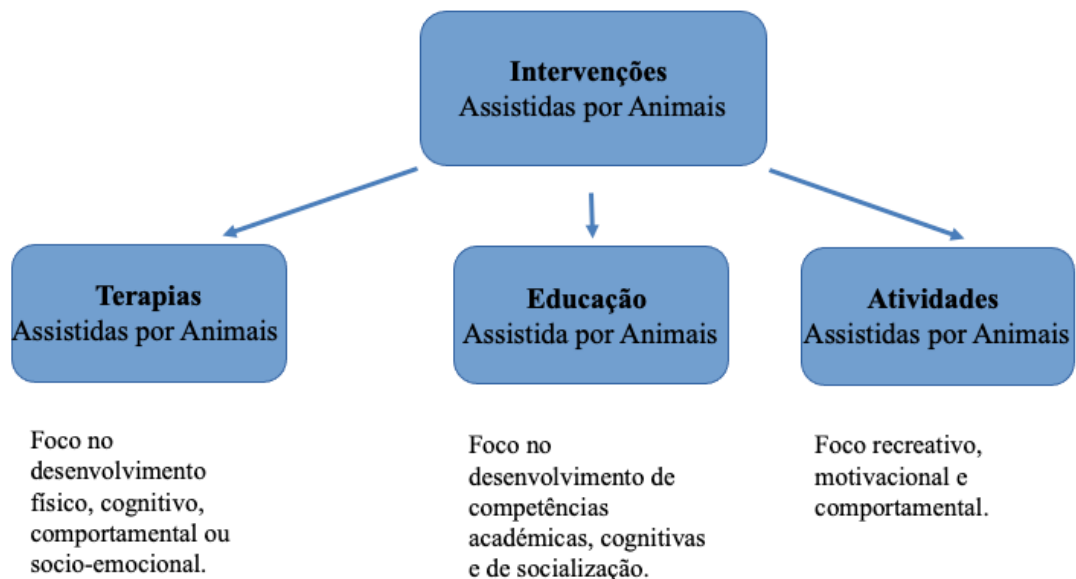
Continuando a apresentar a definição da IAHAIO, **Educação** Assistida por Animais (EAA) é também uma intervenção educativa planificada e estruturada, com objetivos previamente definidos. É dirigida e/ou aplicada por um professor ou outro profissional da área educativa, devidamente qualificado, em grupo ou de forma individual. Em EAA existe um foco no desenvolvimento de objetivos académicos, competências sociais e da função cognitiva. O progresso é avaliado e documentado (IAHAIO White Paper, 2018, p. 5).

Por fim, as **Atividades** Assistidas por Animais (AAA), são atividades planejadas com objetivos definidos, com interação e visita informal, conduzidas por uma equipa humano-animal constituída com foco educativo, motivacional ou recreativo. Esta equipa poderá igualmente trabalhar formal e diretamente com um profissional de saúde, educador ou outro profissional devidamente credenciado para a definição conjunta de objetivos; neste caso, há uma participação em TAA ou EAA, conduzidas por um especialista na sua profissão (IAHAIO White Paper, 2018, p. 5).

Embora esta perspetiva da IAHAIO, atualizada em 2018, seja bastante completa e fundamentada, está longe de ser a única visão e definição conceptual das IAAs, existindo outras visões igualmente fundamentadas e aceites, inclusivamente em publicações mais recentes, como por exemplo, a apresentada pela Animal Assisted Intervention International (AAII, 2021) e pela Pet Partners (2022) nas respetivas páginas oficiais.

O quadro 1.1 apresenta de forma sistematizada as principais características diferenciadoras das três principais formas de intervenção.

*Quadro 1.1: Síntese das diferentes formas de IAA*



## 2. A Investigação e o desenvolvimento das IAA em Portugal:

De forma que se possa ter uma noção real do estado da arte relativamente ao desenvolvimento das IAA e do modo como esta vai fazendo parte da agenda da investigação académica em Portugal, foi efetuada uma pesquisa no Serviço Descoberta da UA1g atualizado a 5/1/22, com os termos de pesquisa: Interven\* and anima\*, filtrando-se os resultados com texto integral, em português, publicados entre 2010 e 2022. Depois da remoção de duplicações obtiveram-se 157 resultados. Lendo o título e o campo “assuntos”, eliminaram-se os que não se enquadram no âmbito deste trabalho, removeram-se manualmente algumas duplicações ainda identificadas e selecionaram-se 19. Após a leitura dos resumos e breve análise de conteúdos foram ainda rejeitados 11, ficando 8 resultados, que se apresentam, por ordem alfabética:

- Bernardo, M. F. C. (2018). *Intervenções assistidas por cães como terapêutica não farmacológica em contexto hospitalar no doente internado; Revisão da literatura e considerações*. [Dissertação de mestrado, Universidade da Beira Interior]. Repositório Digital da UBI. <http://hdl.handle.net/10400.6/5306>.
- Carvalho, I. R. de. (2018). *Utilização de cães em intervenções assistidas por animais em Portugal: avaliação do bem-estar animal e proposta de regulamentação*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.5/16668>.
- Ferreira, A. R. de B. da G. S. (2014). *As terapias com recurso ao cão como estratégia de intervenção em pessoas com necessidades educativas especiais*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Évora]. Repositório da Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/11328>.
- Mascarenhas, Ã. M. D. de V. e (2010). *Educação assistida por animais: intervenção em crianças com alterações de comportamento*. [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti]. Repositório da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. <http://hdl.handle.net/20.500.11796/754>.
- Nogueira, G. M. (2015). *Terapia assistida por animais: revisão sistemática da literatura e análise exploratória da prática psicomotora*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.5/8642>.
- Nunes, B. L. B. R. F. (2019). *As intervenções assistidas por animais e o Síndrome de Rett: estudo de caso*. [Dissertação de mestrado, Universidade do Algarve]. Sapiencia Repositório da Universidade do Algarve. <http://hdl.handle.net/10400.1/13473>.
- Santos, C. M. G. dos. (2019). *Os cães de ajuda social em contexto escolar: representações, expectativas e desafios*. [Dissertação de mestrado, Universidade do Algarve]. Sapiencia Repositório da Universidade do Algarve. <http://hdl.handle.net/10400.1/12700>.
- Silva, A. L. S. A. (2019). *Empatia para com os animais & bem-estar na adolescência: diagnóstico e recomendações para a intervenção*. [Dissertação de mestrado, ISCTE Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do ISCTE-IUL. <http://hdl.handle.net/10071/19481>.

A análise destas referências, demonstrou que, embora as IAA sejam uma realidade em Portugal, já estabelecida e reconhecida, com diversas associações e entidades que as promovem e credibilizam, esta é uma área de atuação onde ainda há muito por estudar e explorar.

Em Nunes (2019) pode ler-se:

...obteve-se informação sobre os projetos dinamizados pelas Associações Kokua, Ânimas, R.E.A.D Portugal, Ladra Comigo, entre outras, dinamizados em centros hospitalares, escolas, bibliotecas, lares de idosos e até instituições prisionais. A informação recolhida dos *sites* das respetivas entidades, expõe a relevância destes projetos, pois são exemplos de sucesso no recurso às intervenções assistidas por animais. É ainda de salientar que o ISPA deu início à sua Pós-graduação em TAA em 2013, bem como em 2017 foi realizado o I Congresso Internacional sobre Animais de Ajuda Social, onde grande parte das organizações e fundações, anteriormente referidas, tiveram oportunidade de expor e divulgar o trabalho desenvolvido nos últimos anos em Portugal e em Espanha (p. 10).

Consultando as respetivas páginas de Internet foi possível verificar que as instituições acima referidas têm todas a sua génese já no século XXI (Ânimas, surge em 2002; R.E.A.D. Portugal, é fundada em 2015 e a Kokua é fundada em 2016).

Nas associações/entidades acima referidas, o animal central para o desenvolvimento das intervenções é o cão.

Igualmente nas restantes referências selecionadas o cão é o animal eleito para o desenvolvimento das intervenções e, portanto, uma peça central dos respetivos estudos, o que é facilmente verificável numa primeira análise dos títulos referidos, uma vez que, em 8 referências, 4 têm a palavra cão ou cães no título.

No entanto, sabemos que as IAA contam com a participação de outros animais, em Nogueira (2015), pode ler-se “Pela análise dos estudos selecionados, constatou-se que o tipo de animal

utilizado na intervenção terapêutica inclui cavalos, cães, burros, golfinhos, pássaros, lamas e coelhos” (p. 2).

Caçador (2014) na sua dissertação de mestrado, com o tema “A importância da hipoterapia nas crianças autistas”, refere mesmo que as IAA terão surgido em Portugal em 1980, com os primeiros passos da equitação terapêutica em Portugal

Em Portugal, a equitação com fins terapêuticos deu os primeiros “passos” em 1980, no Algarve, onde, Beverly Gibbons e Katheryn Watson desenvolveram e dirigiram a Associação Hípica para deficientes de Faro, destinada a portadores de Paralisia Cerebral. Posteriormente, criaram uma valência em Lisboa, (Associação Hípica para deficientes de Cascais) tendo como principal objetivo assistir às carências detetadas na região. Atualmente, as duas associações supramencionadas, em colaboração com diversos núcleos de associações para deficientes, têm vindo a proporcionar a implementação desta terapia noutros distritos de Portugal (Beja, Braga, Coimbra, Évora, Porto e Aveiro – escola equestre de Cacia e Albergaria), suscitando grande procura, em oposição à pouca oferta, não só para este tipo de deficiências, mas também para autistas e crianças com problemas de comportamentos (Caçador, 2014, p. 46).

É assim possível verificar uma evolução significativa na diversidade de metodologias e aplicação das IAA em Portugal, começando pela existência de referências à equitação terapêutica e hipoterapia.

O Centro Hípico da Costa do Estoril distingue estas duas valências da equitação com fins terapêuticos, definindo hipoterapia como uma abordagem de orientação clínica, conduzida por profissionais de saúde com o apoio de equitadores e de cavalos treinados para o efeito. O objetivo é reabilitar através do movimento do cavalo e não o ensino equestre. Aplica-se quando os objetivos prioritários no processo de reabilitação do indivíduo são neuromotores. Ainda segundo este centro, quando os objetivos são psicomotores e mais orientados para necessidades específicas na área educacional, psicológica ou cognitiva, estamos perante equitação terapêutica, onde podem ser

contemplados progressos no ensino de montar a cavalo. Neste caso, o técnico responsável é o terapeuta ou o equitador que trabalham em estreita parceria com todos os intervenientes no processo de reabilitação (educadores, psicólogos e terapeutas) no sentido da definição de objetivos terapêuticos (Centro Hípico do Estoril, 2022).

Em finais do século XX começaram a surgir projetos de IAA em Portugal, maioritariamente associadas à área da saúde e do desenvolvimento motor - veja-se Caçador (2014), Freitas (2014) e Santos (2019). Posteriormente, no início do século XXI, começaram a desenvolver projetos de IAA já com naturezas mais diversas e com recurso ao cão para fins terapêuticos, educativos ou de inclusão social. Segundo Nogueira (2015) “com o passar dos anos os trabalhos de investigação vão ganhando maior rigor científico e aperfeiçoamento na exposição dos dados, permitindo um maior alcance dos mesmos e aplicação a estudos posteriores” (p. 30).

Este aumento da fundamentação científica das práticas, o crescimento no número de projetos desenvolvidos em IAA e de estudos e artigos científicos publicados a nível nacional, segue uma tendência que também podemos verificar existir a nível internacional. Por exemplo: McCune et al. (2014) no artigo sobre a evolução da investigação relativa aos mútuos benefícios da interação humano-animal, fala-nos de um aumento sem precedentes da investigação desde 2008, e de um consequente crescimento do conhecimento e compreensão dos benefícios desta interação.

## **2.1. Benefícios das IAA**

Relativamente aos benefícios das IAA, é importante referir que se encontra quer nesta, quer em pesquisas mais amplas (internacionalmente) a referência ao animal como elemento ou recurso facilitador da intervenção. Bernardo (2018) indica-nos que o “o cão funciona como catalisador do processo terapêutico” (p. 54), e para Ferreira (2014) “O animal é um agente facilitador para a terapia” (Mallon, 1994, como citado por Ferreira 2014, p.31).

Da análise dos artigos referidos é ainda possível verificar a existência de referências a diversas tipologias de benefícios das IAA, ao nível do bem-estar, do comportamento e do relacionamento, das quais destaco:

Foram obtidos alguns aumentos significativos de comportamentos positivos, o que demonstra ser um indicador de sucesso deste projeto. Outros indicadores de sucesso que

vale a pena salientar foram o interesse que o projeto despertou na comunidade educativa, e principalmente, o impacto positivo que teve nas crianças revelado nas suas expressões de alegria. (Mascarenhas, 2010, p. 118)

Ao nível dos benefícios relacionados com indicadores de estresse, dor ou tensão, Nunes destaca como vantagens da presença do animal nas sessões de fisioterapia a diminuição dos comportamentos estereotipados e da tensão muscular, salientando que “a jovem fica mais relaxada e com maior predisposição para a execução dos exercícios motores, orientados pelo fisioterapeuta” (Nunes, 2019, p. 84). Destaca-se ainda:

A diminuição da dor foi corroborada pela totalidade dos estudos revistos. A ansiedade e stress apresentaram resultados encorajantes em alguns dos estudos analisados. A depressão apresentou resultados não consensuais, sendo um parâmetro pouco estudado no contexto do doente internado e, mais frequentemente, analisado na avaliação de doentes geriátricos institucionalizados (Bernardo, 2018, p. 54).

Ferreira (2014) destaca ainda benefícios relacionados com o desenvolvimento cognitivo e das atividades educativas “Observou-se que a TAA estimula e promove a aprendizagem e a participação de indivíduos com NEE.” (p. 80).

Também para Santos (2019), o impacto ao nível educativo não é circunscrito apenas ao público-alvo direto da intervenção:

O estudo revela que o recurso [Cães de ajuda social] é valorizado por professores de educação especial, técnicos especializados, técnicos especialistas em intervenções assistidas por animais e encarregados de educação dos alunos que beneficiaram da intervenção na escola. Mostrou também que os contributos deste tipo de intervenção não se esgotam nas crianças e jovens com necessidades educativas especiais e são extensíveis a outros, de forma

indireta, nomeadamente aos restantes alunos da turma, aos profissionais envolvidos e às famílias (Santos, 2019, p. 104).

É então, cada vez mais consensual, quer para a comunidade académica e científica, quer para as diferentes comunidades envolvidas nestas intervenções (comunidade escolar, psicomotricistas, psicólogos, terapeutas, médicos veterinários, etc.) que esta é uma ferramenta com diversas aplicações e com benefícios claros para o desenvolvimento integral do ser humano, com particular aplicação em crianças com défice cognitivo e ou dificuldades de aprendizagem.

Internacionalmente também existem diversos estudos que demonstram a existência de vários benefícios das IAA, de forma sucinta destacamos ao nível dos benefícios das EAA os contributos de Gee et al. (2017), que nos reportam benefícios específicos ao nível da diminuição do estresse, otimização do processo de aprendizagem com resultados práticos relativamente à diminuição do tempo necessário para a aprendizagem e aumento da capacidade de participação em contexto de sala de aula, e de Hall et al. (2016), que especificamente relacionado com programas de leitura assistida por cães nos transmite:

Muitos dos artigos revistos fazem referência a melhorias do comportamento nas sessões de programas específicos de leitura assistida com cães. Esta alteração de comportamento é um indicativo de que a leitura assistida pode melhorar o ambiente de aprendizagem de forma global o que poderá consequentemente melhorar as capacidades de leitura. (Traduzido de Hall et al., 2016, p. 14)

Os benefícios citados por autores nacionais, relativamente às TAA, estão igualmente referidos em publicações internacionais. McNicholas e Collis (2010), referem o cão em contexto terapêutico como um catalisador das interações sociais, com especial destaque para as interações com estranhos. Founier (2019), refere um dos principais benefícios como o facto do animal funcionar como anódino, um elemento que provoca bem-estar, diminui a dor e reduz o desconforto.

### **3. As dificuldades de aprendizagem e o défice cognitivo**

Antes de definir os conceitos de défice cognitivo e dificuldades de aprendizagem é importante fazer uma contextualização do que se entende por deficiência e quais os fatores que a influenciam.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2011), a definição de deficiência é um conceito complexo. No entanto, “a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) fez avançar a compreensão e a mensuração da deficiência (...)” onde “ênfatiza os fatores ambientais para a criação de deficiências.” (p. 5).

De acordo com esta organização, os problemas de funcionalidade humana são categorizados em três áreas que se podem interligar: (1) alterações das estruturas e funções corporais; (2) limitações e (3) restrições à participação. Definindo-se deficiência como dificuldade existente em uma, duas ou três destas áreas de funcionalidade. Assim, a deficiência surge da relação entre problemas de saúde e fatores contextuais – fatores ambientais e pessoais (OMS, 2011)

Ainda de acordo com a OMS “Prevenir a deficiência deve ser visto como uma estratégia multidimensional que inclui a prevenção das barreiras incapacitantes assim como a prevenção e o tratamento dos problemas de saúde subjacentes” (Relatório Mundial sobre a Deficiência, 2011, p. 9).

De forma a atuar preventivamente de modo adaptado e inclusivo conhecendo e respeitando a individualidade de cada um, surge a necessidade de classificar as perturbações de forma específica. Atualmente uma ferramenta reconhecida para esta classificação é o DSM-5 – Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (2014) que permite classificar em categorias as perturbações do neurodesenvolvimento. De acordo com este manual estas podem ser classificadas em sete categorias, nomeadamente: (1) perturbações do desenvolvimento intelectual; (2) perturbações da comunicação; (3) perturbações do espectro do autismo; (4) perturbações de défice de atenção e hiperatividade; (5) perturbações específicas da aprendizagem; (6) perturbações motoras e (7) outras perturbações do neurodesenvolvimento.

Por vezes, mesmo para os agentes educativos (professores, auxiliares e familiares) torna-se difícil o entendimento do conceito de perturbações específicas da aprendizagem.

Quer o conceito de défice cognitivo, quer a identificação de dificuldades de aprendizagem no percurso escolar e desenvolvimento de uma criança, estão intimamente ligados com a definição de inteligência e a capacidade de adaptação.

Nuno Lobo Antunes (2009, p. 21), num livro pensado para pais, professores e psicólogos, define inteligência como “um conjunto de capacidades diversas que permitem a alguém adaptar-se a situações ainda não experimentadas e criar associações novas”.

Não existe uma definição totalmente aceite e considerada cientificamente como universal, para dificuldades de aprendizagem, mas relativamente ao diagnóstico de défice cognitivo, a comunidade médica e científica já possui diversas ferramentas bem definidas para avaliar e diagnosticar a sua existência. “Alguém tem um défice cognitivo quando o seu Q. I, é inferior a 70 e apresenta dificuldades de adaptação às tarefas necessárias a um quotidiano independente, de acordo com o esperado para a sua idade” (Antunes, 2009, pp. 23-24).

É perante a necessidade de maior compreensão e intervenção ao nível dos sistemas educativos, e a necessidade de criação de ferramentas e estratégias diversificadas de aprendizagem, que começam a desenvolver-se novas definições e surge então o termo “dificuldades de aprendizagem”, destacando-se um maior foco educacional em detrimento do foco médico vigente até então. Em 1962, Samuel Kirk define dificuldades de aprendizagem como sendo:

um atraso, desordem ou imaturidade num ou mais processos da linguagem falada, da leitura, da ortografia, da caligrafia ou da aritmética, resultantes de uma possível disfunção cerebral e/ou distúrbios de comportamento e não dependentes de uma deficiência mental, de uma privação sensorial, de uma privação cultural ou de um conjunto de fatores pedagógicos (Kirk, 1962, como citado por Correia, 1991, p. 38).

Posteriormente e até à atualidade, têm surgido diferentes definições para as dificuldades de aprendizagem e dificuldades de aprendizagem específicas.

Atualmente podemos encontrar a seguinte definição geral:

Uma dificuldade de aprendizagem é um distúrbio neurológico. Simplificadamente, uma dificuldade de aprendizagem resulta de uma diferença na maneira como estão feitas as “ligações” no cérebro de uma pessoa. Crianças com dificuldades de aprendizagem são tão ou mais espertas que os seus pares. No entanto, podem apresentar dificuldades na leitura,

escrita, ortografia, raciocínio, memória e/ou organização da informação, quando ensinadas de maneira convencional ou em autonomia.

Uma dificuldade de aprendizagem não pode ser curada ou reparada; é uma condição para a vida. Contudo, com adaptações e intervenções adequadas, as crianças com dificuldades de aprendizagem podem alcançar o sucesso escolar e mais tarde vir a construir carreiras de sucesso, frequentemente notáveis.

Os Pais e Educadores podem ajudar as crianças com dificuldades de aprendizagem a alcançar este sucesso, encorajando os seus pontos fortes, conhecendo as suas fraquezas, conhecendo/ o sistema educativo, trabalhando com profissionais e aprendendo estratégias para lidar com as suas dificuldades específicas (LD OnLine WETA Public Television, s.d.).

Em Portugal, não existe uma definição oficial do conceito de Dificuldades de Aprendizagem (DA) (Albuquerque, 2019 citado por Sousa, 2021), existindo dois significados de DA:

O primeiro é limitado a um número menor de profissionais envolvidos e onde as DA constituem uma deficiência específica na aprendizagem, numa ou mais áreas académicas, que não resulta de deficiências intelectuais, sensoriais ou distúrbios emocionais. O sentido mais amplo é usado pela maioria das escolas e profissionais, sendo que as DA abrangem um leque de problemas na aprendizagem comuns nas escolas, de natureza temporária ou permanente e de origem intrínseca ou extrínseca aos alunos (Correia, 2007, como citado por Sousa, 2021, p. 5).

Antunes (2009), salienta a distinção entre Dificuldades de Aprendizagem Específicas e Déficit Cognitivo, esclarecendo que esta corresponde a uma dificuldade seletiva para determinadas tarefas, enquanto o déficit cognitivo corresponde a uma dificuldade generalizada em aprender.

É ainda importante salientar que embora não exista na atual legislação referência às dificuldades de aprendizagem específicas e às medidas a adotar, a mesma legislação surge do compromisso para a educação inclusiva onde:

As opções metodológicas subjacentes ao presente decreto-lei assentam no desenho universal para a aprendizagem e na abordagem multinível no acesso ao currículo. Esta abordagem baseia-se em modelos curriculares flexíveis (...) e na opção por medidas de apoio à aprendizagem, organizadas (...) de acordo com as respostas educativas necessárias para cada aluno adquirir uma base comum de competências, valorizando as suas potencialidades e interesses. (...) Redefinem-se, a partir de uma visão holística, as atribuições das equipas multidisciplinares na condução do processo de identificação das medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão, em função das características de cada aluno, no acompanhamento e na monitorização da eficácia da aplicação dessas mesmas medidas, reforçando o envolvimento dos docentes, dos técnicos, dos pais ou encarregados de educação e do próprio aluno” (DL n.º 54/2018, p. 2919).

Assim, mesmo não existindo referências específicas, na legislação, à utilização das IAA em contexto educativo ou terapêutico, já existem evidências de que estas podem constituir uma mais-valia para o desenvolvimento de crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem, podendo encontrar-se como medidas de apoio à aprendizagem e desenvolvimento.

## Capítulo II – Metodologia

De acordo com a revisão bibliográfica e o enquadramento teórico previamente apresentado, define-se como problemática desta investigação a compreensão das diversas dimensões do impacto das IAA em crianças com défice cognitivo e ou dificuldades de aprendizagem, desde a perspetiva dos profissionais que as desenvolvem.

### 1. Paradigma de Investigação

Conforme mencionado previamente, existem várias publicações de referência ao nível internacional sobre este tema. Aliás, as práticas de intervenções assistidas por animais, quer no âmbito terapêutico quer no âmbito educacional, são alvo de vários estudos quer nacionais, quer internacionais (veja-se, por exemplo, as referências Brickel, 1982, Ferreira, 2014 e Bernardo 2018). No entanto, em Portugal esta não é ainda uma prática amplamente conhecida nem divulgada; não só existem poucas referências bibliográficas recentes, como as encontradas se referem sobretudo a estudos de caso, ou têm o foco numa hipótese específica.

O presente trabalho é assim de um estudo exploratório, no qual se pretende observar o que acontece sem a manipulação de variáveis.

Assim, quanto à metodologia, o presente estudo recorre a uma metodologia qualitativa.

O investigador baseia o inquérito no pressuposto que a obtenção de diversos tipos de dados permite obter uma melhor compreensão acerca de um dado problema sob investigação, ao invés de dados exclusivamente qualitativos ou quantitativos. O estudo inicia-se com um levantamento alargado de modo a obter resultados gerais para uma dada população, e então, numa segunda fase, foca-se em entrevistas qualitativas semi-estruturadas, de modo a recolher visões detalhadas de cada participante, ajudando a explicar [os resultados obtidos no] levantamento inicial (Creswell, 2014, pp. 54-55).

Bogdan e Briklen (1994) definem a investigação qualitativa como um processo de investigação descritivo onde os investigadores “tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto possível, a forma em que estes foram registados ou transcritos” (p. 48).

Numa investigação qualitativa a análise dos dados é realizada de forma indutiva, não existindo uma necessidade de confirmação de hipóteses previamente estabelecidas. É assim uma forma de estudo onde os resultados vão tomando forma “Com base em muitas peças individuais de informação recolhida que são inter-relacionadas” (Bogdan & Briklen, 1994, p.50).

Embora frequentemente se considere que as investigações de carácter qualitativo e quantitativo são naturalmente opostas, a realidade é que estas metodologias podem ser complementares e contribuir para o enriquecimento de um estudo. A investigação quantitativa ajuda a identificar a realidade enquanto a investigação qualitativa ajuda a explicar, a compreender o quê e o porquê (Ribeiro, 2007).

Assim, este é um estudo, de carácter exploratório, qualitativo que poderá constituir-se como uma base de trabalho relativamente ao tema e às práticas de IAA no Algarve. É um estudo inicial que, fornece informações e determina novas questões de pesquisa e poderá ser complementado e aprofundado, através da realização de novos estudos quer de carácter qualitativo, quer de carácter quantitativo, de forma a complementar as conclusões apresentadas.

## **2. Questão de partida**

Este trabalho de investigação surge, no âmbito deste mestrado, não só da minha relação com a prática de IAA, mas também da necessidade de conhecer melhor a realidade destas práticas no Algarve. É igualmente importante compreender de que forma estas práticas educativas e terapêuticas têm impacto nas crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagens.

Assim, surge naturalmente a questão de partida para este estudo: perceber qual o impacto das IAA em crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem.

## **3. Objetivos da investigação**

Uma vez definida a questão de partida, tendo em conta a revisão bibliográfica e o enquadramento teórico realizados o passo seguinte foi definir o objetivo geral e os objetivos específicos do estudo.

### **3.1. Objetivo geral**

Não sendo possível avaliar o impacto das IAA diretamente na criança (por questões logísticas e limitações impostas pela situação pandémica) estabeleceu-se como objetivo geral: compreender qual a perceção dos técnicos de saúde e educação, com mais de um ano de experiência, na implementação e/ou acompanhamento de IAA relativamente ao impacto das mesmas, em crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem, no Algarve, a nível individual, social e familiar.

### **3.2. Objetivos específicos:**

- Realizar um levantamento das entidades que promovem IAA no território algarvio e caracterizar a oferta existente;
- Caracterizar a envolvimento e receptividade social às IAA no Algarve;
- Identificar quais os principais beneficiários destas IAA no Algarve;
- Compreender de que forma a pandemia por Covid-19, afetou o desenvolvimento das IAA, em crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem, segundo a opinião dos técnicos e familiares;
- Conhecer quais os apoios extraordinários existentes, face aos impactos da pandemia, para este setor de atividades.

### **4. Amostra**

O processo de definição da amostra inicia-se pela identificação da população em estudo. Aqui é necessário não só identificar os elementos desta população, como a dimensão da mesma (Creswell, 2014).

Em Portugal, esta não é uma atividade regulamentada e reconhecida quer a nível fiscal quer em termos de legislação laboral. A grande maioria das entidades e dos técnicos que desenvolvem estas atividades fazem-no de forma independente, através de regimes de prestação de serviços e/ou criando as suas próprias empresas ou associações. Analisando a classificação portuguesa das atividades económicas, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 381/2007, de 14 de novembro, apenas se

encontra referência direta a hipoterapia, não existindo outras referências gerais ou específicas às IAAs.

Na categoria de “outras atividades de saúde humana”, pode ler-se:

Compreende todas as atividades de saúde humana não incluídas nas subclasses anteriores, nomeadamente, análises clínicas, enfermagem, recolha de sangue e de órgãos, cuidados de saúde prestados em ambulâncias, fisioterapia, optometria, ortóptica, dietética, hidroterapia, massagem médica, ginástica médica, terapia (ocupacional, da fala, etc.), quiropodia, homeopatia, acupuntura, hipoterapia, psicologia e atividades similares, exercidas em consultórios privados, nos postos médicos das empresas, escolas, lares, no domicílio ou noutros locais. Estas atividades não envolvem tratamento médico (Decreto-Lei n.º 381/2007 - Diário da República n.º 219/2007, Série I de 2007, pp. 11-14)

Assim, o levantamento das diferentes entidades a realizar IAA no Algarve, foi realizado com base na pesquisa bibliográfica de investigações realizadas em Portugal na mesma área de conhecimento, no contacto direto com colegas que promovem estas intervenções, pesquisa junto de instituições que recorrem às mesmas e recorrendo a referências nas redes sociais.

Num primeiro levantamento foi possível identificar treze entidades e/ou técnicos que promovem ou acompanham IAA no Algarve. No entanto, quando contactada uma das técnicas informou-nos que já não se encontra a promover IAA e mostrou-se indisponível para a participação neste estudo. Assim, restaram doze entidades que se apresentam por ordem alfabética: APATRIS21 (Associação de Portadores de Trissomia 21 do Algarve), APPC Faro (Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral de Faro), Cãomunicar, Galopando para a vida, Associação Kokua – cães de ajuda social, L.E.R. Cãofiante, Lura – aprender naturalmente, Pinetrees, Quinta do Barco-Cheio, Quinta do Paraíso Alto, Quinta Pedagógica de Portimão e Rehabther.

Uma vez definida a população, procurou-se uma amostra representativa, sendo uma amostra intencional heterogénea, ou seja, recorrendo à definição de Ribeiro (2007) o conjunto de indivíduos que possuem a variável são intencionalmente escolhidos para garantirem a representatividade.

Foram realizados vários contactos e, de acordo com a disponibilidade apresentada, foi possível constituir uma amostra de onze técnicos, o que possibilitou a realização de dez entrevistas (a pedido de dois dos técnicos entrevistados uma das entrevistas conta com a participação de dois técnicos diferentes envolvidos no mesmo projeto).

Os técnicos entrevistados, possuem formação de base variada, sendo oito profissionais de saúde (três psicólogos, um terapeuta da fala, um licenciado em enfermagem, um terapeuta ocupacional, um formado em reabilitação psicomotora e um fisioterapeuta), dois da área de educação e um da área das humanidades.

O relacionamento destes técnicos com as IAA é diverso, oito são responsáveis pela intervenção e dois afirmam pertencer a uma equipa multidisciplinar.

A grande maioria (10 dos 11 entrevistados) dos técnicos possui formação específica na área das IAA.

#### **4. Instrumentos de recolha de dados**

Para a definição do enquadramento teórico e dos conceitos base para o desenvolvimento do processo de investigação, foi realizada uma pesquisa bibliográfica inicial. Foram analisadas obras de referência relativas à evolução histórica da relação entre humanos e animais, referências nacionais e internacionais que permitiram a definição dos conceitos associados às IAA e respetiva nomenclatura e por fim, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para a definição do estado da arte em Portugal.

Neste trabalho, o principal método de recolha de dados é a entrevista semi-estruturada. Foi elaborado um guião prévio com diferentes tipos de questões: de ambiente/demográficas, de conhecimento, de sentimento, de opinião, de valor, de experiência/comportamento (Patton, 1990; Maykut & Morehouse, 1994, pp. 90-91, como citados por Amado, 2014, p. 218).

O guião da entrevista (apêndice A), encontra-se dividido por seis blocos temáticos: (1) Caracterização do técnico e dos animais, (2) Caracterização da envolvimento e da receptividade social às IAA, (3) Caracterização geral dos beneficiários das IAA, (4) Caracterização das sessões com crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem, (5) Avaliação do impacto das IAA, (6) Avaliação dos Efeitos da pandemia, com definição de objetivos específicos, questões

gerais e questões de orientação ou aprofundamento. Desta forma, “com entrevistas semi- estruturadas, fica-se com a certeza de se obter dados comparáveis entre os vários sujeitos” (Bogdan & Briklen, 1994, p. 135).

Ao dar início à entrevista, o entrevistado foi informado do objetivo do estudo, foi-lhe garantida a confidencialidade dos dados e concedeu a sua autorização para se proceder à gravação áudio da mesma.

Uma vez que a qualidade de uma entrevista está diretamente relacionada com o facto de o sujeito entrevistado estar à vontade e falar livremente dos seus pontos de vista (Bogdan & Briklen, 1994), procurou-se realizar as entrevistas de forma individual, presencialmente ou on-line (de acordo com a preferência do entrevistado ou com as restrições sanitárias existentes, no momento da entrevista). No caso das entrevistas realizadas presencialmente, o local para a sua realização foi escolhido pelo entrevistado, de forma a garantir a privacidade e o à-vontade necessários. Foi mantida durante toda a entrevista uma atitude informal, de curiosidade e aprendizagem.

Para proceder à análise de conteúdo das entrevistas, foi feita a transcrição naturalista das mesmas.

A transcrição naturalista corresponde à transcrição minuciosa do que é dito e exatamente como é dito e preconiza a preservação dos diferentes elementos da entrevista para além do conteúdo verbal, tais como a linguagem não-verbal, aspetos contextuais e de interação entre o entrevistador e o entrevistado (ou de terceiros envolvidos) (Oliver *et al.*, 2005). Por outro lado, segundo os mesmos autores, a transcrição não naturalista privilegia o discurso verbal e centra-se na omissão dos elementos idiossincráticos do discurso, tais como gaguez, pausas, vocalizações involuntárias e linguagem não-verbal, apresentando-se, por isso, como uma transcrição mais polida e seletiva (Azevedo *et al.*, 2017, p.163).

Assim, a opção pela transcrição naturalista, procurando preservar ao máximo os diferentes elementos da entrevista, prende-se com a intenção de manter um carácter objetivo e impessoal, de forma a garantir uma maior precisão e fiabilidade dos resultados.

Importa também referir que as transcrições foram realizadas com recurso ao *software* de acesso livre “Otranscribe”, que permite reduzir a velocidade de reprodução do arquivo áudio, o que em alguns casos se mostrou uma mais-valia importante, devido às diferentes pronúncias e velocidades de discurso.

A partir destas transcrições foi possível proceder à análise sistemática dos conteúdos com codificação de palavras-chave, sinalização de expressões em comum.

## **5. Procedimentos Éticos**

Desde o início, na realização deste estudo foram seguidas e respeitadas as normas e regulamentos definidos pela Comissão de Ética da Universidade do Algarve, existindo uma preocupação constante pelo respeito dos aspetos gerais de ética, na planificação da investigação e na responsabilidade assumida durante a sua execução.

Duas questões dominam o panorama recente no âmbito da ética relativa à investigação com sujeitos humanos: o consentimento informado e a proteção dos sujeitos contra qualquer espécie de danos. Tais normas tentam assegurar o seguinte:

1. Os sujeitos aderem voluntariamente aos projetos de investigação, cientes da natureza do estudo e dos perigos e obrigações nele envolvidos.
2. Os sujeitos não são expostos a riscos superiores aos ganhos que possam advir (Bogdan & Briklen, 1994, p. 75).

Assim, importa referir que todos os sujeitos participantes neste estudo foram contactados pessoalmente, por telefone ou através da marcação de reuniões *on-line* e, num primeiro contacto, foi exposta a natureza e objetivos do estudo para a obtenção do consentimento informado. Este documento, apresenta os objetivos do estudo e garante a confidencialidade de toda e qualquer identificação dos sujeitos envolvidos na entrevista (Anexo 2).

A realização do presente trabalho mereceu parecer favorável do Encarregado da Proteção de Dados da Universidade do Algarve e foi aprovado pela Comissão de Ética (Anexo 1).

Todos os sujeitos participaram de livre e espontânea vontade, reconhecendo a realização do próprio estudo como um importante incentivo à participação.

Dois dos técnicos entrevistados, colocaram previamente, através do primeiro contacto telefónico, uma condição à sua participação, uma vez que trabalham em equipa multidisciplinar num mesmo projeto e que um deles afirma não falar bem português e não estar à vontade para a realização da entrevista sozinho estes dois técnicos pediram para a realizar em conjunto. Apenas por esta razão e para respeitar a sua vontade valorizando o seu testemunho, uma das entrevistas realizadas, conta com a participação de dois técnicos em simultâneo.

Com o objetivo de honrar os compromissos assumidos perante todos os sujeitos entrevistados foram realizadas as seguintes diligências:

- Codificação das entrevistas – a cada entrevista foi atribuído um número e ocultado o nome do entrevistado;
- Codificação ou omissão de elementos identificativos – foram retirados ou substituídos por iniciais ao acaso ou nomes fictícios, os nomes ou siglas das instituições, os nomes dos animais e os nomes das crianças, familiares ou técnicos mencionados;
- Divulgação da lista de todas as entidades participantes neste estudo e das que foi possível verificar que desenvolvem IAA no Algarve à data da realização do levantamento de entidades (fevereiro de 2021) – esta lista encontra-se disponível no subcapítulo Amostra, com as entidades organizadas por ordem alfabética.

### Capítulo III – Apresentação e discussão dos resultados

Após a transcrição (Apêndice B), foi efetuada uma primeira leitura de todas as entrevistas de modo a proceder à sua codificação e à organização dos dados.

De acordo com o guião da entrevista e os objetivos definidos, foram criadas seis categorias de análise e dentro destas categorias, especificaram-se diferentes subcategorias diretamente relacionadas com as questões colocadas.

No Quadro 3.1, apresenta-se a definição das categorias, subcategorias e as questões associadas.

*Quadro 3.1. - Categorias e subcategorias do guião da entrevista*

Categoria		Subcategoria	Questões
1	Caracterização do Técnico e dos animais	Relação com as IAA	Papel nas IAA (técnico responsável, parte de equipa multidisciplinar, acompanhante)
		Formação profissional	Qual a formação inicial e continua relacionada com IAA?
		Percurso profissional	Percurso nas IAA, sempre a mesma instituição?
		Motivações	Qual a principal motivação para as IAA?
		Animais envolvidos nas IAA	Com que animais são desenvolvidas as IAA?
2	Caracterização da envolvimento e da recetividade social às IAA	Identificação de Apoios e Barreiras	Qual a recetividade da sociedade envolvente quando começou as IAA?
			Quais os principais apoios?
			Quais as principais barreiras?
		Intervenção das autarquias locais e financiamentos disponíveis	Existiu apoio por parte da autarquia local, financeiro ou outro?
			Existiram outras fontes de financiamento?
3	Caracterização geral dos beneficiários das IAA	Identificar o público-alvo das sessões	Quais os beneficiários das IAA?
4	Caracterização das sessões com crianças com défice cognitivo e/ou	Identificar o âmbito das sessões	Qual o contexto das sessões, terapêutico, educacional ou outro?
			Sessões individuais ou em grupo?

	dificuldades de aprendizagem	Caracterização do desenvolvimento das sessões	Qual a regularidade das sessões?
Qual a duração das sessões?			
Qual o tempo médio de duração do acompanhamento?			
5	Avaliação do impacto das IAA	Impacto nas crianças	Quais os principais benefícios das IAA?
			Qual o principal impacto?
		Impacto social	Existe impacto social?
		Impacto nas famílias	Estas atividades influenciam a dinâmica e vida familiar?
6	Avaliação dos Efeitos da pandemia	Identificar a forma como a pandemia afetou o decorrer das IAA	De que forma a pandemia afetou as IAA?
		Identificar a forma como a pandemia afetou o impacto das IAA nas crianças	De que forma a pandemia afetou o impacto das IAA nas crianças?
		Identificar de que forma a pandemia afetou a perceção do impacto das IAA	Notou nas crianças, nos seus familiares ou no grupo social envolvente alguma alteração na perceção do impacto das IAA?
		Conhecer quais os apoios extraordinários existentes, face aos impactos da pandemia	A instituição ou projeto beneficiou de algum apoio financeiro extraordinário para fazer face a esta realidade?

## 1. Caracterização da oferta existente ao nível das IAA no Algarve

Após a definição da população deste estudo, foi definida a amostra, que inclui onze sujeitos que promovem ou acompanham IAA no Algarve.

Os dados seguidamente apresentados referem-se aos resultados obtidos através da análise de conteúdo das entrevistas.

### 1.1. Caracterização dos técnicos e dos seus animais

**1.1.1. Relação com as IAA.** De entre os sujeitos entrevistados, oito consideram-se os técnicos responsáveis pela implementação das IAA e dois afirmam pertencer a uma equipa multidisciplinar, sendo que um deles também afirma acompanhar sessões.

Importa referir que mesmo os sujeitos que se consideram técnicos responsáveis pela implementação destas práticas referem a existência de trabalho em equipa e/ou multidisciplinariedade, com referências como *“Posso utilizar na equipa auxiliares, para controlar os cavalos, ou auxiliares laterais, ou conferir com professores das escolas...”*(E8); *“também acompanho uma equipa multidisciplinar”*(E6); *“mas eu faço parte de uma equipa... eles vêm com os técnicos que estão a trabalhar com esses utentes, é uma psicóloga e uma assistente social”*(E4), existindo também uma referência à inexistência de trabalho em equipa e intenção de criar as condições necessárias à sua introdução: *“ainda não trabalho com uma equipa multidisciplinar, o projeto está a trabalhar para isso”*(E10). Assim, embora a grande maioria dos técnicos entrevistados se considere responsável pela implementação das atividades, em dez entrevistas, encontram-se sete referências ao trabalho em equipa ou multidisciplinar.

O facto de se encontrarem estas referências ao trabalho em equipa ou multidisciplinar em 70 % das entrevistas, vai claramente ao encontro quer das linhas orientadoras e definições para as práticas de IAA definidas por diversas associações de referência (IAHAIO, 2018; AAI, 2022; PetPartners 2021), quer das recomendações definidas pela OMS, quer do próprio Decreto-Lei n.º 54/2018 revelando a atualização e enquadramento destes profissionais.

**1.1.2 Formação profissional.** Importa relembrar que, embora se tenham realizado dez entrevistas, foram entrevistados onze técnicos, pois dois dos técnicos, uma vez que trabalham em equipa, preferiram participar em conjunto e esse pedido foi aceite, de modo a garantir que se sentiam à vontade e disponíveis para colaborar neste estudo. Na análise das transcrições as contribuições de cada um foram consideradas em separado.

No Quadro 3.2 apresenta-se a caracterização da formação profissional inicial dos participantes, maioritariamente com percurso na área da saúde.

Quadro 3.2: Formação profissional base dos técnicos.

Saúde (N=8)	Educação (N=2)	Outros (N=1)
Psicologia (N=3) Terapia da Fala (N=1) Enfermagem (N=1) Terapia Ocupacional (N=1) Reabilitação Psicomotora (N=1)	Ensino básico (N=2)	História; Ciências documentais (N=1)

Relativamente à formação contínua, apenas um técnico que acompanha sessões não refere possuir formação específica na área das IAA, todos os outros técnicos afirmam possuí-la, tendo na sua maioria formação obtida através de cursos internacionais. Assim, em 90% dos entrevistados afirmam ter formação específica, sendo que 70% afirmam que parte desta formação foi obtida internacionalmente (E1, E4, E5, E6, E8, E9 e E10).

Existem três referências a formação específica sobre as IAAs em Portugal (E2, E7 e E10).

Podemos encontrar nos documentos oficiais de várias associações de referência, alusões à importância dos técnicos que promovem as IAA possuírem conhecimento específico quer relativamente ao animal com que trabalham, suas necessidades e comportamentos, quer relativamente às características e necessidades específicas dos beneficiários das intervenções (IAHAIO; 2018, AAI, 2022; Pet Partners, 2022). Assim a prevalência de formação específica vem corroborar esta informação.

O facto de existir um elevado número de referências a formações obtidas internacionalmente, vai ao encontro do que nos fala Nunes (2019), que refere “que o ISPA deu início à sua Pós-graduação em TAA em 2013 [primeira a surgir em Portugal], bem como em 2017 foi realizado o I Congresso Internacional sobre Animais de Ajuda Social” (p. 11). Perante a inexistência de legislação específica para a implementação destas práticas e com poucas ofertas formativas em Portugal, verifica-se que estes técnicos demonstram uma preocupação pela formação contínua e desenvolvimento profissional constante, assim como uma inerente atenção às recomendações internacionais.

Perante a inexistência de legislação e específica para a implementação destas práticas em Portugal, verifica-se que estes técnicos demonstram uma preocupação pela formação contínua e desenvolvimento profissional constante.

**1.1.3. Percurso profissional.** Ao analisar as respostas dos onze entrevistados relativamente ao seu percurso profissional, diretamente relacionado com as IAA, é possível verificar que sete entrevistados afirmam ter um percurso profissional com trabalhos realizados em mais que uma instituição (cinco trabalharam em duas instituições distintas e dois em mais que duas) e os restantes quatro apenas trabalham numa instituição.

Pelo facto da maioria dos técnicos que promove IAA mencionarem a existência de um percurso laboral estável (em apenas uma ou duas instituições) infere-se que demonstra a existência de uma oferta deste tipo de serviços ainda inferior à procura. A análise e levantamento das necessidades da população, relativamente às IAA, e a sua relação com a oferta existente seria uma mais-valia para um estudo mais alargado destas práticas no Algarve.

**1.1.4. Motivações dos técnicos.** No Quadro 3.3 encontram-se organizadas as principais motivações dos técnicos, onde se destacam os fatores emocionais, a experiência pessoal, a evidência técnico-científica e a desmotivação profissional ou académica.

*Quadro 3.3: Principais motivações dos técnicos*

Tipologia	Descrição	Entrevistas
Fatores emocionais	Manifestação clara de emoções positivas na relação com os animais (presente tanto no discurso oral, como na linguagem corporal e fluidez do discurso)	E1, E2, E5, E6, E7 e E10
Experiência pessoal	testemunho de situações em que a relação humano-animal se mostrou benéfica	E3, E4, E7 e E8
Evidência técnico-científica	Importância dos resultados presentes em referências bibliográficas consultadas	E2 e E3
Desmotivação profissional ou académica	A procura de novas fontes de motivação levou a uma exploração mais aprofundada das possibilidades de ligação entre os animais e os seus percursos pessoais	E1 e E5

O técnico entrevistado em E9 é o único que não refere qualquer tipo de motivação intrínseca, atribuindo a motivação para o trabalho atual nestas IAA a uma oportunidade casual.

Existindo assim um variado leque de fatores enunciados como motivação para a prática das IAA, os fatores emocionais e a relação afetiva com os animais são os mais referidos, o que torna clara a importância da relação humano-animal desde a perspectiva socio-emocional, tal como defendido por Nightingale (1860), Levinson (1965) e Fine (2010), não só para quem usufrui das IAA, mas também para quem as promove.

**1.1.5. Animais envolvidos nas IAA.** Relativamente ao animal com que decorrem as sessões, três dos entrevistados promovem ou acompanham intervenções exclusivamente com Cães, quatro exclusivamente com Cavalos, um com Burros e dois promovem ou acompanham sessões com diferentes animais. Estes dois últimos casos são distintos, num existe um foco maioritário no cavalo, mas há a presença de outros animais da quinta que por vezes são uma mais-valia terapêutica, enquanto no outro, a instituição colabora com diferentes técnicos recorrendo regularmente a IAA promovidas através de diferentes parcerias com Cavalos e com Burros.

Na Figura 3.1 apresenta-se a localização geográfica onde decorrem as IAA e qual o animal que intervém maioritariamente.

*Figura 3.1: Distribuição geográfica e espécie animal envolvida no trabalho dos técnicos entrevistados*



Embora na análise bibliográfica realizada exista uma clara prevalência do cão como animal de referência na promoção de IAA (Ferreira 2014; Bernardo, 2018; Carvalho, 2018 & Santos, 2019),

neste estudo verifica-se que, quer o cão, quer o cavalo, são animais igualmente valorizados, existindo também a referência ao burro, embora com bastante menos relevância.

Considera-se que a discrepância entre este resultado e o resultado da pesquisa bibliográfica realizada, se prende com o facto desta pesquisa ter tido como termos *Interven\** **and** *anima\**. A Equitação terapêutica e a Hipoterapia há muito que são realizadas e reconhecidas como terapia, mas nem sempre são mencionadas como IAA, pois já eram reconhecidas como terapias antes de se estabelecerem as definições e linhas orientadoras para as IAA, bem como do seu reconhecimento nacional e internacional.

## 1.2. Caracterização da envolvimento e recetividade social às IAA no Algarve

**1.2.1. Recetividade da sociedade envolvente.** Quando questionados sobre a recetividade sentida pela sociedade envolvente aquando do início da implementação das IAA, a grande maioria (9 em 10) refere que a recetividade inicial foi boa ou alta, usando expressões como *“adesão de 100%” “as pessoas ficaram muito entusiasmadas” “foi sempre bem-recebida” “foi bem aceite” “normalmente, os pais e os miúdos adoram”*.

No entanto, nalguns casos existe a referência aos custos das intervenções. E2 refere que um dos fatores para a boa aceitação foi a inexistência de custos acrescidos para a realização do projeto: *“foi muito bem recebido, adoraram (...) mas acredito que também foi porque isto não envolveu custos adicionais, não é, eu já era uma profissional da escola e estava só a querer implementar um projeto novo”*. E1 salienta a diferença entre a recetividade e a seriedade, afirmando: *“fiquei muito surpreendida porque a recetividade foi, foi muito alta, em termos de experiência e de interesse e de querer experimentar obviamente sofreu um bocadinho da parte de quererem que fosse um serviço totalmente gratuito. (...) aqui há como dois termos diferentes a recetividade e a seriedade. Eu acho que recetividade sempre foi muito alta, seriedade depende dos profissionais com os quais me fui cruzando”*.

Na entrevista E3 refere-se também a diferença de aceitação que está associada ao animal com que as intervenções são desenvolvidas: *“Normalmente os pais e os miúdos adoram tudo o que é contacto com animais, mas é muito mais fácil com cavalos, porque cavalos na sociedade [está] muito mais incutido, a hipoterapia e, os, ah, e próprio Cavalo em si, o Burro ainda não está muito ah bem conceituado, a nível de animal (risos) digamos assim, aliás eu própria, não é, cheguei a perguntar o que é que o Burro era capaz de fazer”*.

O técnico E8 acaba por reforçar a ideia da maior aceitação dos Cavalos pela sociedade, dizendo-nos: *“tenho muitos anos, aqui nos inícios era numa fase em que equitação não era considerada uma atividade ou desporto para todos. Era só de elite, só para quem tinha dinheiro, mas era possível entrar pela porta de trás através da equitação terapêutica”*.

O técnico E5 refere-se a alguma indiferença, por parte das chefias, para a implementação do projeto de IAA: *“Das minhas chefias ahh, deram-me o benefício da dúvida (...) quando esta oportunidade surgiu as minha chefias encolheram os ombros e disseram "eh achas?" "ah, então experimenta lá..."*”, boa receptividade pela comunidade escolar: *“tivemos realmente a sorte de encontrar uma professora que foi muito recetiva, e uma direção de escola que também foi recetiva”* e refere ainda um mediatismo, de alguma forma constrangedor, *“para nós foi um bocado dramático porque nas Câmaras têm gabinete de comunicação e quando nós lançámos o projeto, no dia em que fizemos a primeira sessão para a turma, já tínhamos lá o correio da manhã e a TSF, ou seja ainda mal estávamos a começar, ainda mal sabíamos como é que a coisa ia ser, já tínhamos lá dois meios de comunicação social (...) tivemos um mediatismo muito grande, o que fez com que as pessoas na comunidade conhecessem e reconhecessem o projeto e ele tivesse logo uma grande, um grande, uma grande aceitação.”*

O único caso em que o entrevistado refere dificuldades da aceitação das IAA, corresponde a uma entidade que trabalha com Burros e que foi uma das entidades pioneiras neste tipo de intervenções com estes animais. Assim, o técnico entrevistado em E4 diz-nos: *“Há isso, foi em 2000 e poucos, 2005, se calhar oficialmente, eu tinha de convencer as instituições. Esta ideia de social-farming, de estar em contacto com a natureza e o campo fazia bem, era uma coisa nova, porque era contrária, não é, as pessoas saíram do campo para ir à cidade, e eu disse não, não venha aqui porque aqui faz bem. (...) havia esse comentário "ai agora ele manda eles a limpar estábulos", por exemplo, não é, "mão de obra barata" ”*.

Nesta análise, percebemos que 90% dos técnicos referem boa receptividade social. Este resultado vem ao encontro do que já foi referido no enquadramento teórico: durante o século XX, ocorre uma generalização do animal como facilitador terapêutico, sendo cada vez mais aceites socialmente os benefícios de um animal de companhia e da sua inclusão em práticas terapêuticas (Ferreira, 2014).

**1.2.2. Principais apoios.** As referências aos apoios para a implementação e/ou desenvolvimento dos projetos em IAA podem dividir-se em três tipologias diferentes: existência

clara de apoios através de projetos e/ou entidades oficiais; apoios indiretos através de associações com eventos de beneficência e inexistência de apoio.

- **Existência de apoios**

Quer na entrevista 1 quer na entrevista 5, existem referências claras à existência de apoios. Na entrevista E1 são referidas diversas formas de apoio financeiro, existentes quer na fase inicial do projeto, quer ao longo do seu crescimento e diversificação, existindo também a referência à necessidade de “procura” destes mesmos apoios. Na entrevista E5, são referidos apoios logísticos e financeiros por parte da entidade empregadora, no caso a autarquia, na fase inicial da implementação do projeto.

- **Apoios indiretos**

Em quatro das entrevistas, os técnicos referem a existência de apoios que não são atribuídos diretamente ao projeto que envolve as IAA, mas angariados por associações de beneficência que garantem o pagamento das sessões desenvolvidas (E4, E7, E8 e E9).

- **Inexistência de apoio**

Existem ainda técnicos que não referem a existência de apoios, ressalvando que não seriam necessários para a implementação do projeto, ou porque o mesmo se insere no seu contrato de trabalho, ou por considerarem que têm reunidas as condições para a implementação do projeto sem necessitar de recorrer a apoios externos (E2, E3, E6 e E10).

É ainda importante referir, que na análise das respostas relativas à existência de apoios, financeiros ou outros, para a implementação do projeto, encontramos várias expressões ou referências ao tempo e trabalho que é necessário para conseguir obter estes apoios, como sejam: *“sempre foram procurados” (E1); “não quer dizer que tenhamos os apoios, mas ao menos leem o projeto, vá” (E3); “se eu vou à caça de apoios eu não faço nada mais, eu já notei isso, porque isso é muito telefone, e-mails, convidar as pessoas para mostrar, isso eu não me importo de fazer, agora esses contactos todos e escrever e-mails e não sei quê, isso leva tempo e dá muito trabalho” (E4).*

Santos (2019), refere-nos no seu estudo sobre os cães de ajuda social em contexto escolar, que uma das principais limitações ao acesso às IAA se prende com o financiamento, pois “Nem todos os pais

e encarregados de educação, conhecem o recurso e dispõem de condições financeiras ou logísticas para proporcionar aos seus educandos terapias com um custo associado” (Santos, 2019, p. 103). Esta autora refere ainda a importância do estabelecimento de protocolos e parcerias entre diferentes entidades para a manutenção de projetos a longo prazo.

Os resultados obtidos neste estudo, demonstram a existência de poucos apoios diretos para a implementação inicial de projetos em IAA, sendo que os projetos a longo prazo estão associados ao desenvolvimento de parcerias entre diferentes entidades públicas e privadas de solidariedade social.

Desta análise é ainda possível inferir que esta atividade, estando ainda pouco credibilizada junto dos investidores sociais e sendo pouco reconhecida pelos profissionais de outras áreas de intervenção (Professores, veterinários, médicos) (Ferreira, 2014), depende muito de instituições de beneficência e da exposição das carências socioeconómicas dos seus beneficiários.

**1.2.3. Principais barreiras.** Relativamente à existência de barreiras, quer no início da implementação, quer no desenvolvimento dos projetos em IAA, apenas três entrevistados não referem a existência de qualquer barreira (veja-se E2, E8 e E10).

Em todas as outras entrevistas existem referências à existência de barreiras, embora estas referências sejam bastantes diversificadas e com diferentes graus de impacto no desenvolvimento e implementação das IAA.

O técnico E1 começa por referir que não existiram bloqueios mas, refere-nos a existência de uma competitividade negativa e de questões levantadas ao nível financeiro: *“já tive problemas pela questão económica, porque obviamente trabalhar por contrato ou trabalhar por x horas, não é orçamentado da mesma forma, e cheguei a ouvir comentários muito desagradáveis em termos de corredor que não fazem sentido algum porque obviamente que enquanto entidade não se orçamenta da mesma forma do que um contrato, as pessoas pensam que o que recebem por hora equivale ao que implica aquela estadia ali por hora, nada a ver!”*

O técnico E3 também refere a questão financeira como a principal barreira para a implementação das IAA.

O técnico E4 refere a falta de informação e formação, e a existência de comentários negativos: “Em relação às terapias, levou tempo, havia barreiras, e havia esse comentário "ai agora ele manda eles a

limpar estábulos", por exemplo, não é, "mão de obra barata", não é (...) e por isso comecei a dar estes mini-workshops antes que começava, para explicar o que é a ideia e como eles próprios durante a sessão podia estar ativo, e não só eu.”

Em E8 refere-se também a dificuldade em distinguir os diversos conceitos associados às diferentes formas das IAA: *“eu acho que as barreiras maiores é neste sentido, as pessoas não conseguem entender a diferença do que é que é a hipoterapia, a equitação terapêutica e equitação adaptada e a equitação de competitiva/lúdica (...) Incluindo médicos, que não sabe definir a diferença.”*

O técnico E6 refere-nos dificuldades ao nível do licenciamento inicial e da carga burocrática associada ao início da atividade: *“uma complicação um pouco complexa de quem tutela ou de quem faz este tipo de licenciamento, (...), portanto sim é complicado poder utilizar este tipo de animais em intervenção, requer alguns cuidados, quer dos animais, quer do tipo de animal que utilizamos para a sessão e depois na parte dos licenciamentos e burocracias propriamente ditas. Aí acho que foi a parte mais complicada.”*

O técnico E9 menciona a existência de barreiras por parte das entidades, no entanto não é claro qual o impacto e qual a natureza das mesmas.

Em E5, existe uma referência à existência de barreiras, bloqueios mesmo, que não surgem numa fase inicial de implementação do projeto em IAA, mas apenas passado algum tempo da sua implementação. Neste caso, o bloqueio levou a uma mudança do próprio projeto que acabou por se deslocar geograficamente de forma a retomar atividades noutra local.

Da análise dos testemunhos recolhidos, e através das transcrições acima realizadas, percebe-se que existem barreiras à implementação dos projetos de intervenção e que estas se associam a questões relacionadas com o financiamento e/ou com o reconhecimento e valorização destas práticas.

Assim, tal como mencionado por Santos (2019) e Ferreira (2014), o desenvolvimento de cada vez mais projetos de qualidade na área das IAA e de mais investigação que corrobore os benefícios destas práticas, serão importantes contributos para a credibilização e valorização destas intervenções, que permitirão uma maior aceitação e diminuição destas barreiras, também aqui associadas ao desconhecimento e falta de informação teórica sobre o assunto.

#### **1.2.4. Apoios financeiros por parte das autarquias locais ou outros apoios.**

Apenas dois dos técnicos entrevistados fazem referência clara à existência de apoios financeiros por parte da autarquia local. Na Entrevista E1, podemos ver a referência a apoios por parte da autarquia local de diversas formas e com diversos graus de envolvimento e na entrevista E3 encontra-se a referência a apoio financeiro autárquico de forma indireta, apoiando a generalidade de um projeto onde também se incluem as IAA.

Existem ainda três entrevistas, onde não existindo referência a apoio financeiro por parte da autarquia local, este existe ao nível do apoio logístico para a implementação das IAA e para a realização de eventos de alguma forma relacionados com as intervenções (veja-se E7, E8 e E9).

Não se encontrou na análise bibliográfica inicial qualquer referência relativa ao papel das autarquias locais nas IAA em Portugal.

Pelos resultados apresentados, infere-se que a existência ou não existência de apoios autárquicos para a implementação e /ou desenvolvimento de projetos de IAA em Portugal ainda não está claramente regulamentada, dependendo da relação e comunicação existente entre os técnicos que as implementam e a respetiva autarquia local, bem como, das próprias capacidades e opções político-sociais de cada autarquia.

Quando questionados relativamente à existência de outras formas de financiamento significativas, como o recurso a concursos externos ou outros, apenas na entrevista E1 encontramos uma referência clara ao recurso, com sucesso, a diversas fontes de financiamento público e/ou privado: *“assim de financiamento houve o [Portugal] Inovação Social [Programa Parcerias para o Impacto], também em 2020 fomos vencedores do prémio Fidelidade Comunidade 2019 para a aquisição de um veículo, também já recebemos um apoio do INR, do Instituto Nacional para a Reabilitação, em conjunto com uma, com uma IPSS”*.

Em todas as restantes entrevistas, ou não existe referência ao recurso a concursos externos com expressões como *“não”, “eu sempre fiz este projeto no quadro da minha profissão”, “Não, foi tudo por minha conta.”*, *“Não, por nem sequer tentámos.”*, ou existe a referência a apresentação de projetos a concurso sem obtenção de financiamento: E3: *“Nós que normalmente, a instituição candidata-se a diversos tipos de projetos, este por sinal não está apoiado por nenhum, nnnão”*.

Não se encontraram na análise bibliográfica inicial referências a fontes de financiamento e concursos para a obtenção de financiamento para o desenvolvimento das IAA em Portugal, existindo apenas, em Santos (2019), a referência à existência de financiamento externo a um projeto educativo que inclui IAA. Pensa-se que a existência de apenas uma referência ao recurso, com sucesso, a diversas fontes de financiamento, se deve ao elevado grau de burocracia associado à candidatura a financiamentos (mencionado por alguns dos técnicos entrevistados), à inexistência de concursos específicos para esta área de intervenção e à falta informação e formação por parte dos técnicos relativamente às formas de obter financiamento e aos recursos existentes no país.

### **1.3. Identificação dos principais beneficiários das IAA no Algarve**

Todos os entrevistados promovem intervenções com crianças. No entanto, este não é um grupo exclusivo para as IAA. Cinco dos entrevistados referem a promoção de IAA com crianças, jovens e adultos. E apenas dois entrevistados referem também o desenvolvimento de atividades vocacionadas especificamente para o público sénior.

Relativamente às características e patologias apresentadas pelos beneficiários destas intervenções, este é um público bastante diverso. Podemos encontrar a referência à perturbação do espectro do autismo em 7 das 10 entrevistas, 3 referências a paralisia cerebral e várias referências a patologias diversas, como dificuldades motoras, dificuldades psico-motoras, défice cognitivo, dificuldades de aprendizagem, necessidades especiais (assim referido mais que uma vez, para mencionar um leque diferenciado de especificidades), multideficiência, demência e outros problemas de saúde mental, patologias associadas ao envelhecimento, doenças raras, doenças neurodegenerativas e outros síndromes.

No entanto, é necessário ter presente que as IAA não são uma solução para todos os problemas de saúde, embora existam muitos benefícios psicológicos e fisiológicos (Bernardo, 2018).

Tal como Bernardo, 2018, nos refere que as IAA revelam muitos benefícios na maioria dos indivíduos, esta referência ao elevado potencial de adaptação das IAA às diferentes necessidades específicas dos beneficiários pode encontrar-se em diversos autores nacionais e internacionais (veja-se por exemplos, Fine, 2010; Ferreira, 2014; Santos, 2019). Desta forma os resultados obtidos evidenciam esta mesma versatilidade e aplicabilidade das IAA, que revela benefícios para sujeitos com diferentes patologias.

## 1.4. Caracterização das sessões com crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem

**1.4.1. Âmbito das sessões.** Relativamente ao tipo de intervenção promovida, a grande maioria promove intervenções na área da TAA com eventuais intervenções educacionais em simultâneo, existindo apenas um caso em que a tipologia de intervenção é exclusivamente EAA. Na Figura 3.2. podemos observar a distribuição geográfica dos locais onde decorrem as IAA promovidas pelos técnicos entrevistados, identificando-se como TAA, todos as intervenções na área da terapia assistida e como EAA a única que promove exclusivamente educação assistida.

*Figura 3.2: Distribuição geográfica e tipo de intervenção principal das instituições ou técnicos entrevistados*



Relativamente à forma como decorrem as sessões, da análise de todas as entrevistas torna-se claro que a forma como decorre a sessão depende sempre de uma avaliação prévia e dos objetivos definidos. Assim, a grande maioria dos entrevistados refere que tanto realiza sessões individuais como em grupo, dependendo das crianças com quem trabalha e/ou dos objetivos definidos. Apenas dois entrevistados referem só trabalhar com sessões individuais e um só desenvolve sessões em grupo.

É igualmente importante referir, que nas entrevistas em que existe referência à dimensão do grupo terapêutico, esta é geralmente a pequenos grupos (2 a 5 crianças), existindo apenas uma referência a sessões complementares regulares realizadas em grande grupo (uma turma escolar),

com o objetivo específico de incluir no processo terapêutico outros elementos educativos (como professores, pais e outros alunos): *“trabalho sempre com a turma toda, uma vez por mês, pelo menos, ah em sessões de mediação de leitura (...), que envolve a professora, (...), os livros não vão só para a sala como também depois vão para casa, portanto também trabalho a comunicação com os pais, portanto, isto porquê, porque quanto maior o número de cúmplices mais as crianças conseguem perceber que giram num mundo em que todos valorizamos a leitura”* (E5).

Dos resultados apresentados, é possível verificar uma predominância dos projetos em TAA, relativamente aos projetos educativos, no Algarve.

Relativamente à forma como decorrem as sessões, tal como nos refere Nunes (2019), “Compete assim ao terapeuta, utilizar o recurso e as estratégias mais adequadas para cada utente, no sentido de alcançar os objetivos estabelecidos no programa terapêutico” (p. 27), pelo que é possível verificar a existência de diversas metodologias e estratégias que dependem da avaliação prévia das necessidades do utente e dos objetivos definidos pelo respetivo técnico.

#### **1.4.2. Caracterização do desenvolvimento das sessões**

**1.4.2.1. Regularidade das sessões.** 80% dos entrevistados refere a realização de sessões semanais, sendo que um destes técnicos refere também a realização de sessões quinzenais em casos pontuais, por questões de logística da organização que acompanha as crianças. Um técnico promove sessões 2 vezes por semana e outro técnico refere a realização apenas de sessões quinzenais, no entanto também refere a realização inicial de sessões semanais: “Semanais, na altura e depois quando nós notámos que era difícil [a deslocação e logística para vir ao local das sessões] era uma vez nas duas semanas.”

Uma das maiores preocupações éticas, relacionadas com o desenvolvimento das IAA, está diretamente relacionada com o bem-estar animal, e a garantia de se evitar situações de fadiga e exaustão do animal, não permitindo que a pressão dos clientes para aumentar a frequência ou o número de sessões, coloque em causa as necessidades de descanso dos animais (Carvalho, 2018).

Os resultados obtidos demonstram uma regularidade e sustentabilidade nas práticas promovidas, não existindo referências a alterações dos regimes de regularidade das sessões, ao longo do normal decorrer dos processos de intervenção.

**1.4.2.2. Duração das sessões.** Relativamente ao tempo de duração das sessões, da leitura atenta de todas as entrevistas torna-se claro que este depende do tipo de sessão desenvolvida e dos objetivos definidos, estando também relacionado com o facto da sessão ser individual ou em grupo.

No entanto, é possível verificar que a grande maioria dos técnicos desenvolve sessões com duração não superior a 45 minutos (7 das 10 entrevistas possuem essa referência), sendo igualmente frequente o desenvolvimento de sessões com durações até 30 minutos e sessões de 30 a 45 minutos.

Importa ainda salientar que o único técnico que refere o desenvolvimento de sessões com duração superior a uma hora nos explica que estas são sessões de grupo com várias crianças participantes e vários animais envolvidos, em dinâmicas de interação flexíveis: *“Ah duas horas. Chegavam, 10h30 ou 10h até ao meio-dia (...) são quatro pessoas, com vários burros. Só para explicar estas 4 crianças eram recebidas por mim e pela L. e chegavam com duas técnicas, quer dizer era quase uma um. E não era um luxo, era necessidade. Eram todas crianças assinaladas na educação especial e eles podiam sair escola estas duas horas para vir cá. Estas professoras eram muito sensível em relação a isso”*(E4).

Assim, podemos verificar que 70% dos técnicos, atuam de acordo com as orientações das principais associações de referência na área (IAHAIO; 2018, AAIL, 2022; PetPartners, 2022), no que concerne ao respeito pelo bem-estar animal. Importa também salientar que nos casos em que a duração das sessões excede a recomendação da IAHAIO, o tempo de duração da sessão não corresponde exatamente ao tempo de interação direta com o animal (existindo situações em que o animal está presente, mas não em interação direta e situações em que estão envolvidos diversos animais, pelo que a intervenção direta de cada animal poderá ser igual ou inferior ao recomendado).

**1.4.2.3. Duração do acompanhamento.** No que concerne à duração do acompanhamento de cada criança ou grupo de crianças, não existe um padrão claro, destacando-se a influência de vários fatores externos aos técnicos, como a organização e/logística da instituição de acolhimento das crianças, a dimensão dos projetos que englobam as sessões, e a alteração do perfil de necessidades do beneficiário.

É frequente a relação entre a duração da intervenção e a duração do ano escolar, existindo 4 casos que referem acompanhamento superior a um ano escolar.

Vários autores, como por exemplo Santos (2019), Nunes (2019) e Ferreira (2014), referem benefícios das IAA, quer em intervenções com projetos de curta duração, quer em intervenções a longo prazo. Assim, e de acordo com os resultados obtidos infere-se que a duração do acompanhamento em IAA deve depender da avaliação inicial do perfil de necessidades, dos objetivos definidos e da monitorização que é feita ao longo do programa de intervenção.

## **1.5. Perceção do Impacto das IAA**

**1.5.1. Principais benefícios das IAA em crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem.** Da análise destas entrevistas, é possível destacar quatro categorias de benefícios que foram referidos por mais de três dos entrevistados:

- **O animal é um facilitador da relação**

Nesta categoria podemos verificar referências diretas à relação, ao vínculo e ao papel do animal como elemento facilitador, o que revela uma maior consciência e interiorização deste benefício. Destas referências destacam-se as seguintes expressões: *“rapidez com que eu estabeleço vínculo terapêutico”* (E1), *“o cão é digamos, a grande ponte para a relação”* (E5), *“[o animal] é um agente terapêutico e que dentro das suas especificidades consegue estabelecer, pah, essa relação”* (E6), *“eles [os animais] criam relação”* (E7) e *“os animais acabam por ser realmente muito facilitadores, para o meu trabalho”* (E10).

- **Aumenta (ou permite desenvolver) o sentido de responsabilidade**

Embora nesta categoria, a responsabilidade esteja de alguma forma, pelo menos implícita nas entrevistas E1, E2, E5, E7 e E10, não é claro que os entrevistados tenham a consciência concreta de que este seja um benefício mensurável e relevante, merecedor de destaque. Destacam-se assim, duas referências diretas: *“dar oportunidade que eles também assumam um perfil de responsabilidade”* (E1) e *“a oportunidade de interagirmos de forma descontraída, mas ao mesmo tempo responsável e trabalhadora”* (E5).

- **Melhora a autoestima, o comportamento e/ou regulação emocional**

Nesta categoria, podemos identificar quer referências diretas, através da utilização de expressões como *“autoestima”*, *“mais calmo”*, *“melhorar de comportamento”*, *“interceção positiva”*, *“paz”*,

“*autoconfiança*”, que demonstram consciência clara e valorização deste benefício e referências indiretas que demonstram a existência do benefício, mas não uma valorização significativa por parte do entrevistado (E2, E3, E4, E6, E7 e E8).

- **Melhora a alegria e motivação para a sessão ou trabalho.**

Nesta categoria surgem referências diretas, com o uso no próprio discurso de palavras da família de motivação, nas entrevistas E2, E3, E5 e E9, o que revela uma maior consciência e interiorização deste benefício.

Outro benefício referido por dois dos entrevistados está relacionado pela **espontaneidade do comportamento animal**.

O técnico E1 refere: “*e a espontaneidade que os cães têm em si, pronto, acontecem coisas em sessão que não estão planeadas, não é suposto acontecerem e no entanto aportam uma valência ou uma oportunidade terapêutica brutal, quando o cão se engana, quando um cão se engasga, quando um cão começa a tossir, quando um cão se levanta (...) quando tropeça, a I, que é a mais nova da equipa, quando bate com a cabeça onde não é suposto bater (...) isto tudo traz uma riqueza (...), que acho que não conseguiria trazer sem ser com a presença do animal no desenvolvimento da sessão.*”;

O técnico E2 refere: “*o facto de eles não saberem o que o cão vai fazer no momento a seguir, não é, ser um animal um bocadinho imprevisível fá-los estarem mais atentos, não é? e o nível, mesmo o período de atenção ah torna-se bastante superior.*” O técnico entrevistado em E10, no seu discurso apaixonado pelo seu trabalho, refere este benefício de forma implícita quando nos indica que “*na verdade eu acho que pode desorganizar de uma forma organizada qualquer tipo de processo terapêutico, o quanto facilitador é.*”

Existem ainda outros benefícios, diretos ou indiretos, referidos por apenas um ou dois entrevistados, que poderão ser igualmente sentidos ou reconhecidos pelos outros entrevistados, mas que não foi possível evidenciar explicitamente na análise destas entrevistas, sendo estes: a quebra da rotina, a redução da ligação aos equipamentos eletrónicos, a possibilidade de abrir horizontes, o desenvolvimento motor, melhora a capacidade de socialização, o bem-estar físico, a estimulação sensorial e a comunicação (entrevistas E1, E2, E4, E6, E7, E8 e E9).

Perante a necessidade de selecionar apenas um dos benefícios como o principal impacto nestas crianças, quatro dos entrevistados identificam o facto do animal ser um elemento facilitador da relação terapêutica, três referem o aumento da alegria ou motivação da criança como principal benefício, dois identificam a melhoria da autoestima, do comportamento e/ou a regulação emocional potenciada pelo animal e apenas um refere que o principal impacto é no desenvolvimento motor da criança.

Estes resultados vão diretamente ao encontro do que foi referido no enquadramento teórico, tendo-se previamente destacado como principais benefícios das IAA: a referência ao animal como agente facilitador da intervenção (Bernardo, 2018; Carvalho, 2019; Ferreira, 2014; Nogueira, 2015; Nunes, 2019; Santos 2019) e benefícios ao nível do bem-estar, do comportamento e do relacionamento, incluindo-se nesta categoria várias referências ao aumento da motivação dos beneficiários para as sessões ( Mascarenhas, 2010; Ferreira 2014).

É importante ainda referir que estes resultados permitem demonstrar que as IAA podem constituir uma importante ferramenta na perspetiva da prevenção das barreiras incapacitantes referida como estratégia de intervenção pela OMS (2011), bem como na abordagem inclusiva como medida de suporte à aprendizagem, em função das características de cada aluno, de acordo com o Decreto-Lei n.º 54/2018 (p. 2919).

**1.5.2. Impacto social.** Foi possível identificar 7 referências claras à existência de um impacto positivo e significativo nos profissionais que assistem ou de alguma forma (direta ou indireta) se envolvem com as IAA, nas 10 entrevistas realizadas (E1, E2, E3, E7, E8, E9 e E10).

Na entrevista E5 encontramos ainda uma referência ao impacto social positivo ao nível da comunidade envolvente, uma vez que esta comunidade acompanhou a evolução do projeto de IAA através do seu mediatismo na comunicação social. A entrevistada explica-nos então, que esta valorização mediática do trabalho realizado conduziu a comunidade local a uma valorização das atividades desenvolvidas e à própria valorização da comunidade enquanto tal.

Nas entrevistas E4 e E6, não é possível identificar referências concretas a um impacto significativo, seja positivo, seja negativo, ao nível social.

No caso de E4, refere a ausência de ligação à comunidade, externa às IAA (importa referir que neste caso as IAA promovidas desenvolvem-se numa quinta onde os participantes chegam numa carrinha apenas com os acompanhantes diretamente envolvidos e no final da intervenção voltam a sair na mesma carrinha).

No caso de E6, quando colocada a questão sobre a existência de impacto ao nível social, embora se refira na generalidade um impacto social positivo, o técnico entrevistado parece estar a focar-se no impacto positivo no desenvolvimento das capacidades de socialização da criança, e não no impacto na sociedade envolvente.

Tal como Santos (2019), estes resultados evidenciam “que os contributos deste tipo de intervenção não se esgotam nas crianças e jovens com necessidades educativas especiais e são extensíveis a outros, de forma indireta, nomeadamente aos restantes alunos da turma, aos profissionais envolvidos e às famílias” (p.104).

**1.5.3. Impacto nas famílias.** Todos os entrevistados referem algum impacto significativo nas famílias.

Um dos impactos mais referidos está relacionado com a superação da frustração familiar associada ao recurso regular e frequente a terapias e à motivação acrescida proporcionada à criança pelas IAA. Na entrevista E1 existe uma explicação clara da frustração familiar associada aos processos terapêuticos constantes: *“geralmente os casos que eu acompanho são casos ou que existem dificuldades mais acentuadas, (...) então são famílias que embora tenham que passar por processos terapêuticos e educativos crónicos, porque (...) vai fazer provavelmente sempre parte das suas vidas um acompanhamento diferenciado, (...) são famílias ao mesmo tempo que lidam com uma taxa de frustração e de insucesso bastante alto”*.

Assim, o aumento da motivação da criança para a intervenção realizada, conduz a um aumento da motivação familiar para estas intervenções. Este facto é referido em 7 das 10 entrevistas (E1, E2, E3, E5, E6, E7 e E10).

Em 4 entrevistas encontram-se referências à valorização e reconhecimento, pelos familiares, do trabalho realizado com as IAA (E5, E6, E7 e E9).

É ainda importante salientar a existência de referências a um impacto significativo ao nível do relacionamento familiar com a criança. Em E4 este era inclusive um dos objetivos iniciais da intervenção. Em E10, é referida a melhoria do relacionamento familiar, com recurso a exemplos concretos.

Na entrevista E8, embora não seja possível identificar um impacto familiar específico e identificado, é referida a existência de um impacto positivo em alguns casos.

Outro facto importante, está relacionado com a promoção de IAA com crianças que chegam através de instituições. Neste caso, é referida, mais que uma vez, a falta de *feedback* por parte das instituições, tal como ocorreu quando questionados relativamente ao impacto social. Esta falta de *feedback* está explícita na utilização de expressões como: “*Eu não posso dizer nada sobre isso, eu acho que se calhar os técnicos lá no centro podem responder...*” (E4), “*temos os utentes que vêm pelas instituições, esse impacto, nós temos zero, (...) Alguns, os pais nem sabem o que é que eles andam a fazer, infelizmente.*” (E7) e “*Os miúdos da equitação terapêutica, normalmente vão com a instituição, portanto não há muito a família, senão no final, que há realmente uma demonstração dessa evolução*” (E9).

Bernardo (2018) e Santos (2018), referem-se ambos à evidência de impactos positivos nas famílias dos beneficiários das IAA. Os resultados apresentados permitem uma definição um pouco mais concreta destes impactos, sendo possível identificar impactos relacionados com a superação de sentimentos de frustração, relacionados com o aumento da motivação para as intervenções, relacionados com a valorização e reconhecimento do trabalho realizado pelos técnicos que promovem a intervenção e relacionados com a melhoria das relações familiares.

## **1.6. Avaliação dos efeitos da pandemia**

**1.6.1. Forma como a pandemia afetou as intervenções.** A forma como a pandemia afetou o desenvolvimento das intervenções pelos diferentes técnicos, foi bastante diversa, uma vez que as próprias intervenções e meios envolvidos são bastante diferenciados no universo de entrevistados. No entanto, é possível identificar um padrão e alguma consistência nos resultados. Para tornar mais fácil a interpretação e análise dos resultados obtidos, elaborou-se o gráfico que se

apresenta na Figura 3.3, onde se apresenta o número de entrevistados que parou a sua atividade no primeiro e segundo confinamento e a forma como a pandemia afetou as suas intervenções nas duas ocasiões.

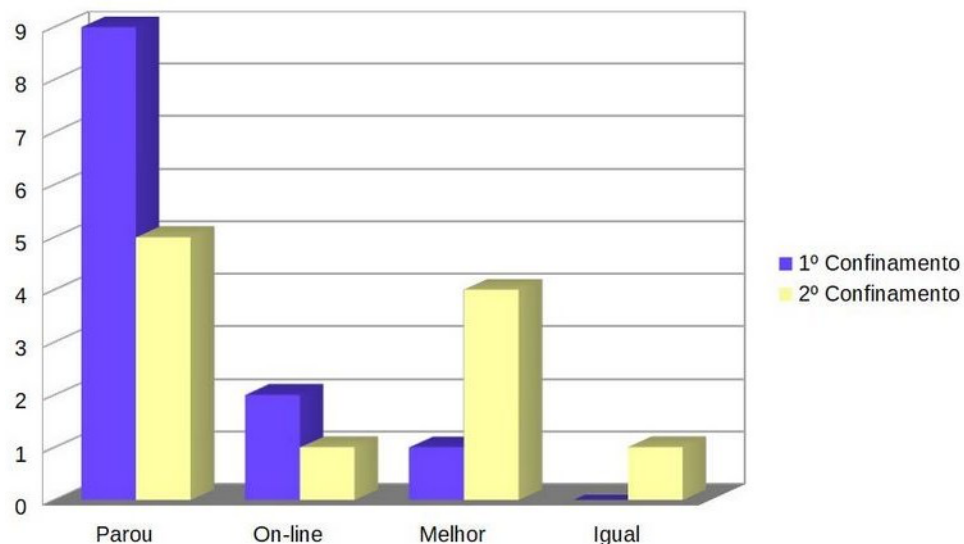


Figura 3.3 Consequências dos confinamentos no desenvolvimento das IAA

Relativamente à forma como a pandemia afetou as suas atividades, importa referir que esta menção “melhor” ou “igual”, está diretamente relacionada com o impacto financeiro ou no volume de procura pelos serviços prestados. Assim, os entrevistados que referem que a pandemia “até melhorou” as suas intervenções, estão a referir-se especificamente ao aumento da procura dos seus serviços ou aumento da frequência das sessões, o que pode verificar-se em expressões como “acontece é que houve um aumento da procura, principalmente das terapias a privado”, ou “segunda fase da pandemia, segundo confinamento, tivemos um boom, aí houve muita gente a procurar”, ou ainda “em relação ao trabalho aumentou muito, as pessoas que buscam as IAA já esperam um setting terapêutico mais ligado à natureza, ao ar livre”.

É possível então verificar que, embora no primeiro confinamento a grande maioria dos técnicos tenha visto a sua atividade totalmente parada, com apenas dois entrevistados a referirem uma adaptação imediata para uma modalidade de intervenção *on-line*, num segundo confinamento o cenário foi totalmente diferente, havendo apenas um entrevistado que descreve a manutenção de intervenções em formato digital, cinco que continuam sem realizar qualquer tipo de intervenções e os restantes seis descrevem um regresso às intervenções presenciais, com adaptações às novas regras sanitárias: “teve um impacto positivo, (...) depois pronto, temos o resto das barreiras do

*equipamento individual, de termos sessões de máscara e como aconteceu ao sol, e com temperaturas brutais, inicialmente também aconselhavam em dar sessões, ah não havendo qualquer tipo de parte do corpo em contacto com a criança descobertos, portanto nós trabalhávamos, em Agosto, com mangas compridas, no picadeiro, portanto foi difícil, mas foi algo que nos tivemos que adaptar e antes isso que parar as intervenções...” (E6).*

Assim, surgem no segundo confinamento, os relatos do aumento da procura e das consequências positivas para o negócio na área, onde se destaca a seguinte expressão ilustrativa do sentimento partilhado por muitos técnicos *“no segundo, foi um confinamento assim meio falso” (E1).*

Os resultados obtidos relativamente aos efeitos da pandemia no desenvolvimento das IAA, revelam, por parte dos técnicos entrevistados, um foco nos impactos financeiros e no volume de procura dos seus serviços. Após a paragem forçada pelas medidas de prevenção implementadas, perante a possibilidade de regresso às atividades presenciais e a pressão do aumento da procura, os técnicos revelam a implementação de adaptações (ao nível dos equipamentos utilizadas e práticas mais individualizadas), no entanto, não existem referências às consequências o aumento da procura nos regimes de trabalho dos animais, bem como à implementação de regras que garantam o bem-estar dos mesmos, o que poderá reforçar as preocupações apresentadas por Carvalho (2018) relacionadas com o desenvolvimento das IAA e a prevenção de situações de fadiga e sobrecarga dos animais.

Esta análise, pode alertar para a importância da existência de uma maior regulamentação ao nível do respeito pelas necessidades dos animais e garantia do seu bem-estar. No entanto, os dados apresentados não são suficientes para inferir, de forma alguma, que em algum momento o bem-estar animal possa ter sido posto em causa.

Da análise dos dados, infere-se um impacto (negativo) financeiro inicial bastante significativo, mencionado por todos os técnicos entrevistados, e um impacto financeiro diferenciado no segundo confinamento.

**1.6.2. Forma como a pandemia afetou o impacto das IAA nas crianças.** O modo como a pandemia afetou o decorrer das intervenções, de acordo com a natureza das mesmas e com a forma como os diferentes projetos estavam organizados, foi diferenciada. Também a forma como a pandemia vem afetar o impacto das IAA nestas crianças, varia de acordo com cada situação.

Nos casos em que a pandemia levou a uma paragem total das intervenções, existiram dois tipos de resposta, a dos técnicos que já retomaram as intervenções e conseguem avaliar o impacto desta paragem e a dos técnicos que não têm, à data da realização da entrevista, ainda qualquer contacto com estas crianças que lhes permita avaliar este impacto.

Assim, em 4 entrevistas, identificam-se referências a um impacto negativo pela interrupção das IAA (E1, E2, E3 e E6).

Nas entrevistas E4, E8 e E9, casos em que a pandemia levou à interrupção total das atividades que à data da realização das entrevistas ainda não haviam sido retomadas, os técnicos referem a ausência de elementos que permitam avaliar o impacto desta interrupção nas crianças. No entanto, todos imaginam que o impacto seja negativo.

Nos casos em que não existiu interrupção das intervenções ou em que a continuação das sessões foi garantida através de uma atitude pró-ativa por parte das famílias, os técnicos referem a existência de um impacto positivo nas crianças. Este impacto manifesta-se de duas formas: ou porque vivenciaram as intervenções com maior intensidade, ou porque estas constituíram um elemento-chave na estimulação e desenvolvimento da criança, perante a alteração de rotinas provocada pela pandemia ( E1, E5, E7 e E10).

Os resultados mostram-nos duas realidades distintas, por um lado o relato das consequências negativas para os casos em que as IAA pararam totalmente, por outro lado consequências positivas, para quem conseguiu manter as IAA. Infere-se que a manutenção das IAA, é em si mesma, uma ferramenta para a resiliência das crianças e famílias envolvidas.

**1.6.3. Forma como a pandemia afetou a perceção do impacto das IAA.** Relativamente à forma como a alteração da realidade e das rotinas, face à situação de pandemia, afetou a perceção do impacto e da importância das IAA, quer pelas famílias, quer pela sociedade envolvente, verifica-se que apenas os técnicos que mantiveram contacto direto com as famílias ou com as instituições, nos reportam dados concretos sobre alterações nesta perceção.

Assim, em E4, E8, e E9 não existe qualquer referência a esta percepção, pois como já foi afirmado em questões anteriores que não há, à data da realização da entrevista, qualquer ligação com as famílias ou instituições que acompanhavam as sessões de IAA antes da interrupção das mesmas.

O técnico E3 explica que embora receba um *feedback* por parte das famílias, não é clara uma distinção entre as IAA e outras formas de intervenção terapêutica, existindo essa distinção por parte das crianças que manifestam e verbalizam a falta do contacto com os animais.

De acordo com os técnicos que mantiveram, mesmo em confinamento, o desenvolvimento das IAA e/ou o relacionamento com as famílias ou instituições, todos eles descrevem um aumento da valorização das intervenções (E1, E5, E6, E7 e E10).

Nas entrevistas E1 e E5, identificam-se ainda outras dimensões na alteração da percepção das famílias face às IAA.

O técnico E1, além de relatar uma maior valorização, fala-nos de uma maior percepção do trabalho que é feito ao nível das IAA, de uma melhor percepção das capacidades da criança, de manifestações de gratidão e do facto do técnico que implementa as sessões se tornar uma espécie de modelo pedagógico para os encarregados de educação.

O técnico E5, reforça também uma maior percepção do trabalho que é feito ao nível das IAA, e o facto do técnico que implementa as sessões se tornar uma espécie de modelo pedagógico para os encarregados de educação.

O técnico E2 é o único que refere não ter a percepção de qualquer alteração na percepção das famílias ou técnicos relativamente ao impacto das IAA.

Perante as dificuldades que o contexto pandémico trouxe a todas as famílias, os dados recolhidos neste estudo permitem inferir uma maior valorização das IAA por parte das famílias ou instituições que a estas recorrem.

**1.6.4. Existência de apoios extraordinários face à pandemia.** Relativamente à questão da existência de um apoio financeiro específico para fazer face aos impactos da pandemia no desenvolvimento das atividades, a resposta é unânime, não existiu qualquer apoio financeiro específico para qualquer um dos entrevistados. Existem apenas duas referências a apoios indiretos,

uma associação que refere o recurso ao *Lay-off* para garantir os salários dos seus funcionários e um dos entrevistados refere ter recebido um apoio correspondente a um mês do seu próprio salário.

Carvalho (2018) diz-nos “que o setor das IAA em Portugal tem algumas limitações devido à falta de envolvimento de organismos reguladores”, acrescenta ainda “que o setor existe em Portugal e está a ganhar popularidade, multiplicam-se os destaques na comunicação social sobre IAA e a procura por estes serviços é crescente” (p. 75). Os resultados obtidos neste estudo demonstram a inexistência por parte dos organismos públicos de qualquer apoio financeiro aos impactos da pandemia no desenvolvimento das IAA. Sabendo da existência de apoios financeiros para outros setores laborais no país, com este resultado pressupõe-se uma desvalorização e ineficiência por parte dos organismos reguladores relativamente às IAA em Portugal.

## **2. Sistematização dos principais resultados**

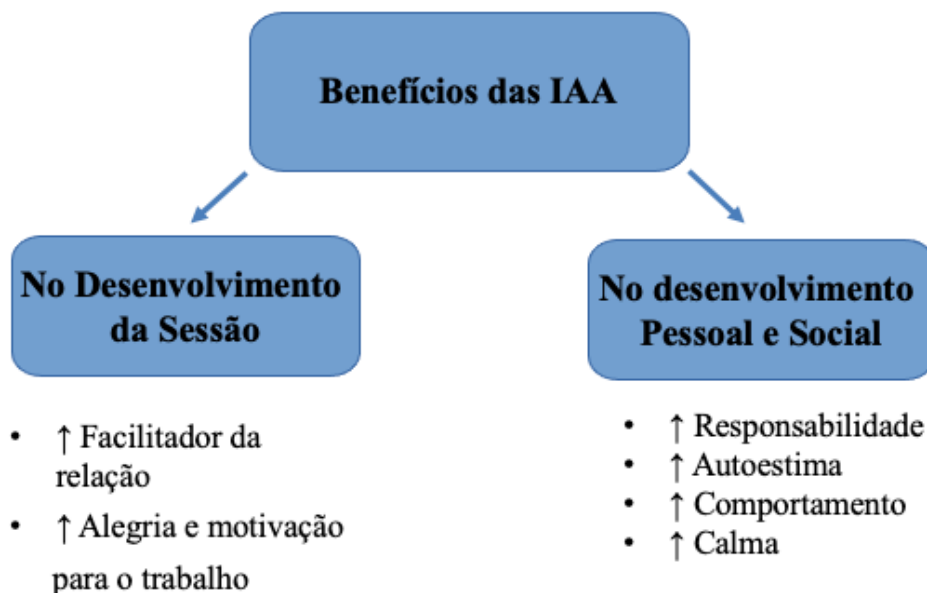
O presente estudo permitiu identificar 12 entidades e/ou técnicos que promovem ou acompanham IAA no Algarve, tendo sido realizadas 10 entrevistas envolvendo 11 destes técnicos. Este é o primeiro levantamento onde se incluem todos os tipos de IAA realizadas no Algarve.

É importante salientar que embora alguns dos técnicos entrevistados já possuam uma vasta experiência na implementação de IAA, existem também projetos bastante recentes e inovadores. Dois dos projetos referidos nas entrevistas são projetos pessoais que se encontram nos primeiros anos de implementação, o que vai ao encontro do referido no enquadramento teórico, relativamente ao facto de esta ser uma área de intervenção em crescimento em Portugal.

Relativamente ao impacto das IAA em crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem, de acordo com os técnicos participantes é claro um impacto positivo nas crianças beneficiárias.

Todos os técnicos identificam diversos benefícios para estas crianças, destacando-se os seguintes: o animal é um facilitador da relação educativo-terapêutica; aumenta o sentido de responsabilidade (permite desenvolver o sentido de responsabilidade); melhora a autoestima, o comportamento e/ou transmite calma; melhora a alegria e motivação para a sessão ou trabalho. Estes resultados apresentam-se de forma esquematizada, na figura 3.4.

Figura 3.4: Principais benefícios das IAA em crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem



Isto vai novamente ao encontro quer da análise bibliográfica da investigação em Portugal (onde foi possível identificar referências a benefícios ao nível do bem-estar, do comportamento e do relacionamento; benefícios relacionados com indicadores de stress, dor ou tensão e benefícios relacionados com o desenvolvimento cognitivo e das atividades educativas), quer da contextualização a evolução histórica internacional, que nos mostra uma crescente aceitação dos benefícios do animal como facilitador terapêutico, e da relação humano-animal nos diferentes contextos.

Verifica-se ainda que existe um impacto positivo nas famílias, maioritariamente relacionado com o aumento da motivação da criança para as sessões, que conduz a um aumento da motivação familiar para as intervenções. Na comunidade envolvente, são significativos os testemunhos do impacto positivo nos técnicos externos à atividade, sendo várias as referências a sensações de bem-estar, alegria e motivação para a procura de mais informação sobre estas práticas, reconhecimento das mais-valias e benefícios.

Relativamente às formas de financiamento e sustentabilidade para a implementação e manutenção de projetos com IAA no Algarve, foi possível verificar que o acesso a financiamento público (seja

por via autárquica, seja por concursos públicos a financiamento) não é um recurso fácil ou viável, existindo a referência à elevada burocracia e complexidade associada. Existem casos de sucesso, nos quais existe financiamento público por via autárquica e /ou concurso, mas estes são a exceção.

Assim, salvo as exceções acima referidas, existem projetos que se constituem como projetos pessoais que resultam de um investimento pessoal e que procuram garantir a sua sustentabilidade através do reconhecimento da qualidade dos serviços prestados e conseqüente aumento da procura, e projetos que se articulam com associações de beneficência que, paralelamente, colaboram para a garantia dos recursos financeiros necessários à implementação e manutenção regular das IAA.

Relativamente ao impacto da pandemia no decorrer das IAA, verificou-se que este dependeu essencialmente das estruturas existentes, da interligação entre as diferentes instituições envolvidas, e da capacidade de resiliência dos técnicos e equipas em causa.

Financeiramente, não existiu qualquer apoio público extraordinário para fazer face aos impactos causados pela pandemia. Verifica-se também uma correlação entre as formas de financiamento e a capacidade de manutenção/adaptação das IAA em contexto de pandemia, uma vez que os projetos que se articulam com associações de beneficência foram os projetos que mencionaram mais paragens e mais prolongadas.

É de salientar que na maioria dos casos em que foram criadas condições para a continuidade das intervenções, houve um reforço positivo quer do impacto nas crianças beneficiárias, quer na perceção que as famílias e técnicos têm relativamente à importância e valorização destas intervenções.

## Capítulo IV - Conclusões

Com este estudo ficamos a conhecer as IAA promovidas no Algarve, quem são os atores principais, quais as suas carências e os seus impactos.

Este estudo teve como questão de partida “Compreender quais os principais impactos das IAA em crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem” e como objetivo principal “compreender qual a perceção dos técnicos de saúde e educação, com mais de um ano de experiência, na implementação e/ou acompanhamento de Intervenções Assistidas por Animais (IAA) relativamente ao impacto das mesmas, em crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem, no Algarve.”

De um modo geral, os objetivos foram atingidos, sendo possível identificar os impactos das IAA nestas crianças, sendo os principais: o animal é um facilitador da relação terapêutica; aumenta o sentido de responsabilidade; melhora a autoestima, o comportamento e/ou transmite calma; melhora a alegria e motivação para a sessão ou trabalho.

Foram ainda atingidos os objetivos específicos, pois este estudo permitiu fazer uma caracterização da oferta existente no Algarve (em 2021- ano em que foi feito o levantamento e constituída a amostra), caracterizar a envolvência e constatar uma boa receptividade social à implementação e decurso de projetos nesta área de intervenção e ainda conhecer os impactos da pandemia por Covid-19 no decorrer das intervenções, na sustentabilidade financeira dos respetivos projetos e nas próprias crianças e famílias beneficiárias.

Pessoal e profissionalmente este estudo permitiu-me alargar o meu conhecimento, compreender melhor todas as potencialidades e impactos das IAA, conhecer diferentes realidades, percursos e compreender as diferentes barreiras e desafios que diferentes colegas enfrentam a ultrapassam.

O levantamento e a caracterização da oferta no Algarve, juntamente com a realização das entrevistas e consequentes conversas, permitiram uma troca de experiências enriquecedora tanto a nível profissional, como a nível do meu próprio desenvolvimento pessoal. A empatia naturalmente gerada nas conversas e entrevistas, o à-vontade com que cada colega esteve disposto a falar do seu trabalho e a enorme paixão e dedicação que estes profissionais demonstram, tornou cada conversa e cada entrevista num privilégio pelo qual sou extremamente agradecida.

O percurso académico e toda a metodologia de trabalho adquirida e desenvolvida, serão certamente ferramentas que terão impacto no próprio desenvolvimento das minhas práticas profissionais futuras.

Mas ainda há muito por fazer. Este é um estudo de carácter exploratório que permitiu identificar os principais impactos nas crianças, mas tem como limitação o facto de não permitir aprofundar o conhecimento específico de cada um destes impactos e da forma como os mesmos se refletem nas crianças e respetivas famílias. Com os mesmos técnicos poder-se-ia aprofundar e cruzar resultados, realizando inquéritos, ou novas entrevistas com questões mais direcionadas para uma maior validação e consistência dos resultados.

Outra limitação deste trabalho é o facto de nos mostrar apenas a perspetiva dos técnicos que implementam e/ou acompanham as IAA, válida e importante, mas que poderá ser ainda mais reconhecida e validada, se a ela se juntar a perspetiva dos outros atores desta realidade, como sejam as próprias crianças beneficiárias e respetivas famílias.

Faria sentido a realização de estudo onde fossem avaliadas variáveis quantitativas (como por exemplo indicadores físicos de bem-estar, contabilização de expressões corporais ou verbalizações positivas, demonstrações externas de motivação), relativamente a alguns impactos nas crianças beneficiárias, verificando se existem demonstrações claras dos benefícios mencionados pelos técnicos no comportamento e níveis de bem-estar das crianças.

Seria igualmente importante, a realização de mais estudos que permitam a articulação entre os técnicos que promovem as IAA e os veterinários que acompanham estes animais, tal como o realizado por Carvalho (2018) de modo que se possa também avaliar de forma consistente e alargado impacto destas intervenções nos animais. Caminhar para a criação de legislação específica que também garanta o bem-estar animal.

Sendo esta uma área em expansão no Algarve e no Mundo, certamente que à data de término desta dissertação já existem mais técnicos a desenvolver IAA, com mais animais, com outros animais, com diferentes objetivos e/ou metodologias. Esta é uma área onde a partilha e o aprofundamento do conhecimento só pode trazer benefício, pelo que fará sentido continuar, aprofundar e diversificar os estudos, seja na perspetiva global dos impactos das IAA, seja ao nível das práticas terapêuticas, educacionais, ocupacionais ou mesmo lúdicas.

Fica a esperança que este seja um contributo para que mais técnicos e profissionais competentes e apaixonados possam aprofundar e partilhar conhecimento, para que os benefícios naturais da relação entre humanos e animais sejam cada vez mais reconhecidos e valorizados nas suas diferentes vertentes.

## Referências bibliográficas

- Amado, J. (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação 2ª edição*. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press.
- American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Artmed Editora.
- Animal Assisted Intervention International (AAII) (2021). <https://aai-int.org/aai/animal-assisted-intervention/>
- Antunes, N. L. (2009). *Mal-entendidos*. Verso da Kapa.
- Azevedo, V., Carvalho, M., Fernandes-Costa, F., Mesquita, S., Soares, J., Teixeira, F., & Maia, Â. (2017). Transcrever entrevistas: questões conceituais, orientações práticas e desafios. *Revista de Enfermagem Referência*, 4(14), 159-167. <https://www.redalyc.org/journal/3882/388255675017/>
- Bernardo, M. F. C. (2018). *Intervenções assistidas por cães como terapêutica não farmacológica em contexto hospitalar no doente internado; Revisão da literatura e considerações*. [Dissertação de mestrado, Universidade da Beira Interior]. Repositório Digital da UBI. <http://hdl.handle.net/10400.6/5306>.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Brickel, C. M. (1982). *Pet-facilitated psychotherapy: A theoretical explanation via attention shifts*. *Psychological reports*, 50(1), 71-74.
- Caçador, C. P. M. (2014). *A importância da hipoterapia nas crianças autistas* [Dissertação de Doutoramento, Escola Superior de Educação João de Deus]. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6192/1/Carla%20Ca%C3%A7ador.pdf>
- Carvalho, I. R. de. (2018). *Utilização de cães em intervenções assistidas por animais em Portugal: avaliação do bem-estar animal e proposta de regulamentação*. [Dissertação de mestrado,

Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa.  
<http://hdl.handle.net/10400.5/16668>.

Centro Hípico da Costa do Estoril. (n.d.). *Hipoterapia (Equitação com fins Terapêuticos) - Centro Hípico da Costa do Estoril*. <https://www.centrohipicocostaestoril.com/pt/hipoterapia.php>

Correia, L. M. (1991). *Dificuldades de aprendizagem: contributos para a clarificação e unificação de conceitos*. Associação dos Psicólogos Portugueses.

Creswell, J. (2014). *Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches (fourth edition)*. SAGE Publications.

Decreto-Lei n.º 381/2007 - *Diário da República n.º 219/2007, Série I de 2007, pp. 11-14.*  
<https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/decreto-lei/2007-117202789>

Faraco, C. B., Pizzinato, A., Csordas, M. C., Moreira, M. C., Zavaschi, M. L. S., Santos, T., ... & de Moraes Menti, L. (2009). *Terapia mediada por animais e saúde mental: um programa no Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência em Porto Alegre-TAA Parte III*. *Saúde Coletiva*, 6(34), 231-236. <https://www.redalyc.org/pdf/842/84212106001.pdf>

Ferreira, A. R. de B. da G. S. (2014). *As terapias com recurso ao cão como estratégia de intervenção em pessoas com necessidades educativas especiais*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Évora]. Repositório da Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/11328>.

Fine, A. H. (Ed.). (2010). *Handbook on animal-assisted therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice*. Academic Press.

Fournier, A. K. (2019). *Animal-Assisted Intervention Thinking Empirically*. Springer Nature Switzerland AG. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-32972-3>

Freitas, P. C. F. D. (2014). *O impacto da hipoterapia em crianças com Síndrome de Angelman: estudo de caso* [Dissertação de doutoramento, Universidade do Porto].  
<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/18483/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Paula%20Freitas.pdf>

- Gee, N. R., Fine, A. H., & McCardle, P. (Eds.). (2017). *How animals help students learn: Research and practice for educators and mental-health professionals*. Taylor & Francis.
- Hall, S. S., Gee, N. R., & Mills, D. S. (2016). Children reading to dogs: A systematic review of the literature. *PloS one*, *11*(2), e0149759. doi:10.1371/ journal.pone.0149759
- Jegatheesan, B., Beetz, A., Ormerod, E., Johnson, R., Fine, A., Yamazaki, K., ... & Choi, G. (2014). IAHAIO Whitepaper 2014 (updated for 2018). *The IAHAIO Definitions for Animal Assisted Intervention and Guidelines for Wellnes of Animals Involved in AAI*. <http://iahaio.org/best-practice/white-paper-on-animal-assisted-interventions/>
- LD OnLine WETA Public Television, s.d. <http://www.ldonline.org/ldbasics/whatisld>
- Levinson, B. M. (1965). Pet psychotherapy: Use of household pets in the treatment of behavior disorder in childhood. *Psychological Reports*, *17*(3), 695-698. <https://doi.org/10.2466/pr0.1965.17.3.695>
- Mascarenhas, Â. M. D. de V. e. (2010). *Educação assistida por animais: intervenção em crianças com alterações de comportamento*. [Master's thesis, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti]. Repositório da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. <http://hdl.handle.net/20.500.11796/754>.
- McCune, S., Kruger, K. A., Griffin, J. A., Esposito, L., Freund, L. S., Hurley, K. J., & Bures, R. (2014). *Evolution of research into the mutual benefits of human-animal interaction*. *Animal Frontiers*, *4*(3), 49–58. <https://doi.org/10.2527/af.2014-0022>
- McNicholas, J., & Collis, G. M. (2000). Dogs as catalysts for social interactions: Robustness of the effect. *British journal of psychology*, *91*(1), 61-70. <https://doi.org/10.1348/000712600161673>
- Nightingale, F. (1860). *Notes on Nursing. What it is and what it is not... A facsimile of the first edition published in 1860 by D. Appleton and Co.*
- Nogueira, G. M. (2015). *Terapia assistida por animais: revisão sistemática da literatura e análise exploratória da prática psicomotora*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.5/8642>.

- Nunes, B. L. B. R. F. (2019). *As intervenções assistidas por animais e o Síndrome de Rett: estudo de caso*. [Dissertação de mestrado, Universidade do Algarve]. Sapiencia Repositório da Universidade do Algarve. <http://hdl.handle.net/10400.1/13473>.
- Pet Partners (2022) Terminology. <https://petpartners.org/learn/terminology/>
- Santos, C. M. G. dos. (2019). *Os cães de ajuda social em contexto escolar: representações, expectativas e desafios*. [Dissertação de mestrado, Universidade do Algarve]. Sapiencia Repositório da Universidade do Algarve. <http://hdl.handle.net/10400.1/12700>.
- Silva, A. L. S. A. e. (2019). *Empatia para com os animais & bem-estar na adolescência: diagnóstico e recomendações para a intervenção*. [Dissertação de mestrado, ISCTE Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do ISCTE-IUL. <http://hdl.handle.net/10071/19481>
- Sousa, C. M. G. (2021). *As (in) definições dos profissionais da educação acerca das dificuldades de aprendizagem*. [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto]. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/137686/3/514487.pdf>
- World Health Organization. (2011). *World report on disability 2011*. World Health Organization. <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/?sequence=4>

## Apêndices

### A. Guião de Entrevista

TEMA: Intervenções Assistidas por Animais em crianças com défice cognitivo: a perceção dos técnicos, no Algarve.

ENTREVISTADOS: Técnicos de saúde e educação com mais de um ano de experiência na implementação e/ou acompanhamento de IAA.

Objetivo Geral: Compreender qual a perceção dos técnicos de saúde e educação com mais de um ano de experiência na implementação e/ou acompanhamento de IAA relativamente ao impacto das mesmas em crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem, no Algarve.

Designação dos Blocos Temáticos	Objetivos Específicos	Questões
Bloco 1 Legitimação de Estudo	Clarificar o contexto da entrevista. Assegurar a confidencialidade e anonimato; Motivar o entrevistado.	<p>Sou aluna do Mestrado do Curso Educação Especial – domínio cognitivo e motor na Universidade do Algarve, e no âmbito da minha tese de mestrado estou a realizar uma investigação com o objetivo de compreender qual o impacto das IAA (Intervenções Assistidas por Animais), em crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem no Algarve. Irei entrevistar um técnico de saúde ou educação com mais de um ano de experiência na implementação ou acompanhamento de IAA com crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem.</p> <p>Ao longo da entrevista poderão ser colocadas questões que o identificam a si ou ao seu local de trabalho, no entanto garantimos toda a confidencialidade e para efeitos deste estudo serão retirados (ou substituídos por elementos codificados) todos esses elementos.</p> <p>Assim, antes de começar, gostaria de confirmar novamente (uma vez que já foi assinado um consentimento informado) que aceita participar na mesma e contribuir desta forma para um maior conhecimento sobre as IAA, no Algarve.</p> <p>Para uma análise mais eficiente e pormenorizada da entrevista, gostaria de proceder à gravação áudio da mesma, permite esta gravação?</p> <p>Se estiver interessado terei todo o gosto em lhe fazer chegar uma</p>

		<p>cópia da versão final da tese que resultará deste processo de investigação.</p> <p>Agradeço desde já a sua disponibilidade e atenção, podemos começar?</p>
<p>Bloco 2</p> <p>Caracterização do técnico e dos animais envolvidos</p>	<p>Identificar a relação com as IAA</p> <p>Conhecer a sua formação profissional</p> <p>Conhecer o seu percurso profissional</p> <p>Identificar as suas principais motivações para as IAA</p> <p>Identificar quais os animais que participam nas IAA</p>	<p>Qual o seu papel nas IAA? É o técnico responsável pela sua implementação, faz parte de uma equipa multidisciplinar ou acompanha as sessões promovidas por outros técnicos?</p> <p>Qual a sua formação profissional? (Inicial e contínua)</p> <p>Sempre trabalhou nesta instituição?</p> <p>Qual foi o seu percurso profissional?</p> <p>O que a motivou a trabalhar com IAA?</p> <p>Com que animais são desenvolvidas estas intervenções? Quem são estes animais?</p>
<p>Bloco 3</p> <p>Caracterização da envolvência e recetividade social às IAA</p>	<p>Identificar quais os principais apoios ou barreiras existentes na implementação destas IAA.</p> <p>Conhecer a intervenção das autarquias locais e os financiamentos alcançados ou disponíveis</p>	<p>Quando começou a promover ou a acompanhar estas intervenções, qual foi a recetividade da sociedade envolvente?</p> <p>Quais foram os principais apoios que sentiu para a implementação destas intervenções?</p> <p>Estava a contar com estes apoios ou foram uma surpresa agradável?</p> <p>E barreiras, teve que ultrapassar barreiras sociais?</p> <p>Se sim, quais?</p> <p>Já estava a contar com estas barreiras, ou foram uma surpresa?</p> <p>Relativamente à autarquia local, qual foi a recetividade?</p> <p>Houve algum financiamento por esta via?</p> <p>Se sim, foi importante ou decisivo para o arranque do projeto?</p> <p>Se não, houve concursos onde se pudessem incluir projetos desta natureza?</p> <p>Obteve financiamento por outras fontes ou concursos externos para a implementação do projeto?</p> <p>Se sim, quais?</p>

		<p>Se não, houve concursos onde se pudessem incluir estas intervenções?</p> <p>Se sim, porque acha que não obteve financiamento?</p>
<p>Bloco 4</p> <p>Caracterização geral dos beneficiários das IAA e caracterização das sessões com crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem</p>	<p>Identificar qual o público-alvo das IAA</p> <p>Identificar qual o âmbito das sessões (saúde, aquisição de competências, familiar, na escola, ocupacional, etc.)</p> <p>Identificar qual a regularidade das sessões</p> <p>Identificar quais as durações das sessões</p> <p>Identificar qual o tempo médio de acompanhamento nos diferentes casos</p>	<p>Quem são os beneficiários das IAA que promove/acompanha?</p> <p>Focando, agora esta entrevista nas intervenções com crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem, as questões seguintes serão apenas referentes a estas crianças:</p> <p>Qual o âmbito das IAA e respetivas sessões?</p> <p>São atividades realizadas individualmente ou em grupo? Em contexto educativo, terapêutico ou ocupacional?</p> <p>Qual a regularidade das sessões para cada beneficiário? (semanais, quinzenais, mensais...)</p> <p>Qual o tempo de duração das sessões?</p> <p>Qual o tempo médio de frequência destas atividades?</p> <p>Tem alguma criança que frequente as sessões há mais de um ano?</p>
<p>Bloco 5</p> <p>Avaliação do impacto das IAA em crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem</p>	<p>Identificar qual o impacto das IAA nestas crianças</p> <p>Identificar qual o impacto das IAA a nível social.</p> <p>Identificar qual o impacto das IAA na família ou famílias destas crianças.</p>	<p>Quais são para si os principais benefícios das IAA para as criança com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem?</p> <p>Qual o principal impacto?</p> <p>Existe um impacto ao nível social?</p> <p>Em que medida e de que forma verifica este impacto?</p> <p>E relativamente ao impacto familiar, estas atividades influenciam de alguma forma as dinâmicas e vida familiar?</p>
<p>Bloco 6</p> <p>Avaliação dos efeitos das Pandemia nas IAA</p>	<p>Identificar de que forma a Pandemia por Covid-19 afetou o decorrer das IAA</p> <p>Identificar de que forma a pandemia afetou o impacto das IAA nestas crianças</p> <p>Identificar de que forma a pandemia afetou a perceção do impacto das IAA pelos</p>	<p>Vivemos uma época muito particular da nossa história e a pandemia por Covid-19 veio alterar muito o funcionamento de tudo à nossa volta.</p> <p>De que forma esta pandemia afetou o decorrer destas atividades?</p> <p>Se responder que tudo parou: Há perspetivas de um regresso ao ativo em breve?</p> <p>Se alterou a forma de funcionamento: De que forma decorreram essas alterações?</p> <p>São alterações provisórias ou algumas poderão e permanecer para</p>

	<p>beneficiários, seus familiares e/ou grupo social envolvente.</p> <p>Conhecer quais os apoios extraordinários existentes, face aos impactos da pandemia, para este setor de atividade</p>	<p>o futuro?</p> <p>De que forma a pandemia afetou o impacto das IAA nestas crianças?</p> <p>Existiu um o impacto diferente das IAA nestas crianças?</p> <p>Notou nas crianças, nos seus familiares ou no grupo social envolvente alguma alteração na perceção do impacto das IAA?</p> <p>Uma vez que esta pandemia afetou o decorrer destas intervenções, a sua empresa, instituição ou projeto beneficiou de algum apoio financeiro extraordinário para fazer face a esta realidade?</p> <p>Se sim, qual? Como teve conhecimento e acesso ao mesmo?</p>
--	---	---

## B. Transcrições das Entrevistas

### E1

Sara: *Obrigada. Se estiver interessado, terei todo o gosto em fazer chegar uma cópia da versão final da minha tese que resultará do processo deste processo de investigação, agradeço desde já a disponibilidade e atenção.*

*Podemos começar?*

Entrevistado: Sim!

Sara: *Qual o seu papel nas IAA, isto é, és a técnica responsável pela implementação fazes parte de uma equipe multidisciplinar ou acompanhas as ações promovidas por outros técnicos?*

Entrevistado: Um bocado de tudo, ah, realmente faço como diretora de uma associação que se dedica a isto, tanto tenho o papel de coordenar equipa, como tenho o papel de desenhar e implementar, sessões onde eu trabalho como técnica, como também posso integrar equipas multidisciplinares fora do que é a minha área de conhecimento base para potenciar o alcance dos objetivos do trabalho dessas equipas de forma a pronto, como um elemento extra, portanto se teria que responder trabalho deste todas as (riso) perspetivas com IAA.

Sara: *Qual é a sua formação, a tua formação, profissional inicial e continua, caso quase existam as duas vertentes?*

Entrevistado: Ahh, É um pouco estranha tenho, sou o licenciada em psicologia, depois só instrutora, sou treinadora/instrutora de cães de assistência, sou especialista em IAA, pós-graduada em intervenção multidisciplinar da perturbação do espectro do autismo, mestre em intervenção e mediação familiar e frequento atualmente um mestrado de neurociência cognitiva e neuropsicologia.

Sara: *UAU!*

*Sempre trabalhaste na instituição onde atualmente te encontras a trabalhar?*

*Qual é que foi o teu percurso profissional até chegar aqui?*

Entrevistado: No que concerne às IAA que acho que o que mais importa que, trabalhar eu trabalho desde os 16 anos, mas sim o que tem, o que está relacionado com as IAA, trabalhei 7 meses na entidade onde fiz a minha formação na parte dos cães, foi quase dois anos de formação que eu fiz na parte de cães de ajuda social e uns sete meses desses dois anos eu trabalhei na "Fundación Bocalan", trabalhei nas três respostas que eles tinham, que era labradores, fundação e formação, em relação à parte das IAA, estava relacionada através de formação de acompanhamento de alunos em formação e desenvolvimento de duração este período de trabalho com a entidade, voltei para o Algarve e comecei não com o que é hoje em dia a XXXX, que é a entidade formada, formalmente porque foram dois anos ainda prévios até formalizar a entidade como associação portanto realmente são duas entidades pelas quais eu passei neste trabalho específico de IAA, uma no Algarve, outra em Madrid.

Sara: *E o que é que te motivou a, a trabalhar com IAA?*

Entrevistado: Ahhhh houve, houve uma série de coisas que me que motivaram, na verdade foi uma mistura de motivação e desmotivação porque a metade da minha licenciatura apercebi-me que não me identificava com a psicologia, com a forma de intervir da psicologia e por aí fora, portanto parei eeee em vez de desistir automaticamente porque gostava da psicologia e ainda gosto obviamente acho super-curioso em geral mas como não me identificava com nenhuma das áreas, posteriores digamos, posteriores à licenciatura, ahhh, fiz uma lista com todas as minhas áreas de interesse onde aparecia, também, a deficiência, o autismo, a diversidade funcional em geral, mas também apareciam os animais, os cães, devido também ao que é o meu próprio trajeto de vida pessoal, ahh e surgiu nestas pesquisas onde eu fiz a fusão: deficiência psicologia cães eetc, surgiram as IAA, e surgiram os cães de assistência, então eu disse ok é isto mesmo, portanto acabei a licenciatura e fui para Espanha fazer as formações todas portanto acaba por ser aqui uma mistura da minha motivação pessoal, pelo meu contacto com a deficiência, a nível pessoal por ter crescido numa família que para além de ter um indivíduo com deficiência, tinha uma cadela que marcou a minha infância e adolescência Oke também este sentir-me um bocadinho perdida no meu percurso profissional, profissional

não, académico, que também me acabou por levar para esta área, portanto assim uma mistura de motivação e desmotivação.

Sara: *Ok, e com que animais é que são desenvolvidas as suas intervenções?*

*Quem são estes animais?*

Entrevistado: Ahh, as minhas sessões são desenvolvidas com cães, eu trabalho apenas com cães eeee atualmente, quer dizer tenho dois em pseudor reforma, uma ser mesmo reformada, que é a S, o G, a I e a L, portanto tenho aqui uma grande equipe, que está sempre a sofrer alterações.

Sara: *Ok ... Quando começaste a promover e acompanhar estas intervenções, qual foi a recetividade da sociedade envolvente?* Entrevistado: Ahh, aqui no Algarve eu sinceramente eu fiquei muito surpreendida porque a recetividade foi, foi muito alta, em termos de experiência e de interesse e de querer experimentar; obviamente sofri um bocadinho da parte de quererem que fosse um serviço totalmente gratuito, que fosse um serviço, pronto é muito giro, mas a partir do momento em que tentas apresentar um projeto mais formal onde há um orçamento associado a motivação desceu um pouco. Ahh também porque sinto que durante muito tempo batalhei por tentar introduzir a IAA numa cidade na qual não havia tanto interesse porque assim

que recebi um convite para fazer uma sessão, digamos experimental, ahhm noutra conselho, foi a minha rampa de lançamento, totalmente, uma recetividade totalmente diferente eeee e uma, não só uma questão da recetividade ..., porque aqui há como dois termos diferentes: a recetividade e a seriedade, Eu acho que recetividade sempre foi muito alta, seriedade depende dos profissionais com os quais me fui cruzando, mas como digo, assim que me virei para outro concelho, a seriedade que foi atribuída ao meu trabalho foi totalmente diferente.

Sara: *Ok. Seriedade e ... quando falas em seriedade estás a falar em termos de reconhecerem o teu trabalho? Em termos de valorizarem financeiramente? Em termos de o levarem a sério, no sentido de compreenderem que é trabalho e não uma brincadeira, é isto que tu estás a referir? só para clarificar aqui um bocadinho...*

Entrevistado: Exato, exato, tal qual. Não é só um momento lúdico pontual com o cão que é muito giro mas sim, um "espera que isto tem valor, isto justifica o esforço, justifica o valor, justifica a aposta económica, isto tem um trabalho por trás, que tem muitas horas dedicação ahh não é uma brincadeira isolada de vir e ponto e virgula, portanto quando me refiro a seriedade é efetivamente isso, é começar a ser visto como um par, como um profissional, como alguém que dedica muitas horas, no meu caso num processo terapêutico ou no processo educativo de um individuo com quem estou a trabalhar e com tudo isto também compreender que é um recurso que necessita bens económicos como qualquer outro, não só pelo meu trabalho direto mas

tudo o que implica teres o animal pronto e nas condições ideais para poder intervir, portanto acho que esses três pontos que disseste, é mesmo isso, quando me refiro a seriedade.

Sara: *Ok. Obrigada.*

*Ah, quais foram os principais apoios que sentiste para a implementação destas intervenções? Existiram apoios financeiros? Estavas a contar com os apoios que surgiram ou foi uma surpresa agradável quando surgiram alguns apoios, ahm?*

Entrevistado: Ahm, em termos de apoios, não é que tenham surgido do nada, digamos, sempre foram procurados, por assim dizer, portanto nós, no nosso início, mesmo início, vou pensar nos primeiros projetos financiados que nós tivemos, alguns vieram a partir de áreas de investigação, aahhmm de apoios da própria entidade, digamos, que foi beneficiária de IAA, foi a nível da autarquia, em parceria com as escolas, sendo pedido à autarquia e a autarquia também ter esta tal valorização de também dizer, sim senhora isto vale a pena, isto é para o bem dos nossos alunos, aahhm e receber o apoio, como também fazer candidaturas em conjunto com outras entidades do terceiro setor, do setor social, fazer candidaturas a apoios de empreendedorismo, de inclusão social, e conseguir esses apoios através de candidaturas espontâneas, aah e mais recentemente com o apoio das incubadoras sociais também, para expandir a processos de apoio muito maiores daqueles que estávamos habituados a receber (riso).

Sara: *Que bom! E barreiras? Houve barreiras que foram preciso ultrapassar? Barreiras sociais...?*

Entrevistado: ahm... eu diria que sim e que não, porque nunca senti grandes bloqueios, a verdade é que também tive a sorte de trabalhar sempre com equipas muito, muito interessadas. Também as equipas não interessadas não te recebem, portanto faz-se um filtro rápido. Sim, senti alguma competitividade, em certos sítios talvez por frustrações, porque cheguei a trabalhar em locais onde há dois anos, imagina, que se tenta um determinado, alcançar um determinado objetivo, com determinada criança, e eu chego lá e em duas semanas a criança consegue alcançar o objetivo, e é uma coisa que às vezes, dependendo do profissional, ou reage muito bem porque ahh, brutal! consegui desbloquear isto e vamos lá trabalhar os seguintes objetivos, ou profissionais que reagem menos bem ah como se fosse posto em causa o seu trabalho, que nunca é da nossa intenção que a pessoa se sinta assim, como é um trabalho em equipa e obviamente que nós chegarmos lá e potenciar aquilo naquele momento, ahh não seria possível se não existisse o trabalho de base que aquele profissional faz há muito tempo.

Ahm e também às vezes questões, já tive problemas pela questão económica, porque obviamente trabalhar por contrato ou trabalhar por x horas, não é orçamentado da mesma forma, e cheguei a ouvir comentários muito desagradáveis em termos de corredor que não fazem sentido algum porque obviamente que enquanto

entidade não se orçamenta da mesma forma do que um contrato, as pessoas pensam que o que recebem por hora equivale ao que implica aquela estadia ali por hora, nada a ver!

Tem às vezes mais a ver com comentários desse estilo, do que propriamente situações de resistência ou de incompatibilidades. Portanto, eu diria estes dois pontos assim de bloqueios ahm da questão de criar-se uma espécie de competição estranha, ora por alcance dos objetivos, ora por questões económicas, porque parece que nós daqui vamos sair ricos ou assim ...S ara: *Ok!*

Entrevistado: Que não...Sara: *Exato, não... (risos de ambas)* Sara: *Ah, em relação à autarquia, já falaste aí que em determinada altura para ti foi, foi importante ou foi significativa a mudança de concelho, ahm vamos pensar agora, relativamente á autarquia local onde trabalhas, já percebi que a recetividade foi boa, houve algum financiamento diretamente por via desta, da autarquia?*

Entrevistado: Sim. Financiamento contínuo, aliás os nossos projetos (interferências na gravação), foi feito uma expansão a mais agrupamentos no ano passado que depois tiveram de ser suspensos pela situação do Covid, e atualmente a mesma autarquia apoia um projeto muito maior como cofinanciador, como investidor social de um apoio da Portugal Inovação Social, neste caso até faço questão de dizer que foi a Câmara Municipal de Loulé, que tem sido incrível, tem sido uma rampa de lançamento, um antes e depois para a XXXX, ahm o apoio deles a todos os níveis, a todos os níveis, porque aqui não se trata só do nível económico, eles conhecem o projeto, eles acompanham o projeto de perto, eles querem saber, importam-se, fazem questão de nos acompanhar, de compreender que outras formas podem ajudar e também é importante dizê-lo porque por exemplo a Câmara Municipal de S. Brás de Alportel, por exemplo, que nunca nos apoiou nível financeiro tem também uma atitude de que tudo o que nós precisemos deles é só pedir, já nos cederam espaço para formações, múltiplas vezes, já nos ajudaram a divulgar, convidam-nos para os eventos sociais, estão sempre muito atentos para aquilo que necessitam, porque também cada autarquia tem diferentes níveis de capacidade económica, ahmm e a autarquia de S. Brás, apesar de nunca nos ter apoiado anível económico, sempre teve um apoio brutal em tudo o resto que também importa, obviamente, também muito interessados com o projeto, conhecer o projeto, acompanhá-lo, apoiar-nos em todas as coisas, eles literalmente abriram-nos a porta, mostraram tudo o que tinham disponível e disseram-nos o dia que vocês precisarem é isto que nós temos, é só pedir, é só pedir, que nós organizamos de forma a conseguirmos, portanto são duas autarquias que pfff! que realmente tem sido um antes e depois para a XXXX.

Sara: *Pelo que percebi também houve financiamento por outras fontes ou concursos externos, nomeadamente o Portugal Inovação Social, que referiste há pouco, certo?*

Entrevistado: Exato, nós até agora, assim de financiamento houve o Inovação Social, também em 2020 fomos vencedores do prémio Fidelidade Comunidade 2019 para a aquisição de um veículo, também já

recebemos um apoio do INR, do Instituto Nacional para a Reabilitação, em conjunto com uma, com uma IPSS de Lagos, para concretizar um projeto em parceria com eles, portanto já temos recebido recursos por outros locais que não a nível da autarquia.

Sara: *Ótimo. Obrigada.*

*Relativamente à caracterização dos beneficiários, portanto de quem usufrui das vossas IAAs, quem são os beneficiários das IAAs que promoveis ou acompanhas?*

Entrevistado: Ah pois, aqui a minha resposta é super-global, porque aqui nós trabalhamos com diversidade funcional, e diversidade funcional qualquer indivíduo devido a determinada característica, pode ser física, cognitiva, social, emocional, orgânica, motora, pronto, que não consiga ter acesso à sua dinâmica diária normativa, ou que seria espectável para a vida do indivíduo com aquela idade ou com aquele quadro à sua volta, portanto nós trabalhamos desde deficiência, perturbação do espectro do autismo, problemática relacionada com a saúde mental, ah problemática associada com o envelhecimento, ah doenças neuro degenerativas, doenças raras, portanto, realmente o nosso coletivo é mesmo muito, muito vasto, embora aquele que eu tenha particularmente mais carinho, mais gosto, é a multideficiência, a deficiência e perturbação do espectro do autismo, onde também se incluem enquanto IAA, incluem todas as pessoas que têm limitações na sua vida, tanto a nível lúdico, recreativo, ocupacional, laboral e que possam beneficiar das sessões de IAA. Portanto é super vasto, dos zero aos à idade que chegue...

Sara: *Ok. Então vamos agora ah focar-nos, para, para irmos mais ao encontro do objetivo deste projeto de investigação, ah nas intervenções com crianças com défice cognitivo, ou com dificuldades de aprendizagem. As questões que farei a seguir serão sempre referentes ao trabalho com estas crianças com défice cognitivo ou dificuldades de aprendizagem. Qual o âmbito das sessões, das intervenções e das sessões com estas crianças? ah é educacional, é, é...*

Entrevistado: Neste momento é a três níveis, com crianças com essas características, intervenho a nível educacional, acompanhando mesmo em escola, acompanho a nível terapêutico, através de associações de resposta específica, ahm que acompanho lá a nível terapêutico e também acompanho a nível de atividades, a nível recreativo, lúdico, uma oportunidade de, dos miúdos também não estarem sempre em contexto de terapia ou contexto educativo, mas sim também terem uma oportunidade de quebrar um pouco a rotina, fazer umas atividades diferenciadas ajustadas às suas capacidades, ah portanto neste momento atuo nas três possíveis áreas digamos, ou nestas três áreas.

Sara: *E estas atividades são realizadas individualmente ou grupo?*

Entrevistado: Ah, também atualmente tenho os dois métodos de trabalho e isto ajusta-se muito em função

dos objetivos específicos para cada criança com a qual estou a trabalhar, porque há certas crianças, e isso é muito recorrente nas crianças com autismo, são um ótimo exemplo, porque há crianças com autismo que têm perfil que me permite incluir em termos sociais porque ainda estão numa fase de aquisição de aprendizagem ahh que não é compatível com o trabalho dessas competências e temos crianças com autismo num nível mais avançado com um nível de funcionamento mais alto onde eu preciso concretamente incluí-las no contexto de grupo para continuar a trabalhar essas competências, ah portanto depende muito do perfil, mas neste momento encontro-me a trabalhar ou de forma individual, ou em pequeno grupo de...

Sara: *Peço desculpa?*

Entrevistado: Se falaste não ouvi,

Sara: *Não, não, eu deixei de te ouvir, pedia só que repetisses, disseste pequenogrupos de?*

Entrevistado: Dois ou três. Sara: *Ok, obrigada. É que ficou a ligação parada e parei mesmo de te ouvir. Então, e qual é a regularidade das sessões para cada beneficiário? São sessões semanais, quinzenais, mensais, varia?*

Entrevistado: A maioria é semanal, aliás todos eles são semanais, quanto muito pode haver alguns que intervenho duas vezes por semana. Portanto é semanal mesmo.

Sara: *Ok, e qual é o tempo normal de duração destas sessões?*

Entrevistado: Entre trinta a sessenta minutos, dependendo da capacidade de atenção concentração e inclusive da própria idade, ahm, entre trinta a sessenta minutos.

Sara: *E qual é o tempo médio de frequência destas atividades, ou seja, há alguma criança que frequente estas sessões há mais de um ano? Ou frequentam sessões durante uns meses e param? Ou frequentam sessões durante longos períodos de tempo? há uma média?*

Entrevistado: hum, hum, ahm, no meu caso é muito complicado, porque como estou a diferentes níveis e em diferentes locais, imagina, há sítios de resposta específica nos quais eu estou (problema de gravação) em que eles só estão três meses, ou seja estou três meses com os miúdos, fazem aquele *boost* durante o acompanhamento e depois voltam a ser reencaminhados para as suas equipas de, pronto nos seus locais, tenho outras crianças que acompanho a nível escolar que este é já o quinto ano que trabalho com eles durante o período escolar, durante as férias, pois não trabalho, e depois aqueles miúdos que eu estou a intervir mais nesta vertente lúdica, recreativa, ocupacional ahm é realmente enquanto eles tiverem motivação e tiverem interesse de fazer as atividades aí não tenho sequer data, digamos data definida, calendário definido,

enquanto eles beneficiarem como o grupo está sempre em mutação, às vezes saem uns entram outros, ah portanto tenho um pouquinho de tudo neste momento (risos)...

Sara: *É na variedade que está a diferença...*

*E quais é que são para ti os principais benefícios das IAA para crianças com défice cognitivo ou com dificuldades de aprendizagem? Qual é o principal impacto?*

Entrevistado: Ah, eu acho que, enquanto psicóloga então, vou falar das duas perspetivas, para mim enquanto profissional é a rapidez com que eu estabeleço vínculo terapêutico, é muito mais fácil, eu detenho a confiança da pessoa de forma muito mais rápida e isso, então neste tal centro que eu te estava a comentar que eles são acompanhados durante três meses é muito visível porque quando chega a criança eu sou aquela a quem mais rapidamente a criança começa a conversar, com quem mais rapidamente se solta, quem quase mais rapidamente conhece, que normalmente eu não tinha esta perspetiva nos outros centros porque entrava em escolas onde já eram os miúdos acompanhados, agora com este centro então, se eu já antes tinha essa perceção com este centro novo que estou a trabalhar, então é uma, é realmente uma diferença muito, muito, grande enquanto as minhas colegas podem estar 3, 4 semanas até conseguirem começar a estabelecer conversas com um pouco mais profundas, chegarem aos indivíduos, eu na primeira/segunda sessão já tenho um nível de confiança estabelecido muito maior através dos cães com os quais intervenho.

Na perspetiva também dos próprios miúdos, eu acho que é um pouco a quebra na rotina, no sentido de que geralmente o perfil de miúdos que estamos a falar, são miúdos que levam uma vida já, apesar de serem vidas de pronto de 8, 12 anos, levam já uma vida de terapias e de apoios e de um acompanhamento muito mais profundo do que um miúdo normativo, e eu acho que é como que um refrescar, é chegar a uma sessão diferente, continuo a trabalhar o que preciso de trabalhar, mas de uma forma diferente, e também a questão da descentralização, ahm o focarmo-nos no cão, o cão ser quase o principal elemento no qual nos estamos a centrar, dar oportunidade, no meu caso obviamente o cão, dar oportunidade que eles também assumam um perfil de responsabilidade, mudar de, não é só o adulto a mandar na criança constantemente, que é normalmente o que ocorre e o que temos que fazer, porque nós precisamos de trabalhar com eles, mas também damos oportunidade que a própria criança possa demandar ao cão, então eu acho que esses são os principais benefícios e a espontaneidade que os cães têm em si, pronto, acontecem coisas em sessão que não estão planeadas, não é suposto acontecerem e no entanto aportam uma valência ou uma oportunidade terapêutica brutal, quando o cão se engana, quando um cão se engasga, quando um cão começa a tossir, quando um cão se levanta, quando um cão tosses, quando tropeça, a I, que é a mais nova da equipa, quando bate com a cabeça onde não é suposto bater, obviamente porque ela é descoordenada, isto tudo traz uma

riqueza e uma (problema de gravação) estranha à sessão, que acho que não conseguiria trazer sem ser com a presença do animal no desenvolvimento da sessão.

*Sara: E a nível social, existe um impacto claro? Em que medida e de que forma é que se consegue verificar este impacto social, se é que ele existe?*

Entrevistado: A nível social, não sei se te referes a nível da própria inclusão social? porque podemos falar, do social, podemos falar de diferentes perspetivas, ah e eu vou dando exemplos concretos de coisas que me acontecem, em termos de escola, quando eu entro numa escola, imagina, e estão os alunos no recreio, eu entro na escola e geralmente tenho uma onda de alunos que vêm atrás de mim, porque eu entro com um cão, e é claro que vem sempre algum que quer mexer, que me quer contar que tem um cão que não sei o quê não sei que mais, e quando chego ali à porta da unidade e abro a porta, muitas vezes aquele momento em que eles espreitam para dentro da unidade é primeiro momento no qual eles quase se apercebem que existe uma unidade naquela escola, já na segunda vez, começam-me a perguntar "então e a senhora vai lá para a unidade, e o que é que se faz na unidade" mesmo sem, como a inclusão ah, podemos falar a inclusão social a diferentes níveis, ahm, pode ser desde ganhar uma consciência que existem miúdos lá dentro que estão a trabalhar, também a oportunidade de fazer treinos cá fora, já me aconteceu fazer treinos com as cadelas no contexto exterior e os meus próprios miúdos irem pedir ajuda aos seus colegas para conseguirem, para conseguirem treinar e para conseguirem, ou inclusive, convidar, os miúdos convidarem a fazer parte das atividades e aí incluímos e fazemos mesmo intervenção em turma e tudo mais, já fizemos um projeto para ir apresentar à turma, que eu esse aí então fiquei muito chocada, porque acompanhar miúdos de 14, 15 anos que foi a primeira vez que eles tiveram oportunidade de fazer uma apresentação para a turma, foi através de IAA, e eu fiquei totalmente chocada, que eles foram falar sobre a raça do labrador e o que é que era o labrador, e de onde vinha, como é que foi criado e como é que chegou ao que é hoje em dia.

Também podemos falar das competências mais básicas sociais e aí vou dar outra vez o exemplo das crianças com autismo mais profundo, crianças com PEA ahm mais severa que podemos estar a falar da aceitação de um elemento na atividade, muitas vezes passam os objetivos por aqui, ahm, aceitar que outro indivíduo faça parte da atividade, estabelecer contacto visual, comunicação a nível muito simples, atenção conjunta, portanto acho que o bonito também é que com a mesma ferramenta, que acaba por ser o meu cão, eu conseguir atuar em função do estágio da criança que tenho à frente, consigo desde os níveis mais básicos, do que é a competência social, que é este nível de deixar entrar, deixar incluir, ter interesse por participar outro elemento, o contacto visual, a atenção conjunta, a chegar a um ponto muito mais alto que é estas crianças terem uma atenção muito mais direta com a turma, terem um novo tema de interesse, um tema de conversa, portanto isto também acho que é o bonito, que é através do mesmo elemento que é o cão poder adaptar-me, lá está, à necessidade que aquela criança tem, que também não podemos estar à espera de dar cem passos

sem darmos os primeiros, e poder com este mesmo elemento trabalhar de manhã com uma criança que está numa fase muito inicial e à tarde trabalhar com uma criança que necessita já é estar em conjunto com a sua turma e incluir-se com a turma. Portanto, ao nível social eu acho que é também uma ferramenta super, super útil.

*Sara: E ao nível do impacto que tem na própria sociedade por onde passas, ou seja, falaste do impacto ao nível social nestas crianças, ahm e o impacto ahm nos locais onde fazes estas intervenções, estou a pensar por exemplo, ahm quando entras na escola não são só as crianças que, que reparam no cão, certamente que os auxiliares também por vezes não estão habituados a ver entrar um cão na escola, ou outros professores, ah, há um impacto a esse nível, a,h na comunidade onde estás a desenvolver as tuas intervenções?*

Entrevistado: Sim, sem dúvida, sem dúvida, aliás eu quando descrevo a própria IAA, quando faço um enquadramento teórico, eu digo sempre que uma das grandes diferenças que tem a IAA é a questão do impacto, porque não é só impactar na pessoal final com quem trabalhamos, impacta também na família, nos profissionais e no contexto que está à volta, e também atribui um valor, à própria deficiência à própria multideficiência, à própria diversidade, ah, porque sabemos que um cão, ou um animal, geralmente despoletaemoções positivas, ah eeee sabemos que raramente a sociedade olha para estas crianças de forma positiva, há sempre aquele sentimento de pena, de ah pobrezinho, ou rejeição mesmo, de vou-me afastar, não vou querere sinto que também ao haver um elemento tão diferenciador e tão positivo em associação com as crianças, também existe muita curiosidade de começar a perguntar o que é que eu faço e como é que eu faço e isso dá-me muuuita abertura de eu explicar quem eles são e, e o que eles necessitam, e como é que eu trabalho e como é que tu podes trabalhar, como é que tu podes interagir e isto com os mais pequeninos então, lá está, chegam à porta das unidades e os pequeninos ficam muito confusos, porque às vezes eles próprios ainda não sabem como interagir com indivíduos com um perfil funcional diferente do deles, ah então o ter oportunidade, essa de explicar, olha eu faço assim, eu faço assado, temos que ter um bocadinho de paciência é um bocadinho diferente, isso não significa que ele não tenha interesse, ah portanto eu acho que há um impacto acho que a todos os níveis.

Ah acho que acaba por ser também meter este miúdos no mapa, também em certa medida porque como digo às vezes as unidades, e a nível escolar isto é muito claro, porque os centros de resposta específica, tudo roda à volta daquilo, portanto eu entro e é uma alegria para todo o mundo e sem dúvida todas as pessoas beneficiam, até normalmente acontece-me em determinados centros que eu tenho uma senhora, uma auxiliar que guarda o pão da manhã, porque sabe que eu vou à tarde com a cadela, portanto demonstra que existeaqui um interesse e um, e uma ligação, acontecia-me que em contexto hospitalar que eu tinha as senhoras da limpeza quando eu chegava eu passava um bocadinho pelo corredor e elas podiam beneficiar ali de um

bocadinho das festas, e se havia alguém que podia reclamar da S ir lá eram elas, porque eram que depois tinham que passar e desinfetar tudo e limpar os pelos e etc.

Portanto em termos de impacto social pode ser analisado desde tantas perspectivas que é, passaria a noite inteira a falar só desta, desta valência...

*Sara: Ok, mas ainda vamos voltar ao impacto, agora sim para referires, estenderes um bocadinho aquilo que já mencionaste, que é o impacto ao nível familiar? estas atividades influenciam de alguma forma as dinâmicas e a vida destas famílias, mesmo no seio familiar?*

Entrevistado: Eu penso que sim, obviamente que há casos nos quais se, se verifica mais que outros, mas isso é como, como, como tudo, maaasss ah eu acho que sim porque geralmente os casos que eu acompanho são casos ou que existem dificuldades mais acentuadas, ou que existe uma rejeição mais acentuada às intervenções globais, às terapias, ao acompanhamento escolar, etc, então são famílias que embora tenham que passar por processos terapêuticos e educativos crónicos, porque vai fazer parte das suas, faz desde sempre parte das suas vidas, e vai fazer provavelmente sempre parte das suas vidas um acompanhamento diferenciado, ahm, são famílias ao mesmo tempo que lidam com uma taxa de frustração e de insucesso bastante alto, embora também sejam famílias que quando alcançam pequenos objetivos desfrutam muitomais do que qualquer outra família.

Ahm, mas eu acho que, e aí eu acompanhei casos de famílias que tinham de fazer 45 a 50 minutos de viagem para a criança passar 50 minutos a chorar durante a terapia e voltar para casa, isto com crianças muito, muito pequeninas que ainda não és capaz de lhes explicar que aquilo é para o benefício dela, é extremamente frustrante, porque acaba por ser, tu tens de abdicar da tua manhã de trabalho para ires com o teu filho fazeres quase duas horas de viagem para passares 45 minutos a ouvir os berros dele, isto semanalmente e é extremamente frustrante, portanto obviamente se nós conseguimos introduzir um elemento, neste caso é o cão, e de repente passas a ter uma criança motivada...

Também tive dois casos pontuais também, onde, com crianças um pouquinho mais velhas, onde já havia consciência temporal também, começam com birras na noite anterior a ir à terapia, e depois no próprio dia da terapia, era tipo, do género, pegar no miúdo tipo saco de batatas, prende-lo no carro, e ir toda a viagem aos gritos, porque o que normalmente se trabalha em contexto de terapia são coisas que eles não gostam ou que têm dificuldade, portanto é um momento super frustrante, ah passarem, neste caso uma era uma menina, outro era um menino, a entrarem, uma entrava a correr pelo centro e vinha a correr desalmada para ver a L, por acaso os dois casos era com a L, e o outro era, o centro tinha umas escadas portanto eu ouvia quando o miúdo chegava, porque começava-se a ouvir baixinho "nhunha, nhunha, nhunha" e depois começava a aumentar (cada vez mais alto) "nhunha, nhunha, nhunha" e de repente trabalhar aquilo que ele tinha de

trabalhar na sessão era uma coisa totalmente diferente e isto claro que para os pais, para o contexto familiar é uma diferença, é realmente iries motivado que faz toda a diferença, principalmente quando falamos de tratamentos crónicos, que infelizmente é a realidade para grande parte destas famílias, ahm, principalmente na área das doenças raras, das deficiências, ahm, vai fazer parte das suas vidas, portanto que a criança vá motivada e que seja produtivo o tempo que está em sessão pufft tem um impacto brutal na família!

*Sara: Acredito que sim. Agora, vamos mudar completamente de tema, estamos a chegar ao último bloco de questões da nossa entrevista, isto já está a terminar e vamos falar desta coisa muito chata que nos aconteceu que é a Pandemia por Covid-19, que veio mudar a realidade ah do país e do mundo. Vivemos uma época muito particular ahm tudo se alterou, ahm de que forma esta pandemia afetou o decorrer destas atividades?*

Entrevistado: Ahm, afetou de várias formas, ahm primeiro limitou, em muitos sentidos, limitou o acesso às famílias e às crianças com as quais trabalho, embora conseguiram encontrar alternativas, isto também associado ao facto de eu geralmente trabalhar com população ahm que se encontra com os casos mais profundos e obviamente a adaptação para o on-line não é viável para casos mais, mais profundos.

Ahm num primeiro ponto afetou o acesso, por assim dizer, a capacidade de eu chegar até eles.

Ahm, para aqueles que, lá está, têm maiores limitações, muito mais porque necessitam o apoio físico, necessitam o contacto, necessitam essa interação frente a frente, que principalmente no primeiro confinamento então que fomos cada um para a sua casa, no segundo foi um confinamento assim meio falso, ahm ou pelo menos na nossa área, que compreenderam a nível estatal que era importante a nível terapêutico continuarmos a trabalhar com estes indivíduos, mas o primeiro foi esse sentimento de ficar bloqueada de aceder a estas famílias a ter que tentar encontrar essas alternativas, de ver como é que eu os consigo ajudar.

A segunda, foi o agravamento do perfil de necessidades, então a combinação é péssima, porque não só senti que não podia chegar até eles, ou que não podia chegar à maioria deles, como senti que o perfil de necessidades tanto das crianças como das famílias, elevou.

Então vi-me forçada a tentar encontrar algumas alternativas, que não foi viável para todas, para todas as famílias, uma delas foi o acompanhamento on-line, e àqueles que sim, consegui fazer o acompanhamento on-line, sei que teve muita, muita diferença, e aí tenho um caso de uma miúda que a mãe não conseguia que ela lesse, não conseguia de forma nenhuma que ela treinasse a leitura e a escrita, ahm eeee foi a diferença de começarmos, pronto, de continuarmos, na verdade, porque eu intervimos com, intervinha com ela, a nível, a nível... físico, mas com a paragem toda, depois quando passámos para o on-line, a miúda estava louca, perdida por ler os livros à L, e eu punha a L na câmara e a miúda lia, lia, lia, e depois começámos a fazer também, ehh, exercícios de escrita, eu tirava fotografias à L durante a Pandemia, para ela, ahmm, escrever o

que é que, o que é que a L ia fazendo durante ah, durante ahmm, o seu confinamento, então eram diferentes fotografias, e ela tinha que escrever, pôr, no seu caderno, e depois a mãe mandava-me as fotografias do caderno, e eu sei que para essa mãe teve muito, muito impacto, ah, principalmente porque ela é uma miúda assim, mais... mais autónoma, e o único momento, o pai trabalha longe, portanto, ela estava sozinha com a filha em casa, ahm, e o único momento quando ela conseguia fazer alguns pequenos recados é quando eu ficava online com ela, porque conseguia controlá-la, ela é mais autónoma, ela já tem idade que pode ficar sozinha, mas a mãe fica sempre muito... muito insegura, então, por exemplo aí, viu-se o impacto a muitos níveis, tanto, ou seja, desde (problemas de gravação) não daria se não fosse pela presença do animal, à própria mãe encontrar um espaço no qual podia sair e, ir fazer recados, ahm, rápidos, sem ter que levar sempre a filha, a filha atrás.

Então, foi, foi muito engraçado essa, essa perspetiva, ahmm, esse, esse caso em particular foi, foi mesmo muito diferente.

Agora no segundo confinamento, pois as coisas são um bocadinho diferentes, ahmmm, porque, realmente, tudo o que é de acompanhamento terapêutico, mesmo os miúdos que eu acompanho a nível (escolar?), a maioria manteve as unidades abertas, e continuaram a trabalhar com eles, ahmm, foi, um sentimento totalmente diferente daquele que tive no, durante o primeiro confinamento.

*Sara: Ahmm, eu tinha aqui outra questão, que, entretanto, já, já respondeste, que era: de que forma é que a pandemia ahh, afetou o impacto da, das intervenções nestas crianças, já percebi que houve um impacto diferente, ahmmm, ah, consoante também as características das crianças e aquilo que foi possível fazer, ahh, ou, ou não, ahm, consoante, quer as características da intervenção, quer, quer as características das crianças.*

*Notaste nas crianças, nos familiares ou no seu grupo social alguma alteração na perceção que tinham do impacto das, das IAAs, parece-me que, nesse caso específico, este último que falaste, ahh, poderá ter havido uma, uma perceção diferente desta mãe, em relação à importância da, das intervenções?*

Entrevistado: Sim, sim, sem dúvida alguma, isso por acaso é uma coisa que falamos porque fizemos uma investigação, juntamos três entidades que fizemos adaptação para o on-line, para IAA on-line, ahm, e fizemos uma investigação e realmente todas aaasss, pronto todas as que fazemos parte da, da investigação, referimos isto também, as famílias passaram, principalmente aquelas que são acompanhadas a nível escolar, que não têm aquele contacto, porque uma coisa é quando tu acompanhas num centro de terapia em que os pais costumam estar presentes, ou ao domicílio, os pais têm um contacto muito mais direto, a nível escolar, normalmente os miúdos vão de manhã e vêm à tarde, não têm um contacto tão direto e sim notei que os pais começaram a ver, a compreender o que é feito, a compreender como é que funciona, porque às vezes não se

entende bem como é que funciona a IAA, ah muitas vezes tem-se a ideias, ideias, ideias, auhmm, simples, digamos, pensam que passa muitas vezes pela interação, este exemplo que eu estava a dar, a miúda não tinha motivação nenhuma de escrever fosse o que fosse, no entanto se era uma fotografia da L, já havia interesse e não implicava o contacto direto, não implicava as festas, não implicava essa parte que muitas vezes é associada à IAA e que faz parte indiscutivelmente - ah, das intervenções mas existe um mundo mais além desse contacto - ah – direto, que pode ser explorado, ahm, e também o ganho de consciência de como é que funciona a IAA, o ganho de consciência das dificuldades que os filhos têm também, porque os pais a começarem a fazer o acompanhamento, ahm, dos filhos, começaram a ter um contacto muito mais direto com: meu deus as dificuldades que ele tem são se calhar muito mais sérias daquelas que eu tinha consciência, porque sabemos que obviamente se a escola acompanha e eu não tenho um acompanhamento tão próximo, também uma gratidão do nosso esforço, da nossa parte também o, estes miúdos ficaram totalmente perdidos quando se adaptou ao on-line, imaginase as crianças com desenvolvimento neuro-típico estavam, coitadas, que lhes explodia a cabeça do ritmo de trabalho, trabalhinho, não-sei-quê, e agora vens e metes e vídeo, estas crianças foram postas totalmente de lado, ah pá, se não consegues apanhar o comboio, e foi e realmente as famílias sentiram que foram deixadas para trás, e quando te aparece uma pessoa que diz, olha vamos trabalhar duas vezes por semana uma hora, vamos potenciar, vamos lá fazer, vamos não sei quê, isto foi um respiro para as famílias também de sentir, possa há alguém que está interessado, realmente há alguém que, que, que tem interesse em trabalhar com o meu filho e também senti um último benefício que foi o atuar um bocadinho como modelo, e isto senti com uma família em particular que me dizia: ai tu és tão paciente quando ela se engana (risos), e comecei, a mãe dizia-me: comecei a adaptar a forma como eu trabalhar, porque lá está, todos sabemos que estas famílias de repente começaram a ser professores e começaram a ser, ammh a ter que lidar com quadros que nunca lidavam, e claro que não têm paciência nenhuma para um miúdo se enganar trezentas vezes com a mesma coisa, e a mãe dizia-me: eh pá, desde que eu te comecei a ouvir, comecei a fazer gestão com ela de forma diferente, comecei a ter mais paciência a dar-lhe mais espaço para ela procurar a resposta, ahm então comecei a entender que a mãe ficava à cuca para ver, não o desenvolvimento da filha, mas ver como é que eu dava a resposta, (riso) como é que eu orientava para chegar, e ela disse-me isso mesmo eh pá, comecei tipo a, prestava atenção aquilo que eu fazia mais do que propriamente o que a miúda fazia, e também é muito engraçado ver essa perspetiva, portanto, foi realmente estranhamente interessante o período de confinamento, nestas perspetivas que mencionei.

*Sara: Há partes positivas em acontecimentos negativos, é preciso é às vezes a gente ser capaz de as ver. Ahm, uma vez que esta pandemia afetou o decorrer das IAA, ahm na tua instituição ahm ou os projetos beneficiaram de algum apoio financeiro extraordinário para fazer face a esta realidade?*

Entrevistado: Ahhhh, não, não, não. bem pelo, aliás, vários projetos caíram, tinha vários projetos a iniciarem março, (risos) foi tipo pufrr ahaha, vários projetos caíram ao chão, e não recebemos nenhum apoio extraordinário por pela situação que se estava a, que se estava a atravessar...

Sara: *E não vai ser possível voltar a iniciar esses mesmo projetos? ainda que mais tarde ouoooo, há essa hipótese?*

Entrevistado: Neste caso não faz sentido porque eles eram no concelho de Loulé, portanto ao ter saído um apoio do Portugal Inovação Social, todos esses microprojectos, foram absorvidos para um macroprojecto (risos) que estamos a fazer frente agora, portanto neste caso, para nós não nos afetou nesse sentido, no sentido de que veio uma candidatura posterior muito maior que incluía intervir com aquelas crianças que se estava a propor nestes micro projetos.

Sara: *Ok.*

*Muito Obrigado pela disponibilidade, por toda a informação ah como eu tinha dito no início ahm toda e qualquer identificação relacionada com o com o local de trabalho vai ser codificada, retirada, ah dos documentos escritos, foi clarificante foi uma lufada de ar fresco ah para mim pessoalmente também uma, um testemunho muito bom de se ouvir. Obrigada!*

Entrevistado: De nada, ora essa.

## **E2**

Sara: *Tudo certo! Obrigada. Se estiver interessada terei todo o gosto em lhe fazer chegar, no final, uma cópia da versão final ahhh da tese que resultará deste processo de investigação. Agradeço a disponibilidade e a atenção e vamos começar.*

Entrevistado: Ok.

Sara: *Ahmm Qual é o seu papel, nas IAA? Isto é, é a técnica responsável pela implementação, faz parte de uma equipa multidisciplinar ou acompanha sessões promovidas por outros técnicos?*

Entrevistado: Eu sou terapeuta da fala e sou eu a responsável pela implementação deste projeto. Sim. Portanto tou mesmo sozinha com o objetivo de desenvolver áreas relacionadas com a minha área que é a terapia da fala.

Sara: *Eu ia perguntar qual era a sua formação profissional, já percebi que é a terapia da fala e tem algmm, tem formação diretamente ligada com as IAA?*

Entrevistado: Sim eu fiz uma pós-graduação no instituto CREAP de terapia assistida por animais, cães e cavalos em 2016 ahm e foi depois nesse ano quando conclui que, que implementei este projeto no local onde trabalhava e foi bem, bem aceite e e até hoje está a funcionar...

Sara: *E sempre trabalhou nesta instituição? Qual é que foi o seu percurso profissional?*

Entrevistado: Ah, pois antes de entrar no meio escolar, eu trabalhei em clínica, em IPSS, só depois no momento em que entro para as escolas é que mhm, já com este curso foi onde eu comecei a realizar a terapia assistida por animais, anteriormente em simultâneo quando estava a tirar o curso também fiz alguns trabalhos em colaboração com a PRAVI, que também deve conhecer

Sara: *hum hum...*

Entrevistado: Ah pronto, cheguei a ir a lares, a escolas também, em que levava já a minha cadela que estava em preparação e assim ela pode-se ir habituando e eu também, não é? Com pessoas que já sabiam melhor atuar no meio, portanto foi muito bom também essa experiência.

Sara: *E que é que a motivou a trabalhar com as IAA? como é que começa este "bichinho"? riso.*

Entrevistado: Ah, pronto, eu sempre adorei cães isso é logo o ponto de partida, e sempre tive uma paixão não sei porquê por uma raça que é o golden retriever, tanto que é uma raça que tem um perfil muito adequado para isto, depois em toda a minha profissão sempre trabalhei muito com crianças com autismo e foi uma área que eu fui ganhando uma paixão muito grande, com estas crianças e sentir as dificuldades que elas tinham em comunicar e em relacionar-se com os outros, e foi assim, num momento em que estava um bocadinho sem saber como avançar a nível profissional e peguei aqui em duas paixões e decidi investir neste curso, adquirir este meu cão, não é, este meu parceiro que fez o curso comigo também especificamente a pensar muito nestas crianças, depois ao ler percebi que podia ser mesmo uma mais-valia o trabalho o ah com estas crianças em parceria com um animal, e foi assim, e resultou!

Sara: *E já percebi que desenvolve estas intervenções com o seu animal?*

Entrevistado: Sim, sim.

Sara: *Neste caso é o seu cão.*

Entrevistado: Sim, é mesmo o meu animal.

Sara: *E quando começou a promover e a acompanhar, a desenvolver estas intervenções, qual foi a receptividade da sociedade envolvente? Como é que este projeto é recebido?*

Entrevistado: Ah, na escola onde eu estava a trabalhar foi muito bem recebido, adoraram, ah, deram-me autonomia completamente para desenvolver o projeto, tudo o que eu precisasse, mas acredito que também foi porque isto não envolveu custos adicionais, não é, eu já era uma profissional da escola e estava só a querer implementar um projeto novo, não é, que não envolvia custos, ahm, para além do que eu já recebo, não é, portanto a receptividade foi ótima, sim, e mesmo a nível da escola globalmente, mesmo os professores, alunos, ah assistentes operacionais, todos adoraram e ainda hoje ah, ah gostam muito e faz, a minha cadela já já faz parte da da escola, não é, um bocadinho, nesse aspeto é muito bom.

Sara: *Ahh, pelo que entendo não houve então nem apoios significativos a nível financeiro, nem barreiras propriamente ditas para, para o início destas intervenções?*

Entrevistado: Não.

Sara: *E relativamente à autarquia local, qual é que foi a receptividade?*

Entrevistado: Pois, e é assim, só a escola e a direção da escola é que teve ahm envolvida na autorização deste projeto, portanto nesse aspeto não consigo responder.

Sara: *Ok. Então não há nenhuma fonte de financiamento externa a este projeto, este projeto é, é teu?*

Entrevistado: É (Risos).

Sara: *Ok. Compreendo. Então focando agora nas intervenções quem é que são os beneficiários destas IAA?*

Entrevistado: São sobretudo crianças com perturbação do espectro do autismo, embora também hajam outras crianças que tenham défice cognitivo ou outras patologias associadas, mas são assim patologias mais graves.

Sara: *Então, focando agora um pouco na, na, nas intervenções com crianças com défice cognitivo ou dificuldades de aprendizagem, as questões que eu vou colocar a seguir, gostaria que se tentasse focar no trabalho com estas crianças. Qual é o âmbito das intervenções e das respetivas sessões, quero eu dizer, são realizadas individualmente? são em grupo? são em contexto, já percebi que são em contexto terapêutico, mas também com carácter educativo, ocupacional ou estritamente terapêutico?*

Entrevistado: Ahm são sessões realizadas tanto em grupo, em pequeno grupo, e eu já realizo este projeto há quatro anos, portanto iniciei com grupos se calhar de 4, mas percebi que não era o mais benéfico e reduzi, neste momento os grupos maiores que tenho são só de dois. E depois há crianças que têm individualmente também, e o objetivo aqui é, é, estas sessões serem como um complemento às sessões tradicionais de terapia da fala, e resulta, não para todas as crianças e só para algumas né, eu tenho que analisar primeiro, muitas vezes, os meninos novos que entram, eu experimento para ver se realmente a terapia funciona e é uma mais- valia, ahm agora se a criança ou tem medo ou não, o cão estar ali ou não estar é indiferente, não é, não vale apenas a terapia ocorrer naquele contexto, como é obvio, ah depois há crianças que se nota que realmente a terapia com o animal presente corre de uma forma muito, muito melhor ah e os objetivos que pretendemos adquirir a nível de da terapia da fala ah são atingidos muito mais rapidamente, de uma forma mais alegre com motivação.

Sara: *Já vamos falar desses impactos todos, que eu vou querer saber disso assim ao pormenor...*

Entrevistado: ah ok.

Sara: *Antes disso gostava também de saber qual é a regularidade das sessões? São sessões semanais, quinzenais, uhhh*

Entrevistado: São semanais, sim.

Sara: *E a duração das sessões?*

Entrevistado: 45 minutos.

Sara: *O tempo de uma aula. Ah e qual é o tempo médio de frequência destas atividades para estas crianças? isto é, são atividades que decorrem ao longo do ano ah escolar, ao longo de um período letivo, são mais continuadas, mais finitas no tempo?*

Entrevistado: Por norma é durante no mínimo o ano escolar, não é, se correr bem, portanto há sempre um período de experimentação por vezes, se não for benéfico pronto, tentamos outra criança e vamos aproveitar ao máximo a terapia, se resultar dura o ano letivo inteiro ah e se, é assim, eu tenho crianças que já já fazem terapia assistida por animais há três anos, desde o tempo que eu estou lá, porque são crianças que realmente não faz sentido ser de outra forma, não é, agora que começámos porque resulta sempre muito bem, agora há outras que começam a perder o interesse, não é, porque já não é novidade começam a querer outras coisas, e aí então no ano seguinte já temos desta forma e passamos a outro contexto.

*Sara: E agora sim pegando naquilo que estava a dizer, quais é que são para si os principais benefícios desta intervenção para estas crianças? qual é o principal impacto?*

Entrevistado: Quando li esta pergunta, ah o primeiro impacto logo que me surge é a autoestima, pensando nestas crianças com défice cognitivo, acho que o animal transmite-lhes um reconhecimento ah e eles sentem-se especiais e eles darem comandos ao cão e o cão obedecer e e o cão ficar super feliz de os ver, portanto esses pequenos pormenores eu noto que a autoestima deles eleva-se mesmo. E isso depois surge também, passa também para os outros contextos, mesmo no grupo de pares, depois os colegas querem saber o que é que ele fez, o que ele faz com o cão, pronto é tudo depois, o que nós trabalhamos ali em sessão reflete-se depois também nos outros contextos todos, não é? neste sentido também. Ah e aí o impacto logo assim principal eu diria este, a autoestima, ah depois em termos terapêuticos mesmo para aquilo que eu pretendo trabalhar que é a comunicação, linguagem, fala ah também se nota uma maior evolução, porquê? porque o nível de motivação quando é maior a criança esforça-se mais, tem mais interesse, não é, ah o nível de atenção que muitas vezes estas crianças, muitas vezes não quase sempre, têm níveis de atenção alterados, o facto de eles não saberem o que o cão vai fazer no momento a seguir, não é, ser um animal um bocadinho imprevisível fá-los estarem mais atentos, não é? e o nível, mesmo o período de atenção ah torna-se bastante superior. ah

*Sara: E ao nível social, ah na escola, junto dos auxiliares, do corpo docente da escola, sente que também há um impacto a este nível, social?*

Entrevistado: Sim, também, muito até porque também já fiz atividades em contexto de sala de aula, ah e também corre super bem, não é, e mesmos os professores podem às vezes estar num momento assim mais, ah estão mais zangados ou já estão cansados naquele dia, quando a N que é a minha cadela, passa pelo corredor, abre-se uma sorriso, eles saem da sala pedem para fazer festinhas, isto tudo, não é, não é só o trabalho com a criança em si mas no contexto escolar nota-se mesmo que há outra energia a nível global e nesse sentido é mesmo giro reparar.

*Sara: E relativamente ao impacto familiar, estas atividades e a presença, ah deste animal, de alguma forma vão alterar as dinâmicas, a vida familiar, sente que há um impacto nas famílias destas crianças que têm esta terapia?*

Entrevistado: Sim, no sentido de que há alguns pais que assim que percebem que a criança chega a casa e fala do cão e que teve com um cão, muitos deles me perguntam se faria bem adotarem um cão, é logo assim, e pronto aí eu tenho que explicar que as coisas não são bem assim não é? ah mas nota-se que eles percebem, quando as crianças gostam muito, não é, depois há outras que não ligam, ah eles vêem o entusiasmo da criança e também como querem fazer mais por ela, pensam que ao ter um cão também poderá contribuir para

o desenvolvimento da criança, não é, e cheguei a ter pais que adotaram uma cão por causa da terapia estar a correr bem.

Sara: *Muito bem, ah então de alguma maneira acaba sempre por ter um impacto mesmo na própria percepção das famílias do trabalho realizado?*

Entrevistado: Penso que sim.

Sara: *Relativamente e mudando agora um pouco de assunto, pensando e entrando aqui no nosso último bloco de questões pensando nesta realidade que de repente mudou no mundo, a pandemia, o confinamento, como é que esta pandemia e estas alterações afetaram o decorrer das suas atividades?*

Entrevistado: Ah, pois, durante o confinamento tivemos de passar para as terapias on-line ah e então claro que os meninos que tinham a terapia com a N, não podia acontecer, não é? Portanto logo aí houve uma quebra grande nesse sentido.

Sara: *E agora que já começamos o desconfinamento, já houve o regresso? já, já estão de regresso?*

Entrevistado: Sim, sim, sim sim, só parou mesmo quando a escola parou. De resto funcionamos sempre.

Sara: *E o impacto ahh nestas crianças desta paragem, sentiu? afetou o impacto das intervenções?*

Entrevistado: Afetou a todos, a nível das terapias todas, não especificamente estes meninos que tinham a terapia assistida por animais, mas claro que a presença para estas crianças estarmos em frente a um computador não tem nada a ver, não é como estarmos presencialmente.

Sara: *E foi claro essa, houve alguma alteração da percepção do impacto destas intervenções, por exemplo ao nível dos familiares, ou dos professores? houve alguma, sentiu que houve alguma alteração de, sei lá, ou valorizarem mais ou acharem que ah afinal não tinha assim tanto impacto, ah sentiu que houve alguma alteração na percepção de quem...*

Entrevistado: É assim, sinceramente eu acho que os pais já davam, já dão valor às terapias de uma forma geral, ah quem não dá valor, por norma, também continuou a não dar, não é? não notei assim essa diferença, não.

Sara: *E visto que a pandemia afetou o decorrer destas intervenções este projeto teve algum apoio financeiro extraordinário para fazer face a esta paragem?*

Entrevistado: Não. (risos). já não tinha, muito menos agora.

Sara: *Ok. penso que terminámos a nossa entrevista, é muito interessante conhecer, conhecer este projeto. Muito Obrigado.*

### **E3**

Sara: *Se estiveres interessada no final terei todo o gosto de fazer chegar a uma cópia da final da tese. Agradeço, desde já, a disponibilidade e atenção. Podemos começar?*

Entrevistado: Começemos, portanto.

Sara: *Portanto, primeira questão: qual é o teu papel nas intervenções assistidas por animais? Isto é, és o técnico responsável pela implementação, fazes parte de uma equipa multidisciplinar ou acompanhas as ações promovidas por outros técnicos?*

Entrevistado: São as duas últimas.

Sara: *Portanto fazes parte do equipa multidisciplinar e acompanhas sessões.*

Entrevistado: Exatamente.

Sara: *Ok. E qual é a sua formação profissional?*

Entrevistado: Sou psicóloga clínica, da área da saúde.

Sara: *Ok, ahmm sempre trabalhaste na instituição que trabalhas agora? qual é que foi o teu percurso profissional?*

Entrevistado: A nível profissional sim, fiz foi um estágio curricular numa escola, o meu estágio curricular foi feito numa escola na eb2 básica XXX mas depois desde comecei a trabalhar que estou na instituição.

Sara: *Ok, e o que é que te motivou a começar a trabalhar com as IAA? O que é que te levou...*

Entrevistado: A trabalhar, olha sou muito sincera, inicialmente não percebia nada disto, não é como é obvio, não é a minha área, mas dentro dos sentidos comuns que se ouvia sempre houve um feedback positivo na relação, na, nas, a nível terapêutico nas melhoras que acontecia a nível comportamental em crianças com necessidades educativas especiais tanto a nível comportamental, como postura, como emocional sempre houve um, nas leituras, nas pesquisas, nos artigos, o feedback sempre foi positivo. Inicialmente começámos a

trabalhar com um hipoterapeuta que entrou na instituição e vimos os resultados positivos da do trabalho com os cavalos e a partir daí eu comecei a investigar outro tipo de intervenções com animais não só cavalos, acho que nós já fizemos, não terapia mesmo, mas fizemos atividades com cães tivemos, houve uma altura, agora não temos, mas quase que uma vez por semana que íamos um, ai eu não me lembro do nome, não é preciso dar nome, pois não? mas era uma quê por acaso nunca mais me lembrei do nome dela não sei se sabes era uma de cães de água acho que era em São Brás.

Sara: *não, não, não estou a ver...*

Entrevistado: Mas íamos lá pontualmente, na de cães de água e terminámos com os burros com a Asinoterapia.

Sara: *Ah, e agora ia perguntar com que animais é que desenvolvidas estas intervenções já percebi que tu trabalhas de uma maneira mais frequente com cavalos e com burros, ah e com carácter menos regular houve aí um contacto com cães.*

Entrevistado: E ainda há, a gente procura sempre...

Sara: *E quem é que são este animais são, não são vossos já percebi que são de instituições ah a que vocês recorrem.*

Entrevistado: Sim. Neste momento trabalhamos com duas com a xxx de Loulé e com a yyyy.

Sara: *Portanto com uma que faz com cavalos e outra que faz com burros.*

*Ok, ahm, quando começaste a acompanhar as suas intervenções qual foi a recetividade que sentiste na sociedade envolvente ou seja como é que as pessoas à vossa volta reagiram a este contacto com os animais, ao desenvolvimento deste tipo de intervenções?*

Entrevistado: Normalmente os pais e os miúdos adoram tudo o que é contacto com animais, mas é muito mais fácil com cavalos, porque cavalos na sociedade está muito mais incutido, a hipoterapia e os ah e próprio cavalo em si, o burro ainda não está muito ah bem-conceituado, a nível de animal (risos) digamos assim, aliás eu própria, não é, cheguei a perguntar o que é que o burro era capaz de fazer, não, eu tive que vir ver e conhecer e pronto. Mas há muita gente que ainda acha, e isso foi um trabalho feito também da parte da instituição e em parceria com a xxx perceber o que é que funcionava com/nos burros e o que é que

funcionava nos cavalos também, o trabalho foi feito com na altura com o técnico que estava connosco e mostrámos aos pais, mais aos pais, não é, os benefícios de trabalhar a fazer terapia com animais.

Sara: *E sentiram que há apoios para a implementação deste tipo de intervenções comparativamente com outro tipo de terapias?*

Entrevistado: Hoje em dia os apoios não são muitos, em lado nenhum, mas normalmente quando se fala em terapias alternativas parece que as pessoas abrem mais os ouvidos porque também eu tenho a sensação que estão fartas de psicologia básica, da terapia básica, coisas assim, que para mim não é básico, não é, mas pronto, gostam de tudo o que é diferente também e quando se começa a falar, quando se apresenta um projeto onde se mostra outro tipo de terapia, não só uma psicologia, uma terapia da fala, uma psicomotricidade, mas às vezes associar isto tudo com cavalos ou burros, ou cães ou outro tipo de animal eu acho que as pessoas mesmo a nível de apoios também abrem os ouvidos mais diferente, não quer dizer que tenhamos os apoios, mas ao menos leem o projeto, vá... ao menos leem o projeto quando é apresentado com terapias alternativas.

Sara: *E barreiras, sentiram?*

Entrevistado: Sim, o dinheiro é uma delas, não é, como é obvio, não há, não há dinheiro em geral ahh para apoiar nada, mas a única barreira mais eu acho que é, é a financeira porque a cabeça das pessoas a gente, pois também as trabalha e vai mostrando os benefícios e quando começam a ver os benefícios nos crianças ou a ver as coisas a melhorar também é melhor prova que se tem.

Sara: *Hum hum, e relativamente à autarquia local houve alguma recetividade? houve algum tipo, qual, qual foi a recetividade houve algum tipo de financiamento por via da autarquia local em termos de apoio para este tipo de atividades, ah interesse ou...?*

Entrevistado: É assim, a autarquia, a camara de xxx não é, ahm é assim a camara até não tem uma má relação com a gente, mas porque nós temos anos de contactos com algumas pessoas, não é, não existe apoio financeiro direto, existe apoio financeiro para alguns projetos porque a camara abre candidaturas e nós normalmente candidatamos sempre o projeto temos que é o atelier de competências onde está incluído os cavalos e os burros e normalmente pinga ali sempre qualquer coisinha da câmara para apoiar esse tipo de projeto e temos um apoio a nível de comunicação e marketing, eles próprios muitas vezes encaminham pessoas para nós, porque sabem o tipo de atividades que temos ou o tipo de terapias que temos, esse tipo de apoio existe, o financeiro não existe, eu também quero acreditar que porque não há, não é só porque...

Sara: *E a nível de outras fontes, concursos externos, ah vocês têm apoios para a implementação destes destes projetos?*

Entrevistado: Nós que normalmente, a instituição candidata-se a diversos tipos de projetos, este por sinal não está apoiado por nenhum, nnnão.

Sara: *Ok quando referes este projeto estamos a falar do projeto que inclui as diferentes intervenções com animais e ham ahm mas vocês candidatam-se a vários concursos e não conseguiram para este projeto e conseguiram para outros? têm feito? não se candidataram com este projeto?*

Entrevistado: Normalmente a gente tenta procurar apoios para projetos, não é que este não seja, não é, tem custos, não é como é óbvio, mas este como também tem um valor associado a uma mensalidade acaba por ser autossustentável, não é, não pedimos muito dinheiro aos pais né mas o dinheiro que é dado pelos pais, basicamente paga as terapias e paga a deslocação e paga esse tipo de coisas. Com projetos que envolvam mais custos é que a gente tenta pedir outro tipo de apoios, este é quase como, o que a gente ganha gasta pronto, não fazemos lucro por aí além, mas acaba por ser autossustentado.

Sara: *Ok, e quem são os beneficiários destas intervenções que acompanha?*

Entrevistado: Ah os principais os nossos utentes as nossas crianças com necessidades educativas especiais, depois existe entre os secundários, como é óbvio, da própria família acaba por ter benefícios, os próprios técnicos acompanham os terapeutas responsáveis acabam também por ter benefícios, no geral.

Sara: *Ahm como este trabalho que eu estou a fazer é focado em crianças com défice cognitivo ou dificuldades de aprendizagem agora no próximo bloco de questões gostava que fizesses o favor de focar especificamente neste tipo de crianças, portanto crianças com défice cognitivo ou com dificuldades de aprendizagem, penso que são maior parte das que trabalhas, mas só fazer esta esta ressalva. Então, qual é o âmbito destas das intervenções e das respetivas sessões, quer eu dizer, estas atividades são realizadas individualmente, são em grupo, são em contexto educativo, terapêutico, ocupacional como é que elas surgem?*

Entrevistado: Dá para ser tudo junto?

A essência, é ser individual, a terapia é ser um para um técnico, animal e criança, aaa mas já existiu situações em que foi feita, aliás inicialmente é sempre feito, por exemplo no caso dos cavalos quando é feita a inclusão de uma criança nova na, na hipoterapia, pelo que eu assisti, é feito sempre um trabalho prévio, até às vezes grupo duas ou três crianças dirigem-se ao cavalo para conhecer, fazer festas, escovar, este tipo de coisa, antes

de haver a sessão mesmo de hipoterapia, nos burros chegámos a fazer o mesmo também às vezes sessões dois a dois, três a três porque isto depois também depende das crianças e não só das competências mas também do à vontade, houve crianças que sentiam-se mais à vontade em ir a pares e levar o amigo para ter a sessão, houve outras que não, consegui trabalhar individualmente, a nível daa o objetivo existe vários educacional, terapêutico, ocupacional, depende outra vez de do objetivo individual de cada um.

Sara: *Ok. E qual é a regularidade das sessões para beneficiário? São semanais, são quinzenais, são mensais.*

Entrevistado: Semanais, a gente tenta sempre semanais, uma vez por semana para todos.

Sara: E a duração média das sessões?

Entrevistado: Também depende das capacidades dos o dos utentes, da focagem na atividade, temos miúdos que aguentam 20 minutos temos outros 15, 10, meia-hora, depende sempre.

Sara: *Não há um "timing" definido?*

Entrevistado: Normalmente estão programadas para 20 minutos.

Sara: *Ok.*

Entrevistado: Normalmente estão programadas para 20 minutos, mas houve alturas que os técnicos como estava a correr tão bem prolongaram mais um bocado, como houve alturas que estava a correr tão mal, porque depende, né, por exemplo crianças com autismo a gente nunca sabe muito bem como é que isto vai correr, e assim que chega além vê o animal e vai-se logo embora, não é? e então... normalmente a programação é para cerca de 20 minutos de intervenção.

Sara: *Ok. Ahm, e qual é o tempo médio de frequência das atividades, ou seja, as crianças frequentam durante um ano escolar, frequentam num período prolongado de mais do que um ano escolar, frequentam durante um, um, um período de tempo definido e finito, tipo dois ou três meses aquela terapia depois saem ou é, é uma coisa prolongada no tempo?*

Entrevistado: O projeto é para, ahhhh escolar, ou seja ano letivo, nós tentamos mesmo nas atividades de interrupção letiva manter algum tipo de contato com estes mesmos animais devido ao facto de, por exemplo uma Páscoa são duas semanas pode não ter assim efeito mas quando são três meses de verão pode regredir em todo o trabalho feito no ano letivo e não haver outra vez o contacto, o à vontade da criança estar com os animais, não a nível terapêutico, por vezes mas só haver aquele contacto de escovagem, de interação, de

brincadeira, às vezes mais que o pedagógico ou ocupacional, não o educacional ou pedagógico, mas para não haver uma quebra grande dos animais, mas o projeto e a intenção é sempre o ano inteiro a haver sessões.

Sara: *E tem crianças que, que frequentaram mais do que um ano letivo, portanto se fala dessa ocupação no nas férias é porque há essa preocupação de que há crianças que fizeram o ano letivo e depois continuam no ano letivo seguinte?*

Entrevistado: Sim, nós temos miúdos que já estão a fazer a asinoterapia há 2 anos e a hipoterapia, que já era pronto na altura era mais famosa e conhecida para nós já fazem há pelo menos, há quatro ou cinco anos com o mesmo hipoterapeuta, até.

Sara: *Ok, e quais são para ti os principais benefícios das intervenções assistidas por animais para estas crianças em específico qual é o principal impacto?*

Entrevistado: O principal impacto, não vou começar pelo impacto, o principal ah o a melhor coisa que tem para mim é a nível motivacional porque eles realmente estão muito mais motivados para a terapia e para estarem na atividade, depois eles não se apercebem que estão a ter terapia na verdade, não é? eles acham que estão a brincar ou estão ali a fazer umas festas não sabem muito bem o que é que estão ali a fazer e depois o impacto é realmente a nível, dependendo das terapias e lá está, de cada criança, são definidos objetivos e terapia e terapêuticos objetivos terapêuticos mas o que eu vi acontecer nos últimos anos foi a nível dos autismos por exemplo de uma criança autista o estar mais calmo ou já estar a conseguir concentrar em tarefase ou seja o impacto a nível do melhorar de comportamento emocional da criança, depois os cavalos a gente trabalha mais postura mais a nível motor e os burros trabalhamos mais a nível também emocional também tem com motor motricidade e isso tudo, mas o nosso, pelo menos o meu foco principal a nível quando falava com a terapeuta era a nível de trabalhar emocional e regras e esse tipo de coisas e conseguimos ter duas vertentes diferentes mas pronto.

Sara: *E a nível social sentes que existe um impacto a nível social quando vocês, não me estou a focar nas famílias, mas nos outros técnicos, nos auxiliares que acompanham, eu sei que vossa instituição tem voluntários, sentes que há um impacto também nestes outros membros da comunidade?*

Entrevistado: Oh pá, normalmente os voluntários tem muita curiosidade de saber o que é asinoterapia muita, a hipoterapia lá está muito falado, já toda a gente sabe né? e até mesmo com cães às vezes algumas perguntam se a gente tem alguma atividade com cães porque já ouviram falar mas nunca viram não percebem ao certo porque é que a nível terapêutico se consegue utilizar o cão né? e eles normalmente quando eu lembro-me de chegar a sítio e dizer: "há mas podes ir ver a asinoterapia, podes ir ali ver os burros" "ai, posso?!? ai posso?!?" (linguagem corporal mostra entusiasmo) (risos) e eu: Podes! isto é, há uma

curiosidade inerente, mesmo aos cavalos, tudo o que tem que ver com animais, porque eu acho que as pessoas não, entendem, não conseguem entender, na verdade, isto a culpa não é nossa, não é, é da sociedade que ainda está a ser tudo trabalhado, ah, qual é o objetivo real de trabalhar com animais sem ser porque é giro, não é, porque é giro ter um cão, é giro ter um cavalo, oh os burros são tão giros, o coelho né? Ah e percebem que a criança está mais motivada porque tem aquele animal né, mas não entendem na verdade o que é que terapêuticamente funciona porquê, que há ali um trabalho profissional, acham que eu estou brincar com o burro ou com cavalo, vou lá uma semana, vou às galinhas dar um bocado de milho, pronto, mas não entendem realmente qual é a, como é que isto funciona e eles tem sempre muita curiosidade, normalmente quando vêm o nosso plano de atividades as que perguntam logo que querem assistir são as que têm animais terapia dá para fazer a terapia e já chegaram igual quando é que vamos Ali Ali Ali porque eles próprios também estão mais motivados, acham mais piada.

Sara: A tal motivação que funciona para as crianças acaba por funcionar depois para a comunidade em geral e a nível do impacto familiar e agora sim estas estas atividades influenciam de alguma forma as dinâmicas e a vida familiar, sentes que o facto de existirem estas atividades, estas intervenções, mexem também com a própria família?

Entrevistado: Se a nível terapêutico se a gente trabalha uma criança a nível, se a função final é melhorar a criança em todos os aspetos né? seja dificuldade de aprendizagem, seja cognitivo, dentro da dificuldade, seja motor, emocional, comportamental, se isto tudo melhora, é normal que o ambiente familiar também melhore, né? E se a criança no meio disto tudo é mais feliz para casa, vai motivada, isto é o cíclico né, vai gostar de ir ao sítio, está a família que gosta, a própria família acaba por procurar os próprios espaços porque querem saber, então mas porque é que os burros são tão fixos ou porque é que os cavalos são tão fixos, ou porque é que o meu filho chega a casa me fala tanto não é, os que pronto tem capacidade de falar né? mas me contam tanto sobre esta atividade ou como é que eu consigo perceber que o meu filho que tem autismo está mais calmo quando é daquele dia e não vem do outro né? e é obvio que se melhora a qualidade de vida de uma criança melhora a qualidade de vida da família.

Sara: *Ok, vamos então agora mudar radicalmente de assunto, e vamos focar-nos nesta época peculiar que atravessamos e como é que esta pandemia e os confinamentos e veio alterar tudo à nossa volta e como é que afetou o decorrer destas atividades?*

Entrevistado: Focar nos miúdos, nas atividades não na instituição?

Sara: *Exato, portanto o que eu, a pergunta é, de que forma é que esta pandemia veio afetar o decorrer das atividades?*

Entrevistado: Obrigou-me a termina-las todas, tivemos que parar durante x tempo que fez aquele problema que nós tentamos não fazer durante umas férias de verão que é não ter um contacto animais, por exemplo nós temos um caso agora de uma rapariga que demorou não sei dizer ao certo mas imagina 3, 4 meses a montar um cavalo, montou em dezembro veio o confinamento e agora não quer subir ao cavalo outra vez, pronto tivemos ali um processo a trabalhar né, fazer a intervenção a trabalhar, fez a hipoterapia, já toca faz festas, mas como ela tem medo de alturas conseguimos que ela montasse para começar a sessão de hipoterapia, veioo confinamento voltamos tudo para trás outra vez né...

*Sara: Portanto um dos impactos foi que essa paragem acabou por...*

Entrevistado: Há um retrocesso, há um retrocesso a todos os níveis.

--- Pausa na entrevista, a entrevistada precisou de atender um telefonema ---

*Sara: Disseste que houve uma paragem e que isso teve impacto no sentido que depois quando retomaram as atividades houve ali um retrocesso, portanto já retomaram as atividades?*

Entrevistado: Sim, foram retomadas a semana passada quando terminou confinamento, quando deram autorização para abrir.

*Sara: E percebemos que houve um impacto nas crianças e notou nos familiares ou no grupo socialenvolvente alguma alteração na perceção do impacto destas intervenções, ou seja, sentiste que as famílias sentiram tiveram uma perceção diferente da importância destas intervenções?*

Entrevistado: Direcionado só às terapias com os animais provavelmente não, porque em geral os pais queriam com os miúdos retomassem à rotina normal, não é? os miúdos referem várias vezes que tinham saudades dos cavalos, saudades dos burros, de voltar às atividades, não só às, mais essas atividades, também são as que eles gostam mais, são no exterior são mais dinâmicas mais divertidas, eles próprios são as que gostam mais, não se não te consigo fazer ligação direta ao confinamento só a falta desse tipo de terapias porque como são muitas também não é tipo não é só cavalo não é só burros, há todo o tipo de atividades, é obvio que os próprios miúdos referem aos pais que saudades dos burros, tem saudades de ir ali, tem saudades, provavelmente através dessa verbalização conseguem perceber que faz falta esse tipo de terapia às crianças na altura do confinamento, nós não conseguimos mesmo fazer ligação direta disso.

*Sara: Uma vez que a pandemia afetou o decorrer destas intervenções na vossa instituição, o projeto em causa ou a instituição beneficiou de algum apoio financeiro extraordinário para fazer face a esta realidade?*

Entrevistado: Tivemos em "lay-off", foi o único apoio que tivemos. Não houve nenhum apoio, os pais tiveram a sensação de mensalidades, como é obvio porque não há, não pagam, e o único apoio que a instituição teve foi entrar em "lay-off" e ter esse apoio para pagar os recursos humanos da instituição que estavam em casa devido ao confinamento. E acho senhor da renda perdeu a renda.

*Sara: Ok. Muito obrigado pela disponibilidade e agradeço mesmo a disponibilidade para a partilha deste tipo de informações porque vai ser importante e nós acreditamos que este estudo vai ser importante. Obrigada!*

#### **E4**

Fui recebida por uma técnica sozinha, com um ar cansado e talvez um pouco triste. Durante a entrevista, houve uma paragem para atender um telefonema que gerou alguma angústia e preocupação. Algumas questões não foram mais aprofundadas por sentir que aprofundar o assunto geraria maior tristeza e mal-estar. Importa também referir que a técnica entrevistada não é portuguesa, pelo que o seu vocabulário e construção gramatical é, por vezes, um pouco diferente.

*Sara: No final enviarei uma cópia da versão final da tese que resultará deste processo de investigação. Agradeço a disponibilidade e a atenção, podemos começar?*

Entrevistado: Podemos.

*Sara: Então, primeira questão, qual é o teu papel nas IAA, isto é, és o técnico responsável, fazes parte de uma equipa multidisciplinar ou acompanhas sessões que são promovidas por outros técnicos?*

Entrevistado: Eu considero-me o técnico responsável, mas eu faço parte de uma equipa, ah, ah, eu insisti que eles vem com os técnicos que estão a trabalhar com esses utentes, é uma psicóloga e uma assistente social.

*Sara: E qual é tua formação profissional? A inicial e a relacionada com as intervenções?*

Entrevistado: Ok, ahmm já há alguns anos, tenho de enfermagem, ahm depois jovem agricultor, depois vários cursos em relação a terapias assistidas com animais, este de Alicante com a Humanymal, com os burros, e um pós-graduação de educação especial, porque eu queria perceber o sistema aqui em Portugal.

*Sara: Sempre trabalhaste na instituição em que trabalhas atualmente? em contexto de IAA?*

Entrevistado: Não, tenho várias instituições.

*Sara: Ahm, não me estou a referir às instituições que são teus utentes, estou a referir-me ao teu local de trabalho com os animais, foi sempre este?*

Entrevistado: É sempre neste local, sim, sim.

*Sara: O que é que te motivou a começar a trabalhar em IAA?*

Entrevistado: Uhm, o facto que o burro, uhm eu tenho aqui um turismo, um espaço rural e na altura que tive dois burros, duas burros, e eu notei, e eu aqui também está adaptada a pessoas com uma mobilidade reduzida, de vez em quando recebia pessoas que precisava de tomar conta, e velhos, jovens, toda a gente, o burro não deixava as pessoas indiferente, e eu achei isso muito interessante, e depois havia este workshop com a Mediâne na AEPGA, fui lá e pensei, é isso que eu quero fazer.

*Sara: Ok, e, ah, já vi então que os animais com que desenvolves as intervenções, são burros, quem são estes burros?*

Entrevistado: Ah, queres que apresente todos os burros, por nome, é isso?

*Sara: Por exemplo, (risos) não, quero que me fales deles, são teus, como é que vieram cá parar, de onde vêm?*

Entrevistado: Sim, é claro durante um workshop, sobre o assunto eu posso trabalhar com burros que são de outras pessoas, mas durante o meu trabalho eu prefiro trabalhar com os meus animais, porque conheço eles muito bem, então são os meus.

*Sara: Quando começaste a promover estas intervenções, qual foi a recetividade que sentiste da sociedade à tua volta?*

Entrevistado: Há isso, foi em 2000 e poucos, 2005, se calhar oficialmente, eu tinha convencer os instituições. Esta ideia de *social-farming*, de estar em contacto com a natureza e o campo fazia bem, era uma coisa nova, porque era contrária, não é, as pessoas saíram do campo para ir à cidade, e eu disse não, não, venha aqui, porque aqui faz bem.

*Sara: E sentiste que houve apoios, ou barreiras, neste início e nesta implementação das IAA?*

Entrevistado: Em relação às terapias, levou tempo, havia barreiras, e havia esse comentário "ai agora ele manda eles a limpar estábulos", por exemplo, não é, "mão de obra barata", não é, isso, agora estou a falar sobre pessoas com dificuldades, hã, défice cognitivo e ligeiro físico, mas era muito mal visto, sim, e por

isso comecei a dar estes mini-workshops antes que começava, para explicar o que é a ideia e como eles próprios durante a sessão podia estar ativo, e não só eu. Num grupinho eu preciso da ajuda, e eles é que conhece melhor os utentes.

*Sara: Tentaste então incluir a própria equipa do sítio onde trabalhas, para garantir um maior conhecimento sobre aquilo que tu ias fazer?*

Entrevistado: Exatamente!

*Sara: Já estavas a contar com estas barreiras ou quando começaste a apresentar o teu projeto foi uma surpresa, a reação e a existência destas reações?*

Entrevistado: Uhm, sim, *a slight surprise* sim! Mas é interessante porque depende um bocadinho das pessoas, é, pessoas que têm viajado e estudado um bocadinho mais, se calhar era um bocadinho mais abertos, ou ao contrário, pessoas do campo, perceberam um bocadinho onde eu quis chegar.

*Sara: E relativamente à autarquia local, à zona onde te encontras, qual foi a receptividade, tiveste algum apoio por via da Câmara, da Freguesia, houve aqui algum envolvimento das autarquias?*

Entrevistado: Não, eles estão mais interessados aqui nesta coisa, por exemplo, quando há feiras e eles querem aparecer lá com o burro, eles sabem-me encontrar, mas em relação a isso, levou tempo, agora tem um certo nome, mas não, apoios não.

*Sara: Inicialmente o burro era então visto mais como recreativo, é isso?*

Entrevistado: Ya, isso, e eles querem voltar para o tradicional, as burricadas e isso, eu não quero isso, eu quero parar com isso, eles podem procurar outras pessoas com burros para isso, eu não.

*Sara: E tiveste financiamento de outras fontes, de concursos externos, houve projetos financiados?*

Entrevistado: Não. O único projeto que estava, que as pessoas estavam logo prontas para participar, é este com o centro comunitário e são ingleses que estão a pagar.

*Sara: Ok, então há um financiamento internacional a um projeto com um centro comunitário português?*

Entrevistado: (Risos) Sim, eles querem apoiar estas crianças que não têm os meios para, e este centro comunitário trabalha com estas crianças.

*Sara: E como é que conseguiste chegar a ...*

Entrevistado: Não, foram eles, foi o centro comunitário que chegou, por que se eu vou à caça de apoios eu não faço nada mais, eu já notei isso, porque isso é muito telefone, e-mails, convidar as pessoas para mostrar, isso eu não me importo de fazer, agora esses contactos todos e escrever emails e não sei quê, isso leva tempoe dá muito trabalho.

*Sara: E agora, focando mesmo nas intervenções, quem são os beneficiários das intervenções que promove?*

Entrevistado: São idosos, agora não, mas antigamente idosos e todos com uma ligação a campo, no início da demência, nós chegámos a um ponto que eles iam fazer uma espécie de *screening*, quem ia, que ia beneficiar mais com esta atividade, hum, na outra instituição são pessoas com multideficiência e pessoas que não vão para outras atividades, que não vão para a piscina, que não vão para os cavalos, que não vão para fora, então vêm cá.

E agora o centro comunitário, isso é uma coisa nova, quer dizer nova, já anda há dois anos.

*Sara: No centro comunitário, trabalhas com crianças?*

Entrevistado: Sim.

*Sara: Então, agora vamos focar esta entrevista nas intervenções com estas crianças, com défice cognitivo ou dificuldades de aprendizagem. Todas as questões que vou fazer a seguir gostava que te reportasses a este trabalho com estas crianças.*

Entrevistado: Yap.

*Sara: Qual é o âmbito das intervenções e das respetivas sessões? quero eu dizer, é terapia? é educacional? são sessões individuais? são sessões em grupo?...*

Entrevistado: Eu, eu tenho, tu dizes que tenho de falar sobre as crianças, mas nós começámos, a ideia inicial era mães e filhos, para aquelas mães sozinhas, e a ideia era para promover um momento de qualidade entre estes dois, porque é de um bairro onde há muitos problemas de drogas, álcool, sem empregos, ahh, abusos, outros abusos, então para dar uma coisa positivo em conjunto mãe e filho promovemos estas terapias, começamos primeiro pelas mães à parte ter um momento que eles podiam (impercetível) e depois irmos ah organizar atividades que os dois estavam presente e tinham uma, uma interação positiva.

*Sara: Portanto era um trabalho terapêutico, no par mãe e filho?*

Entrevistado: Porque em casa, é tudo, estão a trabalhar, chega em casa, estão cansadas, é past, past, past e pronto. Então a ideia era isso, só era tão difícil para as mães ter uma manhã livre do emprego deles que eu tinha de fazer um documento que dizia que eles ia à terapia, terapia dos burros, então isso também é uma coisa que se calhar não é tão aceite, então às tantas pensamos isto dá mais stress às mães, vamos fazer duas coisas à parte, só com as crianças e de vez em quando com eles em conjunto, com as mães.

*Sara: E qual é a regularidade destas sessões, para cada beneficiário, eram semanais, quinzenais?*

Entrevistado: Semanais, na altura e depois quando nós notamos que era difícil era uma vez nas duas semanas.

*Sara: E quanto tempo, mais ou menos, é que duravam estas sessões?*

Entrevistado: Ah duas horas. Chegavam, 10h30 ou 10h até ao meio-dia.

*Sara: Para que se possa perceber, sessões de duas horas, mas que não eram individuais?*

Entrevistado: Não, são quatro pessoas, com vários burros. Só para explicar estas 4 crianças eram recebidas por mim e pela L. e chegavam com duas técnicas, quer dizer era quase um a um. E não era um luxo, era necessidade. Eram todas crianças assinaladas na educação especial e eles podiam sair escola estas duas horas para vir cá. Estas professoras eram muito sensível em relação a isso.

*Sara: E qual é a, pandemia à parte, qual seria o tempo que se esperava que estas crianças fossem acompanhadas? Seria um ano letivo, seria mais, havia alguma previsão de duração?*

Entrevistado: Era um ano letivo, era essa a ideia e de vez em quando sentamos e tivemos uma avaliação para ver como estão, em que situação estamos e também havia indivíduos que não apareceram muito regularmente e então às vezes tem que se retirar porque não é bom para o grupo... temos que ver se eles estão a aproveitar isso como deve ser ou não...

*Sara: Quais é que foram, na tua ótica, os principais benefícios destas intervenções, para estas crianças, o principal impacto nestas crianças?*

Entrevistado: Era o interceção positiva, sem brigas, sem lutas, sem discussões, não estou a dizer que sempre ia correr assim hãa, mas isso era o objetivo, que eles iam perceber que colaborar de uma maneira positiva um com o outro, paz. E largar a média, os dispositivos móveis, a eletrónica, ver que há outras coisas.

*Sara: E ao nível social, ao nível da comunidade onde estas crianças se envolviam a própria escola, sentiste que houve algum impacto?*

Entrevistado: Uhm, isso é uma pergunta muito grande! eu lembro-me de fazer avaliações também para este associação inglesa que estava a apoiar que nós dizemos que não notámos muito efeito... o impacto aqui sim, nota-se, logo fora das portas não, e isso é uma coisa que acontece quase a todas as terapias que temos que ter a noção que não é só isso, ou a pessoa leva coisas que treinamos aqui e continuamos a treinar fora, ou é verdade, o impacto é muito pouco, e nós concluímos quando fazemos essa avaliação era, ok o impacto é pouco, nós não estamos a ver, mas nós achamos que é muito bom que eles vêm cá, vamos continuar, era esta a conclusão.

*Sara: E aqui trabalhavam com mães e filhos, e o impacto na família?*

Entrevistado: Lá eles tiveram mais apoio do centro comunitário, as mães podiam ir lá a falar e pôr questões, e não sei que então havia uma espécie de, não *follow up*, porque eles começaram lá e aqui é que era uma espécie de extra, se calhar era *effectiv*, havia este apoio, em vez de ir para tua vizinha ou o quê, ir para um técnico que sabe um bocadinho mais de pôr as coisas em ordem, o que está a acontecer.

*Sara: E sentiste que as atividades que eram realizadas aqui, influenciavam de alguma forma a dinâmica ou vida familiar destas famílias?*

Entrevistado: Eu não posso dizer nada sobre isso, eu acho que se calhar os técnicos lá no centro podem responder... Isso era nossa esperança, mas tivemos a trabalhar tão pouco tempo e que são duas horas aqui numa semana inteira. Gostava de ter eles todas as manhãs por exemplo...

*Sara: E as intervenções pararam, pelo que percebo, devido à questão da pandemia e do confinamento, é isso?*

Entrevistado: Ya, primeiro começámos a ter um grupinho só de dois miúdos porque eram da mesma aula, o professor da outra tinha Covid então não podiam vir, de outra turma, então primeiro ficámos só com dois miúdos e depois, totalmente parado.

*Sara: Então, esta época que nós vivemos veio alterar o funcionamento de tudo à nossa volta e veio afetar o decorrer destas atividades?*

Entrevistado: Ya, o que eu acho muita pena, porque eu acho aqui no ar livre e distância que podíamos manter que não havia muito perigo, mas no outro lado estar aqui a andar com máscaras e andamos aqui para trabalhar relações e contacto físico, também, também era positivo, sim eu percebo que...

*Sara: Então, basicamente a vossa atividade parou, há perspetivas de regresso?*

Entrevistado: Sim, em breve, este mês (Maio), que bom, ainda não está confirmado, mas eu acredito...

*Sara: Então, esta pandemia, veio afetar o impacto destas intervenções nestas crianças, numa primeira medida porque deixaram de frequentar as terapias, tiveste conhecimento de como isto afetou estas crianças, tiveste algum tipo de feedback?*

Entrevistado: Não, porque o centro comunitário, o próprio também não podia abrir as portas às tantas, e é grave porque..., mas pronto, ya eu não sei.

*Sara: Visto que a pandemia afetou o decorrer das intervenções e fez com que estas intervenções parassem, com que esta ligação ao centro comunitário parasse, houve algum apoio, quer financeiro quer logístico, à vossa atividade, à atividade da quinta?*

Entrevistado: Não, não, também não pedi, se calhar os ingleses estavam sensíveis para isso, mas eu não pedi, pensei que no meu caso, há pessoas que precisam muito mais...

*Sara: Muito obrigado, pelo tempo, pela disponibilidade, pelas respostas, por abrir assim desta maneira as portas.*

Entrevistado: Sim, eu acho que o impacto podia ser muito melhor se é uma atividade com mais regularidade! Que os miúdos gostavam de vir era muito óbvio! e mesmo havia coisas difíceis aqui para fazer e, mas eles gostavam.

## **E5**

*Sara: Se estiver interessada no final terei todo o gosto em lhe fazer chegar uma cópia da versão final da tese que resultará deste processo de investigação, agradeço, desde já a sua disponibilidade e atenção. Podemos começar?*

Entrevistado: Podemos começar, deixe-me só dizer-lhe que terei todo o interesse depois em receber uma versão final da sua tese, claro.

*Sara: Eu envio (risos)*

Entrevistado: Terei todo o interesse claro.

Sara: *Qual é o seu papel nas intervenções assistidas com animais? Isto é, é a técnica responsável pela implementação, faz parte de uma equipa multidisciplinar, ou acompanha sessões promovidas por outros técnicos?*

Entrevistado: Sou a técnica responsável pela, pelas intervenções, desde o planeamento à execução. E à avaliação.

Sara: *E qual é a sua formação profissional, inicial e continua, quer ligada, quer a sua formação profissional base?*

Entrevistado: Portanto, eu sou licenciada em história, tenho uma pós-graduação em ciências documentais, variante bibliotecas e documentação e tenho formação, várias pequenas formações, nas áreas das intervenções assistidas por animais, e também especificamente na área da educação assistida por animais. Ahhh neste caso esta última promovida pela IAHAIO (International Association Human-Animal Interactions Organizations) em colabora..., é da IAHAIO.

Sara: *Ok, e sempre trabalhou neste instituição onde trabalha agora?*

Entrevistado: Não.

Sara: *Qual foi o seu percurso profissional?*

Entrevistado: Esta é a segunda, já trabalhei em várias instituições. Nesta área?

Sara: *Sim, sim, sim...*

Entrevistado: Portanto eu comecei por ser professora, fui professora de português durante 11 anos, depois a partir de 2000 passei para técnica superior numa autarquia, ahh em Beja. E tenho sido desde então, bibliotecária, portanto, técnica superior de biblioteca e documentação e foi no âmbito destas minhas funções que comecei a implementar projetos na área da educação assistida por animais.

Sara: *E o que é que a motivou a começar a trabalhar com intervenções assistidas por animais?*

Entrevistado: Ahhh, portanto... o que é que me motivou... Em primeiro lugar uma vazão motivacional, ou seja, comecei a chegar a uma espécie de beco sem saída, de desgaste de funções de gestão, às vezes precisamos, eu pelo menos no meu caso precisei, senti a necessidade, por me sentir desmotivada do meu trabalho habitual de gestão, que me tinha apaixonado antes, para sentir que precisava de qualquer coisa mais na minha profissão. Ahhh depois aconteceu que tive um encontro muito feliz com uma pessoa que na altura

eu não conhecia, mas que ouvi falar atrás de mim numa esplanada, sobre cães, e essa pessoa estava com colegas minhas da câmara e eu realmente não estava interessada em falar com eles, confesso, estava naqueles dias que me apetecia estar sozinha a apanhar um solinho, mas quando comecei a ouvir falar de cães, que foi uma coisa que, foram seres que sempre me apaixonaram desde criança, virei-me para trás, e entre eles havia um cão e realmente faz até aquela coisa fantástica que é de nos aproximar das pessoas, mesmo quando não nos apetece, ah e depois tive um bocadinho à conversa, curiosamente é um conhecido treinador canino em Portugal, o F., não sei se conhece ou se já ouviu falar?

Sara: *(sim com a cabeça) Já ouvi falar...*

Entrevistado: E estive um bocadinho à conversa com ele, disse-lhe o que fazia, disse-lhe que estava um bocadinho farta do meu trabalho de gestão, de da, e ele disse "então mas se gosta tanto de cães, se tem até um cão e se gosta de livros e de leitura, porque é que não junta as duas coisas? há coisas tão giras lá fora que estão a ser feitas nesta área" e eu fiquei "ah, eu não quero acreditar, como é que é possível, eu posso juntar estas duas paixões?!?" e então fui à procura, conheci o projeto READ (Reading Education Assistance Dogs) e em conjunto com uma das colegas que tava naquela mesa, pesquisámos, fomos à procura e, ahm, e pensámos o que é que poderíamos fazer...

Enquanto tudo isto mais ou menos decorria, ah, acontece que a minha filha começou a ter problemas na aprendizagem da leitura, e eu fui aprender, portanto acompanhei todo o processo de diagnóstico dela, e fui aprender junto de uma psicóloga muito conhecida na área das dislexias que é a Dra. P, como é que se intervinha nestas áreas e passámos um ano inteiro a trabalhar intensivamente com a minha filha, sem cão, claro, que os cães estavam em nossa casa, ah sem cão e portanto foi possível aqui, juntar no fundo desafios motivacionais, da minha parte, ah desafios de perceber como é que poderíamos fazer a diferença na vida de uma criança com dificuldades de leitura e depois tentar extrapolar isto para outras crianças que, que não a minha filha, e aqui mexeu um bocadinho com a minha vida profissional, porque colocou-se uma questão: como é que nós numa biblioteca podemos atrair leitores que têm dificuldades com a leitura, nós nunca teremos estas crianças nas bibliotecas, porque eles não gostam de ler... e então, juntamente com aquela colega que é a R, que estava naquela conversa, naquele dia com o F., naquela esplanada, nós fizemos então um projeto, inspirado no programa READ, para intervir com crianças com dificuldades, ah, com dificuldades.

Como a minha área era a leitura, eu ah, intervinha na área da leitura, como ela é psicóloga e gosta mais, gostava mais de trabalhar na área da, chamemos-lhe multideficiência, então ela trabalhou com uma menina com trissomia 21, e, portanto, foi assim que surgiu o projeto, foi assim no seu início e no seu primeiro ano,

mas a partir do seu segundo ano de existência, e nós já vamos em quantos anos de existência, ora deixe-me lá ver, 2013, portanto, já fizemos 8 anos, há 8 anos que existe o projeto, foi assim no primeiro ano, depois a partir do segundo ano, ficámos só com a leitura, porque a minha colega não pôde mais acompanhar o projeto, e portanto tenho sido eu, desde então...

Sara: *Muito bem, e...*

Entrevistado: E, portanto, isto para lhe dizer o quê? que o projeto começou em Silves e acompanhou-me para o concelho de Loulé, nomeadamente em Querença, onde me encontro atualmente em funções.

Sara: *Muito bem, ia eu a dizer que já percebemos que os animais com que desenvolve estas intervenções são cães. E quem são estes animais, são vários? acho que já me disse que é só um, neste momento.*

Entrevistado: Atualmente é só um, sim.

Sara: *Mas já foram...*

Entrevistado: Dois, sim, sim. Os cães são meus, são os nossos cães de família, eu comecei com uma cadela que era a cadela que tinha na altura uma schnauzer miniatura, linda, que os miúdos adoravam, e que por ser, quando ela começou a trabalhar e quando eu comecei a trabalhar com ela, ela tinha 10 anos, portanto era uma cadela supertranquila, muito bem socializada com pessoas, adorava crianças, muito motivada para comer e portanto foi muito fácil treiná-la para ser cão ouvinte. Os meus cães são cães ouvintes, essa é a sua grande função e depois como ela já tinha 10 anos e a sua reforma poderia não tardar, não é, conseguimos arranjar outro cão, que é o M, o Sr. M. eles ainda trabalharam em conjunto, nos últimos anos de trabalho da P. e nos primeiros do M. O M. já foi um cão que veio que foi pensado para o projeto desde raiz, desde antes do seu nascimento! E isso é um aspeto muito importante, porque eu fui à procura de um cão para o projeto que pudesse ser fofinho, que era o que os miúdos queriam, e grande, que era o que os rapazes queriam, e então, cão grande e fofinho, pois ocorreu-me realmente o golden retrievier, que eu nunca tinha tido um golden, nemnunca fui muito de raças, mas pronto aconteceu, mais pela questão do projeto, e tive a sorte de encontrar um criador que só não estava a fazer leitura assistida por animais porque não o deixavam e quando soube que era eu que o estava a contactar ele, ofereceu-me um cão.

Sara: *(em voz baixa) Olha que bom!*

*Deixei de a ouvir, a sua imagem parou...*

Entrevistado: Você está congelada, pois...

Risos de ambas...

Entrevistado: Onde estávamos?

Sara: *Ofereceu-me um cão, foi a última coisa que ouvi.*

Entrevistado: Ah, este criador ofereceu-me um cão e ele pôde de certa forma escolhê-lo, na ninhada era cão preferido do seu filho, o mais calmo, ele foi sempre um cachorro tão espetacular tão extraordinário, que aos 9 meses, portanto, fez a sua primeira apresentação aos 5 meses, estagiou, e aos 9 meses, sempre também em companhia da P. para aprender, aos 9 meses ele já era um cão muito competente no trabalho que fazia, portanto foi muito precoce no seu trabalho.

Sara: *Que bom!*

*E quando começou a promover estas intervenções qual foi a receptividade que sentiu da sociedade envolvente?*

Entrevistado: Das minhas chefias, ahh, deram-me o benefício da dúvida. Na altura eu era diretora da biblioteca de Silves, ahh, entretanto tinha sido contratada para chefe de divisão e, digamos que tinha uma relação relativamente próxima com o topo da hierarquia autárquica, e portanto, depositavam confiança no meu trabalho, quando esta oportunidade surgiu e já tínhamos um exemplo na Câmara de Silves, fruto do trabalho da minha colega RT, quando esta oportunidade surgiu as minha chefias encolheram os ombros e disseram "eh, achas?" "ah, então experimenta lá..." pronto, e então tivemos que ir à procura, como isto era muito novo, não existia, não se fazia em Portugal, tivemos que ir à procura de uma professora que pudesse ser suficientemente aberta para aceitar ter junto dos seus alunos um tipo de intervenção deste género, como nos propúnhamos fazer, e tivemos realmente a sorte de encontrar uma professora que foi muito receptiva, e uma direção de escola que também foi receptiva e, deixe-me dizer-lhe só o seguinte, para nós foi um bocado dramático porque nas Câmaras têm gabinete de comunicação e quando nós lançámos o projeto, no dia em que fizemos a primeira sessão para a turma, já tínhamos lá o Correio da Manhã e a TSF, ou seja, ainda mal estávamos a começar, ainda mal sabíamos como é que a coisa ia ser, já tínhamos lá dois meios de comunicação social, ou seja, aquilo deu tanto nas vistas que... e isso foi só a primeira sessão, porque em cada sessão tivemos sempre televisão, sempre jornais a assistir, isto deu tanto nas vistas...

agora você está congelada...

Sara: *Mas estou a ouvir...*

*Já não estou a ouvir...*

Entrevistado: Está???

Sara: *Eu vou experimentar interromper o meu vídeo para não estarmos a consumir tantos dados com a imagem, se não se importar, pode ser que facilite, vamos tentar...*

Entrevistado: Está bem. Vamos lá tentar, vamos lá...

Eu não sei onde é que ficámos, o que é que você ouviu?

Sara: *Estava-me a dizer que logo na primeira sessão foram duas televisões e que daí para a frente tiveram sempre um mediatismo muito grande.*

Entrevistado: Sim, tivemos um mediatismo muito grande, o que fez com que as pessoas na comunidade conhecessem e reconhecessem o projeto e ele tivesse logo uma grande, um grande, uma grande, aceitação. Portanto foi muito bem acolhido.

Sara: *Pois, o mediatismo às vezes ajuda... não é?*

*E quais foram os principais apoios que sentiu...*

Entrevistado: Sim, ajuda, mas não se esqueça que quando somos muito conhecidos também atraímos muitas invejas! Também já sofri muitos dissabores...

Sara: *Também vamos falar disso, talvez um pouco mais à frente.*

*Quais foram os principais apoios que sentiu para a implementação destas intervenções? surgiram apoios técnicos, financeiros???*

Entrevistado: Apoios? quando se refere a apoios??? sim, ah, posso dizer que a Câmara Municipal de XXX apoiou-me imenso: permitiu que o M. fosse trabalhar comigo todos os dias, que ele era um cachorro em treino e em socialização, portanto, permitiram-me isso quando na altura nem sequer era permitido que os animais frequentassem espaços públicos. Ahhh, apoiaram o projeto do ponto de vista financeiro permitindo-me adquirir por exemplo, materiais e inclusivamente garantindo o seguro da atividade de cão, as vacinas do cão, o acompanhamento pelo veterinário municipal e até mesmo colaborando com a ração para o animal, sim, tive muito apoio.

Sara: *E barreiras? já percebi que houve algumas barreiras sociais, as tais, possivelmente as tais invejas...*

As barreiras só surgiram mais tarde, curiosamente por pessoas que eu até não estava à espera, portanto, numa mudança de chefias interna, ah, aconteceu estarem em postos de responsabilidade pessoas que ahh, não gostaram, não gostaram propriamente da minha autonomia, da minha capacidade de realização e que acabaram por influenciar o projeto, até inclusivamente acabaram por influenciar o diretor do agrupamento que chegou a uma altura que disse que não queria mais o projeto... Disse que não queria o projeto e nunca conseguiu justificar porquê, até mesmo pessoalmente quando lhe perguntei, mas alguma coisa correu mal? não gostou? procedi mal de alguma forma? ele ficou em silêncio, não me disse nada e assim foi.

Pronto, e acabei, portanto, foi numa transição de chefias que as coisas começaram a correr mal e, e pronto. Correr tão mal, apesar dos pedidos dos pais, apesar dos pedidos das crianças, apesar dos pedidos das professoras, para que o projeto continuasse, ahm as pessoas, nesta altura as pessoas conseguiram influenciar a hierarquia, eu também quis deixar de ser diretora da biblioteca, e isso foi digamos uma das coisas que permitiu que outras chefias acabassem por afirmar a sua autoridade e dizer: "olha já não a queremos aqui a fazer o que ela faz, pronto", e foi de tal forma estranho para mim, porque para mim sempre foi muito estranho vivermos numa sociedade que não é mérito, ou seja se nós fazemos alguma coisa, na minha opinião, não é?, se alguma coisa que está a ser feita, tem resultados, resultados não só quantitativos, que podemos provar e demonstrar, como também resultados de impacto social, impacto na leitura, impacto nas famílias, impacto na comunidade e esse impacto é sempre positivo, então nós temos aqui a prova de que alguma coisa está a funcionar bem, ah mas pronto, há pessoas que contra toda a lógica, conseguem destruir o que está a funcionar bem.

E pronto, aconteceu isso comigo, o que me deixou profundamente espantada e entristecida, ao ponto de eu ter pedido mobilidade para outra autarquia para poder fazer, no fundo, continuar a fazer este projeto.

Sara: *Ah, pelo que percebi então numa fase inicial houve mesmo financiamento pela via da autarquia local. E obteve financiamento por outras fontes, por concursos externos?*

Entrevistado: Não, não, não. Eu sempre fui, eu sempre fiz este projeto no quadro da minha profissão como técnica autárquica.

Sara: *Ok, ok.*

*E agora focando nos beneficiários destas intervenções. Quem são os beneficiários das suas intervenções? Já percebi que são maioritariamente crianças...*

São exclusivamente crianças, crianças de primeiro ciclo, maioritariamente, ah, são de primeiro ciclo, podemos dizer assim porque o projeto começou com crianças de 3º ano, mas eu já trabalhei com todos os anos. São crianças de 1º de ciclo e no último ano também crianças de pré-escolar.

Sara: *Então, focando agora esta entrevista nas intervenções com crianças com défice cognitivo ou, no seu caso, com dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita (depreendo eu),*

Entrevistado: sim

Sara: *todas as questões que eu farei de seguida, serão focadas nestas crianças com dificuldades de aprendizagem, ok?*

Entrevistado: sim

Sara: *Qual é o âmbito das intervenções e das respetivas sessões? São atividades realizadas individualmente? são em grupo? em contexto educativo? em contexto ocupacional? em contexto terapêutico? como é que estas sessões decorrem?*

Entrevistado: Portanto, estas sessões são sempre realizadas em contexto educativo, ah, no espaço escola, ou espaço que não sendo escola, pode ser muito perto da escola, ahhh, e ahhh, portanto, são sessões que já têm sido, depende do ano e das oportunidades que temos, mas começaram por ser sessões individuais e, ahhh de há alguns anos para cá, são sempre sessões de pequeno grupo, ou seja as crianças são identificadas pelo seu nível de dificuldade e depois têm ao longo do ano, no âmbito do programa têm sessões bissemanais, que são sessões estruturadas, organizadas e específicas que ajudam e que estão validadas, e que, ainda para mais, as sessões que eu faço, ou a metodologia que utilizo, recorro sempre a metodologias que estejam validadas através de estudos de investigação, porque são, já deram provas de que são efetivas no ajudar as crianças a ultrapassar as suas dificuldades ao nível das competências leitoras, e trabalho desde a descodificação, da fluência, da compreensão, ou seja, as várias competências relacionadas com a aprendizagem da leitura e da escrita, e portanto é assim que tem funcionado.

Sara: *E qual é o tempo de duração destas sessões?*

Entrevistado: Habitualmente são sessões de 35 minutos a uma hora, duas vezes por semana.

Sara: *Relativamente ao tempo que cada criança frequenta estas atividades, as crianças frequentam durante um ano letivo, frequentam durante alguns meses, frequentam durante vários anos letivos, como é que funciona?*

Entrevistado: Depende, portanto, depende de escola para escola, eu já trabalhei maioritariamente, o que lhe posso dizer é que, habitualmente trabalho com as crianças pelo menos dois anos, ao longo de dois anos, é o que me tem acontecido, não é? ao longo de dois anos letivos consigo trabalhar em continuidade com as crianças, isso é muito bom porque conseguimos fazer todo um percurso, e ainda para mais, é um trabalho em que a minha parte é apenas uma das partes, portanto eu trabalho em colaboração com a docente das crianças e também com as famílias, neste caso o projeto, podemos dizer que tem vários parceiros e trabalhamos de forma diferente com cada um deles, com a professora permitindo-lhe que ela possa ter acesso a muitos e bons livros em sala de aula, com as famílias, permitindo que as crianças possam levar para casa muitos e bons livros para desenvolvermos aquilo a que se chama a literacia familiar, ou seja uma relação dos pais com as crianças e das crianças com os pais através da leitura de boas histórias, e depois as sessões que temos semanalmente com crianças específicas de uma turma, para ajudar a resolver os problemas de leitura que as crianças têm.

Isto porquê, deixe-me lá explicar-lhe como é que o programa funciona, eu posso trabalhar com, imagine, eu este ano estou a trabalhar com 5 crianças de segundo ano, que são as crianças que são identificadas com as dificuldades de leitura e que eu acompanho em duas sessões semanais, ao longo do ano letivo, mas desde que nasceu o projeto, não se reduz às crianças com dificuldades na leitura, trabalham ... trabalho sempre com a turma toda, uma vez por mês, pelo menos, ah em sessões de mediação de leitura (que é habitualmente aquilo que nas bibliotecas se chama "a hora do conto"), que envolve a professora, e que depois acaba por envolver também as professoras, porque nesta sessão da leitura com toda a turma, os livros não só vão para a sala de aula como também depois vão para casa, portanto também trabalho a comunicação com os pais, portanto, isto porquê, porque quanto maior o número de cúmplices mais as crianças conseguem perceber que giram num mundo em que todos valorizamos a leitura, e a leitura pode ser valorizada de muitas formas, de forma mais técnica, trabalhando as dificuldades, não é e desenvolvendo as competências, mas também de forma mais lúdica e de forma mais abrangente com todos aqueles que, no fundo, são as pessoas que são importantes da vida de uma criança, é a professora e a família, e a biblioteca, claro, representada por mim e pelo M.

Sara: *Parece-me um trabalho não só muito completo e muito vasto, como que há aí uma motivação intrínseca...*

Entrevistado: Há sim, paixão!

Sara: *Exatamente, e isso reflete-se no nosso trabalho, o que é muito bom.*

(Risos de ambas)

Sara: *Então, mudando um bocadinho e sendo que já falou um bocadinho destas coisas que eu agora vou perguntar: Quais são para si os principais benefícios das IAA, para as crianças com estas dificuldades de aprendizagem? Qual é o principal impacto destas intervenções assistidas, no seu caso pelo cão, nestas crianças?*

Entrevistado: Deixa-me dizer-lhe que eu trabalho para resultados, ou seja, eu trabalho para resultados, proponho-me no princípio do ano, quando estamos a apresentar o projeto à direção de escola e à professora, o objetivo é ajudar a professora a ter meninos que sejam melhores leitores e que sejam leitores mais felizes, ou seja mais felizes não só do ponto de vista da competência, porque se sentem mais competentes, mais capazes, mas também mais felizes porque têm, ah, porque, ah, porque se fascinam, porque se deslumbram, porque se surpreendem, porque se emocionam, portanto ahh, é todo um processo, não se baseia só na questão da técnica da leitura, como também no deslumbramento.

O cão entra aqui como um fator de, maravilhoso também, ou seja, ah, o cão, por um lado quando as crianças não o conhecem o cão é digamos, a grande ponte para a relação, é através do cão que as crianças chegam mais facilmente a mim, é como se eu já não fosse vista sozinha, eu sou quem sou, porque tenho aquele cão, e portanto, este deslumbramento das crianças pela, pela, pela oportunidade de poder viver um momento daqueles com o cão, é realmente fascinante para eles, depois há a questão da motivação, as crianças sentem-se muito motivadas para estarem e desfrutarem dos momentos em que estão com o cão, e se esses momentos são momentos de trabalho, então que sejam, porque são momentos mais felizes, a questão que me coloca é muito, ou seja ,qual é o fator mais determinante, eu até lhe podia dizer que, eu acho que são momentos muito *mindfulness*, não que os veja ou os trabalhe assim, mas eu acho que o cão em a capacidade de nos focar no momento e se esse momento acarreta trabalho, acarreta esforço, então é um esforço que se faz de forma mais ahh, com mais vontade de se fazer, porque se, porque o ambiente em si é descontraído, porque o ambiente em si é amigável, ou seja, eu acho que o ambiente que o cão traz, a oportunidade de interagirmos de forma descontraída, mas ao mesmo tempo responsável e trabalhadora, dá a estes momentos uma situação de vontade de estar, de estar e de fazer, porque realmente o cão reforça depois o esforço da criança, para além também de lhes servir de modelo, muitas vezes o cão, numa criança um bocadinho mais irrequieta, pode servir de modelo simplesmente porque está mais tranquilo, ou criança esforça-se um bocadinho por repetir mais vezes uma determinada tarefa de leitura, porque a seguir vai ler para o cão, e vai ter o olhar do cão exclusivamente dedicado a si, portanto há aqui toda uma mescla, eu acho que não é só o cão, mas o cão é um fator muito, muito importante na sessão, é muito central.

Sara: *E a nível social sente que existe um impacto, ao nível da comunidade onde se desenvolvem estas intervenções?*

Entrevistado: Sempre senti, desde o primeiro ano em que, quando no final do primeiro ano do projeto terminámos com um convívio, com os pais, com a professora, sempre senti, ahm, ao longo de todos os anos, uma proximidade, ahm uma, uma proximidade afetuosa, ou seja, sempre senti que as famílias valorizam muito o trabalho feito, muito mercê do facto de as crianças chegarem a casa entusiasmadas, com comentários felizes, ahhh! é sobretudo o feedback muito positivo das crianças relativamente às situações em que se encontram no projeto, sejam aquelas que trabalham as suas dificuldades, sejam todas as crianças da turma, é esse feedback que as crianças levam para casa, que faz com que as famílias sintam ou demonstrem uma grande proximidade depois comigo, noto, noto isso, em todas as famílias.

No ano passado, tive ainda, acresceu ainda a isso, um fenómeno interessante, que foi o facto de termos confinado, o projeto passou, enquanto estivemos confinados o projeto passou para o on-line, e mães das meninas que eu estava a acompanhar tiveram a oportunidade de ver o trabalho que era mesmo feito nas sessões e eu acho que o facto de verem o trabalho que é feito nas sessões ajudou ainda mais a valorizar a intervenção, e realmente, eu tenho a sensação de, com as várias turmas com que já trabalhei, de, estarmos a criar uma comunidade de afetos, de cumplicidade, mas de trabalho empenhado pela felicidade e sucesso académico daquelas crianças, portanto é neste sentido que sinto que há um impacto social sim.

E Silves foi muito interessante porque, em Silves foi ainda muito interessante de ver porque é numa comunidade pequena, em Silves, em Querença, como este projeto tem tido algum mediatismo ao longo dos anos, ah posso lhe dizer que aqui em Silves muitas pessoas me conheciam por causa dos cães, que viram na televisão, portanto quando passou a grande reportagem da SIC, que foi em 2015, foi no mês de Julho, o meu bairro que é um bairro assim, um bairro ainda em construção, com umas vivendinhas, toda a gente costuma sair nas noites de verão para apanhar fresco e naquela noite, toda a gente 'teve fechada em casa (risos), todas as casas, todas as pessoas estavam dentro de casa a ver a grande reportagem, porque tinham anunciado nos telejornais quando é que vai dar a grande reportagem, e foram até as minhas vizinhas que me avisaram "olha a grande reportagem, vai passar em tal dia", foi através das minhas vizinhas professoras que eu fiquei a saber, então havia uma grande coesão social, uma grande alegria, toda a gente conhecer o M, e a M, aqui no meu Bairro, depois do confinamento o programa Sociedade Civil também me contactou e fizeram uma pequena reportagem e as pessoas de Querença ficaram encantadas, afinal, porque, e viram ali, aquela pessoa que ao longo do ano apareceu por ali com um cão, sabiam que eu estava a trabalhar com ele, mas não sabiam que se passava, e portanto, estas várias dimensões do projeto dão um certo orgulho à comunidade, também, e isso tem sido um fruto, e isso ajuda-nos a ter uma relação muito próxima, muito estreita e afetuosa. Mais uma vez, tenho de lhe dizer, fruto do feedback que as crianças dão junto dos seus familiares.

Sara: *Acabou por me baralhar aqui a minha sequência de perguntas, porque eu ia-lhe perguntar a seguir especificamente relativamente ao impacto familiar, mas já me respondeu, ótimo. Também entrou no último*

*tema que eu gostaria de lhe falar, que é exatamente como é que esta pandemia veio influenciar e, ah, alterar o funcionamento de tudo à nossa volta e como é que afetou o decorrer destas atividades? Já percebi que passou para o on-line, não parou, os meus parabéns por isso, ah e então como é que foi alterado?*

Entrevistado: Portanto, como lhe digo, eu trabalho para resultados, não é? nós temos que demonstrar, quando trabalhamos com animais, ou seja de outra forma, temos que demonstrar que o que andamos a fazer é sério, que o que andamos a fazer faz sentido, e que o que andamos a fazer faz a diferença, ah, e por isso mesmo, quando confinámos, senti uma responsabilidade imensa por aquelas crianças, como é que eu podia, no princípio do ano dizer que ia colaborar no processo de aprendizagem da leitura dessas crianças ,e agora chegávamos a esta altura e simplesmente parava, senti que isso era impossível, não seria possível fazermos uma coisa dessas, aliás porque, ah, estávamos todos de alguma forma atingidos por aquilo que nos estava a acontecer, portanto acho que era muito importante podermos ser resilientes juntos, e sermos resilientes juntos neste caso significava não pararmos e faríamos com o que tínhamos à mão e pronto, e veio provar, apesar de, logo no princípio obviamente, não conseguíamos ter um cão como temos em sessão, não é? muito embora o cão possa aparecer, muito embora o cão possa fazer ali, pode estar a ouvir a criança quando está a ler, portanto eu tentei simular o mais possível aquilo que nós fazíamos no presencial, com as limitações que tínhamos, mas a verdade é que conseguimos adaptar os materiais facilmente, conseguimos que o cão estivesse na sessão o mais possível próximo das crianças a ouvi-las elas verem que ele as ouvia, e portanto conseguimos fazer o melhor possível, com ajuda das mães que foram preciosas porque foram elas que permitiram que as meninas que tinham ainda poucas competências tecnológicas conseguissem assistir às sessões, mas que estavam presentes e que nos ajudaram e nós fizemos tudo como teríamos feito na escola e na fundação onde eu atualmente estou, portanto adaptámos o melhor possível, não desistimos, e acho que foi isso que demonstrou que no fundo, nós não desistimos, nós fazemos como podemos, fazemos o melhor que podemos e queremos chegar, onde queremos chegar, que é ajuda-los a ser melhores leitores.

*Sara: E de forma é que a pandemia afetou o próprio impacto das intervenções nestas crianças? Sentiu que existiu um impacto diferente das intervenções? Para melhor, para pior, diferente de alguma forma?*

Entrevistado: Acho que ficámos muito mais próximos, ficámos todas muito mais próximas, porque inicialmente o ano passado, muitas crianças quase não tiveram contacto on-line com os seus professores (tinham o estudo em casa), e o facto de eu partido, passado pouco tempo, para o on-line deu, aah, às famílias e às próprias crianças, a oportunidade de estarem socialmente juntas e de estarem no contexto mais parecido com aquilo que é a educação normal, ah apesar de estarmos distantes.

Portanto, teve um impacto muito positivo, até dito pelas próprias mães, este foi o contacto mais parecido com a normalidade que as crianças tiveram, ahh, porque de resto elas aprendiam através da televisão,

portanto este contacto que tiveram através do projeto foi uma aprendizagem explícita através de um mediador adulto e portanto aquilo que mais se parece com um contexto educativo normal, ou seja, através do projeto nós conseguimos que estas 3 meninas continuassem a socializar entre si, e continuassem a estar num ambiente educativo o mais normal possível, e portanto, foi muito bom, muito bom, aproximou-nos muito, estendeu ainda mais a intervenção às famílias, as mães e as famílias e os pais fizeram tudo para poder ajudar as suas filhas a estar pontualmente nas sessões, portanto houve aqui uma dedicação extraordinária de todos nós e acho que saímos todos muito mais ricos, muito mais próximos, ficámos quase com uma sensação de nos conhecermos desde sempre, simplesmente porque lutámos juntos, e resistimos juntos e não baixámos a guarda.

*Sara: Notou nas crianças, nos seus familiares ou mesmo no grupo social envolvente, alguma alteração na perceção do impacto que estas IAA têm?*

Entrevistado: Ai, as famílias perceberam muito claramente que o projeto tem um impacto muito claro nas crianças, não só o impacto claro nas aprendizagens, mas o impacto, ahh, na vontade e na motivação das crianças. Sim, as mães, as famílias, puderam compreender e até me diziam, portanto viam a olhos vistos as meninas a evoluir, mas que o M, tinha uma importância muito grande no meio disto tudo, porque elas eram muito felizes neste processo.

Portanto, o facto das famílias terem a noção de que é possível nós trabalharmos arduamente mas isso dar-nos felicidade, realmente teve um impacto muito forte, e houve essa perceção, que depois as mães no final quando, no final faço sempre uma avaliação também do impacto nas famílias, e dão-nos esse feedback, para além de que houve ainda um outro acréscimo que o projeto teve nessa altura do confinamento, que foi o facto de, porque nos conhecemos pessoalmente, eu e as mães das crianças envolvidas no projeto, surgiu uma relação de confiança, e pedagógica, em que quase havia aqui uma espécie de um consultório pedagógico em que as mães pediam conselhos, ah, me pediam conselhos sobre como agir, qual é a melhor maneira de agir, como é que eu faço?, o que é que acha? Portanto, o on-line trouxe-nos imensos benefícios.

*Sara: E uma vez que esta pandemia afetou o decorrer das intervenções, a sua instituição ou o projeto beneficiou de algum tipo de apoio extraordinário para fazer face a esta realidade?*

Entrevistado: Não, (risos) eu estou a trabalhar com os meus recursos, em casa, quando estou assim, não, não tive nenhum acréscimo de recursos durante o tempo do confinamento, nem após o confinamento. Não. Não resultou em nada disso, mas posso-lhe dizer que resultou em, ou seja, resultou de forma imaterial, porque do ponto de vista da minha instituição, quer da câmara municipal, quer da fundação em que decorrem as sessões, quer das minhas chefias diretas, quer do agrupamento com o qual trabalho, portanto há uma valorização deste projeto e portanto há aqui ganhos, que são ganhos imateriais, portanto, no fundo, de

reconhecimento e de gosto de ter o projeto no seu agrupamento, na sua escola e nas suas crianças e na sua instituição.

Sara: *Chegámos ao fim da nossa entrevista, tenho que lhe agradecer não só a entrevista, mas principalmente o seu trabalho e toda a sua dedicação que é espetacular, comovente e que mostra não só a motivação intrínseca, mas também esta coisa de estar sempre a fazer mais e melhor e a tentar ir melhorando as práticas, indo ao encontro daquilo que é necessário a cada momento, que eu acho que é de valorizar imenso.*

Entrevistado: Obrigada Sara.

## **E6**

Sara: *Ok, se estiveres interessado eu terei todo o gosto em fazer chegar no final uma cópia da tese que resultará deste processo de investigação.*

*Agradeço a tua disponibilidade e vamos começar, pode ser?*

Entrevistado: Sim, sim.

Sara: *Tenho de te aumentar o som, porque senão não te vou ouvir na gravação...*

*Ok, qual é o teu papel nas intervenções assistidas por animais, isto é, és o técnico responsável pela implementação, fazes parte de uma equipa multidisciplinar ou acompanhas as sessões promovidas por outros técnicos?*

Entrevistado: Habitualmente sou o técnico que acompanha as sessões, portanto o técnico principal.

Também acompanho uma equipa multidisciplinar que pontualmente também faz este tipo de intervenção assistida com animais, nomeadamente com o recurso do cavalo, portanto hipoterapia e equitação terapêutica.

Sara: *E qual é a tua formação profissional? a inicial e a formação que tens feito ao longo da vida...*

Entrevistado: Eu sou licenciado em reabilitação psicomotora, pela Faculdade de Motricidade Humana, também lá fiz mestrado e a formação que tenho a nível da terapia assistida com animais foi realizada em (a gravação não se entende), cá em Portugal, quer no Brasil.

Sara: *Ok. Sempre trabalhaste na instituição que trabalhas agora? Qual é que foi o teu percurso profissional?*

Entrevistado: Ham, sabes que não, (risos). Portanto eu assim que acabei a licenciatura entrei logo no mercado de trabalho em Lisboa, portanto, trabalhei na AP., uma instituição que tem vários polos pelo país fora, após essa passagem em Lisboa, regressei aqui ao Algarve onde estive na Associação A. e neste momento estou na R. com o meu projeto, que é individual e que tenho orgulho em representar.

Sara: *Que bom, que bom! Então o que te motivou a enveredar pelo trabalho com as intervenções assistidas por animais? O que te levou até aos animais?*

Entrevistado: Ok, isto dos cavalos, e propriamente os cavalos, que são os animais com quem, com quem trabalho, isto já é uma coisa que vem desde pequenino, portanto eu tenho cavalos desde os 5, 6 anos de idade, e então desde pequeno que sempre pensei poder vir a trabalhar com cavalos, mas se calhar nunca tinha pensado sequer em trabalhar com cavalos em intervenção terapêutica, ahhh, no entanto, portanto, a vida foi tomando os caminhos que tomou, formei-me nesta área e pronto, e soube desta valência e da forma como conseguia apoiar as crianças com algum tipo de dificuldade, seja ela de domínio cognitivo ou domínio motor, ham, foi algo que achei que fosse ali o casamento perfeito, entre uma paixão minha e entre algo que de facto pudesse ser significativo também para a vida das, das pessoas.

Sara: *Já percebemos que as tuas intervenções são desenvolvidas com cavalos, e pergunto agora, quem são estes animais? São os teus cavalos, são cavalos de outros centros?*

Entrevistado: Não, são meus, meus - empresa, acabam por ser igual.

Sara: *Com quantos cavalos, neste momento, trabalhas?*

Entrevistado: Eu tenho dois cavalos, no entanto trabalho muito mais vezes com um deles. É o síndrome do cavalo bom (risos).

Sara: *Quando começaste a promover ou acompanhar estas intervenções qual foi a receptividade que sentiste da sociedade envolvente?*

Entrevistado: Olha, honestamente ,eu acho que foi bem aceite, até porque já era uma intervenção que já era conhecida dentro da área, acho que não foi algo que tivesse que explorar profundamente, porque as pessoas já conheciam, foi algo que pude explorar por não haver tanto cá, cá no Algarve, portanto as pessoas conheciam, certo, mas o acesso não é assim tão amplo quanto isso e, nesse sentido, acho que tive e que tenho receptividade para este tipo de intervenções e também para o desenvolvimento desse projeto, porque já fiz

uma ponte, já criei, entre aspas, este projeto na associação onde trabalhei anteriormente e neste momento em sessões terapêuticas propriamente ditas aaa, acho que temos tido uma boa adesão nesse tipo de intervenção.

Sara: *E apoios, sentiste que houve apoios para implementação deste tipo de intervenções? estavas a contar com os apoios que surgiram, se é que surgiram? ou ...*

Entrevistado: Honestamente, nennão. Não tive apoio nenhum, os únicos apoios que tive foram os apoios dos pais dos meus meninos, portanto acho que é aquela questão da troca direta, eu dou sessões e eles pagam, e dão apoio.

Sara: *E barreiras? houve barreiras? sentiste que houve barreiras sociais que tiveste que ultrapassar?*

Entrevistado: Barreiras sociais?

Sara: *ou algum tipo de barreira...*

Entrevistado: Acho que aí podemos dividir em duas partes: uma aceitação muito grande da parte de quem precisa; e uma complicação um pouco complexa de quem tutela ou de quem faz este tipo de licenciamento, aaa, portanto, sim, é complicado poder utilizar este tipo de animais em intervenção, requer alguns cuidados, quer dos animais, quer do tipo de animal que utilizamos para a sessão e depois na parte dos licenciamentos e burocracias propriamente ditas. Aí acho que foi a parte mais complicada.

Sara: *A burocracia então aparece como uma barreira que conseguiste ultrapassar?*

Entrevistado: Sim, sim, não é nada de extraordinário, mas é uma pequena barreira.

Sara: *E relativamente à autarquia local, houve recetividade? conseguiste algum tipo de financiamento ou de apoio, por esta via da autarquia?*

Entrevistado: Não, pela autarquia, arrisco-me a dizer que foi, acho que foi a maior barreira. Mas não só na questão, do, dooo, doo, da intervenção assistida por animais, que isso é aceite e acho que é unânime, porque de facto apoia a população, mas depois no outro processo todo, aí foi ....

Sara: *E obtiveste financiamento por outras fontes? por concursos externos, para a implementação deste projeto?*

Entrevistado: Não, foi tudo por minha conta.

Sara: *ah valente!*

Entrevistado: É o que me orgulho!!!

Sara: *Ok, então agora vamo-nos focar mesmo nas intervenções. Quem é que são os beneficiários destas intervenções que promove?*

Entrevistado: Ahm, depende, é um grupo heterogéneo, até porque nós trabalhamos com crianças com diferentes espectros, diferentes síndromes e todas elas têm uma dificuldade específica e diferente, trabalho desde dificuldades motoras, a dificuldades psico-motoras a dificuldades cognitivas apenas, portanto a intervenção vai recair muito dependendo da dificuldade que tem a criança, que é o público que nós acompanhamos.

Sara: *Então os teus beneficiários são maioritariamente crianças? Não trabalhas com adultos ou público sénior?*

Entrevistado: Sim, sim maioritariamente crianças, e em intervenção assistida com animais, é idade pediátrica.

Sara: *Focando agora a entrevista nas intervenções específicas com crianças com défice cognitivo ou dificuldades de aprendizagem, as questões que farei a seguir, gostava de te pedir para te focares nestas crianças em específico, neste tipo de dificuldades.*

*Qual é o âmbito destas intervenções e das respetivas sessões? Isto é, são realizadas individualmente, em grupo, em contexto educativo, terapêutico, ocupacional, vários?*

Entrevistado: Ok, prontos. Acho que fizeste aí duas ou três perguntas, na mesma pergunta.

Ahh, as sessões são individuais, portanto trabalhamos apenas com uma criança em cima do cavalo, ou ao lado, dependendo daquilo que são os objetivos para cada sessão. Ahh, esta pergunta não a fizeste, mas habitualmente trabalhamos com três pessoas à volta do cavalo, portanto o auxiliar lateral, o auxiliar guia e o técnico responsável pela sessão.

Isto em casos mais complicados, caso sejam crianças que, mesmo tendo esse défice cognitivo, mas que não requeiram, ahh, ou que tenham alguma autonomia, aí prescindimos do auxiliar lateral, uma vez que o nosso objetivo principal é sempre a autonomia das crianças. Ahh, que tipo de atividades, perguntaste-me o que é que desenvolvíamos?

Sara: *Em que contexto, se é educativo, terapêutico ou ocupacional?*

Entrevistado: Ah essencialmente, quer dizer, neste caso, são os três.

(risos)

Temos projetos, onde são mais ocupacionais, essencialmente são com objetivos terapêuticos, mas também temos casos que é educativo, prontos, apesar de terem défice cognitivo, terem as dificuldades, já estão a transitar de umaaa, de um nicho terapêutico para um nicho mais educativo, mais relacionado com a aprendizagem do uso do cavalo para a vida toda.

Sara: *E qual é a regularidade destas sessões? são sessões semanais, quinzenais, mensais...*

Entrevistado: Para cada criança, ééé, eh pah, essencialmente, sessões mensais, ah semanais, semanais...

Sara: E qual o tempo médio de duração das sessões? médio...

Entrevistado: As nossas sessões em equitação terapêutica e hipoterapia não podem exceder a meia hora, portanto habitualmente fazemos 25, 30 minutos, entre as preparações, as saídas, e a sessão propriamente dita.

Sara: *E qual é o tempo médio de frequência nestas atividades? Isto é, as crianças frequentam as sessões durante um programa de um mês, três meses? frequentam durante um ano letivo? tens crianças que já frequentam há mais de um ano?*

Entrevistado: Isso depende muito, quando tu, depende muito da necessidade de apoio da criança, depende muito plano terapêutico que tens para cada criança, ah e depende da própria criança, também.

Já tive casos, onde consegui, digamos dar a alta passados 2, 3 meses, houve crianças que já andam comigo há dois, três anos.

Sara: *Varia de acordo com o objetivo e com o desenvolvimento da...*

Entrevistado: E com o programa de intervenção que é estipulado e que a criança depois também consegue atingir, não é.

Sara: *Quais é que são, para ti, os principais benefícios destas intervenções, para as crianças com défice cognitivo ou dificuldades de aprendizagem? qual é o principal impacto que tu sentes?*

Entrevistado: ah, boa pergunta! Para défices cognitivos, dizes-me tu...

Eu acho que para crianças com défice cognitivo, eu acho que parte muito pela relação. porque é uma intervenção que acaba por ser relacional quase que em todos os aspetos, quer com o animal, porque o animal não deixa de ser, e é, um agente terapêutico e que dentro das suas especificidades consegue estabelecer, pah, essa relação e depois com o resto da equipa, acho que do ponto de vista relacional e emocional é muito benéfico.

*Sara: E ao nível social, relativamente ao resto da equipa, às pessoas que podem vir de fora assistir, ou, qual é o impacto? em que medida sentes que há um impacto social no facto de a criança fazer este tipo de terapias?*

Entrevistado: O impacto social. Eu noto que ele é positivo, não é, noto que ele é muito positivo, para o tipo de intervenção e só por si, já dá imensos benefícios porque falamos aqui desta questão relacional e emocional, mas acho que podíamos escrever um livro e só pelo facto de pormos o cavalo a andar com a criança lá em cima, estamos a estimular, ou até mesmo no chão a olhar para o cavalo ou a fazer um tipo de atividade mais relacional, acho que tem imensos, imensos pontos positivos.

Do ponto de vista social acho que para os pais é um tipo de intervenção onde eles conseguem ver: o meu filho é capaz de fazer isto eeee isso é daquelas coisas que eu acho que é muito positivo e ee me deixa maravilhado a olhar para eles, porque é uma coisa que à partida eles às vezes ainda não conseguem fazer.

*Sara: Então pegando nesse impacto que falas a nível familiar, sentes que estas atividades influenciam de alguma forma as dinâmicas e a própria vida familiar, a partir do momento em que a criança está envolvida nestas intervenções?*

Entrevistado: Sem dúvida, e então em casos pontuais que nós aqui temos, sem dúvida que interfere, os miúdos numas primeiras vezes, chegam aqui de calça de fato de treino, um casaquinho, uma sapatilha, e há medida que o programa vai avançando à medida que a criança se vai tornando mais autónoma e vai gostando cada vez mais da atividade, começam a aparecer as calcinhas de licra, começam a aparecer as botas, começa a aparecer o toque, portanto, começam a aparecer esses sinais de que aquilo de facto é significativo para ele etem de ser para a família, porque se não houvesse gosto e se não houvesse esse orgulho também familiar, estas coisas iam ficar para segundo plano, portanto isso são pequenos sinais que nós vamos observando...

*Sara: são os sinais externos, de um envolvimento interno, quase, é isso?*

Entrevistado: sim, é um bocadinho por aí.

Sara: *ok, vamos entrar no último bloco desta entrevista, relativamente a esta época particular que vivemos na nossa história e à pandemia que veio alterar o funcionamento de tudo à nossa volta de que forma é que esta situação veio afetar o decorrer das vossas atividades?*

Entrevistado: Acho, que esta questão da pandemia, pelo menos para mim, acho que teve dois, né, pronto duas vagas, né, e teve dois impactos diferentes.

Há o primeiro confinamento e a primeira vaga, teve um efeito muito negativo, nós deixamos de trabalhar, os miúdos deixaram de vir, os miúdos começaram, prontos, como deixaram de vir, depois quando regressaram já tinham regredido imenso na autonomia que tinham já em cima do cavalo e, de facto, teve um impacto negativo em tudo, não é, do ponto de vista financeiro para nós, do ponto de vista da evolução para os miúdos, do ponto de vista relacional e emocional, ah, acho que teve um impacto muito negativo...

Segunda fase da pandemia, segundo confinamento, tivemos um boom, aí houve muita gente a procurar e houve, pronto, miúdos que nós tínhamos e regressaram, miúdos que precisaram de apoio e vieram ter connosco, eu acho que a segunda vaga parecendo que não, teve um impacto positivo, aaaaa, depois pronto, temos o resto das barreiras do equipamento individual, de termos de dar sessões de máscara e como aconteceu ao sol, e com temperaturas brutais, inicialmente também aconselhavam em dar sessões, ah, não havendo qualquer tipo de parte do corpo em contacto com a criança descobertos, portanto nós trabalhámos, em agosto, com mangas compridas, no picadeiro, portanto foi difícil, mas foi algo que nos tivemos que adaptar e antes disso que parar as intervenções... eu suei muito, mas valeu a pena.

Sara: *Então nessa situação, acabaram por ter à mesma sessões presenciais, mas com restrições e com adaptações, digamos assim?*

Entrevistado: E dentro das medidas que nos foram sempre impostas pela DGS.

Sara: *Já referiste que pelo menos num primeiro confinamento, numa primeira fase, a pandemia afetou negativamente o impacto destas intervenções nas crianças no sentido em que me falaste aqui que houve crianças que por estarem afastadas das sessões tiveram um retrocesso, certo?*

Entrevistado: correto.

Sara: *E nesta fase, nesta segunda fase que houve um boom, que referes este boom, sentiste um impacto mais positivo? No sentido quem que não houve um retrocesso sentiste, que...*

Entrevistado: quer dizer esta segunda fase até foi positiva para mim, isto se calhar até é deselegante estar a dizer isto, mas foi positivo para mim, porque isto foi a necessidade que as pessoas sentiram, por estar a ver

necessidades novas e diferentes a surgirem, e daí procurarem-nos a nós, sim, notei esse retrocesso de um ponto para o outro, ah e, mas acho que também, depois com o seguimento, acho que o comboio foi sendo apanhado.

Sara: *E em relação à perceção das famílias e à perceção dos grupos sociais à volta desta crianças sentiste que esta paragem e depois a retoma, alterou aqui de alguma forma a perceção que as famílias têm do impacto destas intervenções.*

Entrevistado: Lógico que valorizam mais.

(problemas de ligação, má receção do som)

Sara: *houve uma maior valorização?*

Entrevistado: Sim sem dúvida, percebem que isto faz falta.

Sara: *Uma vez que referiste que a pandemia afetou o decorrer das intervenções, nomeadamente numa primeira fase, parou, houve algum, houve algum apoio financeiro extraordinário para fazer face a esta realidade e a esta paragem?*

Entrevistado: Olha, tive um, isto, na parte dos animais ou na parte da empresa em si?

Sara: *Empresa em si, pode ser isso.*

Entrevistado: Na parte da empresa, o único apoio que tive foi no mês de Maio e foi um salário, para mim, que honestamente nem dava para pagar a renda disto, mas pronto.

Entrevistado: E não houve mais nenhum apoio? Referiste algo em relação aos animais?

Entrevistado: Não, nada. Também nós não parámos de trabalhar verdadeiramente dois meses, depois fomos retomando novamente, foi difícil, foi, mas como te disse, por volta de talvez, junho e julho, as coisas voltaram e depois foi caindo um ou outro protocolo mais intensivo que sempre equilibraram as contas aqui, também foi um bocadinho de sorte terem surgidos estes protocolos que...

Sara: *E talvez algum reconhecimento que já existia da parte dos beneficiários e das famílias, de irem à procura de algo que já reconhecem como um serviço de qualidade, não é?*

Entrevistado: Sim, claro! Quero dizer, espero que sim, não é?

Sara: *Ok. Então terminámos a nossa entrevista, muito obrigado pela tua colaboração. Até breve.*

## **E7**

Sara: *Ao longo desta entrevista poderão ser colocadas algumas questões que vos identificam ou ao vosso local de trabalho, no entanto, será garantida a confidencialidade e para efeitos do estudo depois são retirados os elementos identificativos ou codificados. Irá aparecer provavelmente numa fase introdutória a referência ao vosso local, mas depois na entrevista não será identificada. Antes de confirmar gostaria de perguntar se aceitam participar nesta entrevista e contribuir desta forma para um maior conhecimento sobre as intervenções assistidas por animais no Algarve.*

Entrevistado: - Sim!

Entrevistado: - Sim!

Sara: *Para uma análise eficiente e pormenorizada, vou proceder à gravação áudio, permitem esta gravação?*

Entrevistado: - Sim, permitimos.

Sara: *Se estiverem interessadas, terei todo o gosto em vos fazer chegar, no final, uma cópia da versão final da tese que resultará deste processo de investigação, agradeço a vossa disponibilidade, vamos começar?*

Entrevistado: Sim, senhor, também agradecemos.

Sara: *Qual é o vosso papel nas intervenções assistida por animais? isto é, são técnicas responsáveis pela intervenção? fazem parte de uma equipa multidisciplinar, ou acompanham as sessões?*

Entrevistado: - nós em termos de equipa multidisciplinar, não temos uma equipa multidisciplinar. Nós somos parte de uma associação, que é a associação XXX, hamm, nesta associação a nossa equipa é constituída por: uma fisioterapeuta (que sou eu) e por uma monitora de equitação e tudo o resto são voluntários, voluntários que são já, à partida, feita alguma, alguns, alguns trabalhos de sensibilização, às vezes fazemos uns treinos específicos para tentar que os voluntários sejam um bocadinho mais aptos e também para nos ajudarem da melhor forma às nossas necessidades, tanto dos cavalos, como do utentes que temos a trabalhar, estamos sempre abertos, e isso já não é a primeira vez, estamos sempre abertos a receber pessoas de outras áreas e mesmo de áreas iguais, aquilo que cá temos, para nos auxiliar e também nos poderem dar algum tipo de

feedback, por exemplo, hoje temos cá uma colega minha que é fisioterapeuta que tem vindo a acompanhar aqui as sessões, também por uma questão de curiosidade e inclusive até também de, se calhar, até querer trabalhar um bocadinho também esta área no futuro e temos pessoas que às vezes também gostam de vir cá, veio cá também já uma amiga minha que é psicóloga.

Em termos educativos e em termos de outras áreas específicas neste momento, devido à pandemia, somos só nós as duas a trabalhar praticamente. Noutras questões, fora a pandemia, noutras vertentes, nós temos sempre, trabalhamos muito com instituições, trabalhamos com, neste momento estamos com 2 instituições e duas unidades de multideficiência, minto, uma de multideficiência e uma de autistas, das quais, a maior parte das vezes vêm sempre acompanhadas, na caso das unidades com: uma educadora de ensino especial e vem sempre uma das terapeutas, às vezes ou vem só com a educadora, outras vezes vem só com o terapeuta e com as auxiliares e é onde a gente aproveita depois essa interação, essa multidisciplinaridade, é aí que nós aproveitamos.

*Sara: E qual é a vossa formação profissional? quer a inicial, quer aquela que têm vindo a fazer com certeza ao longo deste percurso.*

Entrevistado S.: Eu sou monitora de equitação, em termos de escolaridade, só fiz o 12º, mas depois tirei curso para fazer o gestão equina e monitora de equitação e na Inglaterra também tirei formação da parte da equitação adaptada, na XX Association, de Inglaterra. Trabalhei muitos anos, trabalhei sempre com os cavalos, não é, desde pequenina que tenho cavalos e trabalhei sempre com os cavalos, e já nem sei quantos anos que trabalho com parte de equitação adaptada e nós começámos aqui há 17 anos atrás e tem vindo evoluindo e tem um grande sorte que muitas pessoas, monitoras de equitação não têm quando estão a fazer a terapia e a equitação adaptada, é de trabalhar com um pessoa da área da saúde que para mim é fundamental, porque antes eu só fazia equitação adaptada, agora ajudo nas terapias e aprendi também muito, nós trabalhamos aqui com um equilíbrio: eu sou da parte dos cavalos, a A é área da saúde, mas a gente trabalha num conjunto que a A pode chegar a dizer “Olha eu preciso de fazer assim com este utente”, e eu digo, “Eh pah, não, não podes por causa do cavalo” ou, mais depois a gente chega a uma maneira de trabalhar em conjunto um bom senso, por isso... Estou a sair um bocado da parte da formação, e vou fazendo algumas formações da parte de equitação adaptada, equitação terapêutica, o que vem, que aqui tem pouca oferta. Vou ser bem sincera o último que fez, eu foi para fazer formação e acabei para dar maior parte da formação, não ‘tou a dizer nada de grandeza, mas tenho muitos anos de experiência e muitas vezes as pessoas que estão a fazer a formação não têm tantos anos de experiência, e a experiência vale muito, especificamente acompanhado por uma pessoa da área da saúde, que ‘tá sempre, nós fazemos um equilíbrio, às vezes eu posso dizer à A, “então mas se a gente faz isto”, e ela “não, não, com esse utente não pode fazer isto”, e são

coisas que a gente, a experiência vale muito bem, não é só o parte de formação, mas tem experiência e com alguém que está sempre...

Entrevistado A.: em equipa,

Entrevistado S.: sim, é trabalho de equipa! E eu quando fiz a formação com treinadores, só treinadores que não era ninguém de técnico de saúde, eu dizia sempre, vocês têm que trabalhar com alguém da área de saúde, que é muito importante e, infelizmente até pouco tempo atrás, a Federação Equestre Portuguesa, a formação que eles fazia para treinadores era, eu não digo perigosa, mas era quase, como se fosse, porquê, porque trabalhava com treinadores, punha treinadores a fazer trabalhos que nós não somos qualificados de fazer, porque nós não somos da área de saúde, somos da parte dos cavalos, e há coisas que pode prejudicar, tanto como às vezes pode ser alguém da área da saúde que não percebe o perigo de fazer algumas coisas com os cavalos, por isso... Já saí um bocado da coiso, mas a minha base é assim...

(risos)

Entrevistado A.: A minha base, sou fisioterapeuta de base, depois comecei a trabalhar numa instituição, nas quais depois acabei por fazer diversas formações na área da, da, da, pelas necessidades da instituição fiz uma formação específica de pediatria, desenvolvimento infantil, e acabei por ter algumas formações muito simples, muitas delas em ações de sensibilização da área da deficiência, entender a pessoa com deficiência, de diversas formas. Depois, quando comecei aqui a trabalhar, a experiência que tenho de equitação, ou na terapia assistida por cavalos, foi através da instituição que começamos a vir aqui e então comecei a trabalhar juntamente com a S., sem ter experiência, nada sobre isto, automaticamente a primeira coisa que fiz na altura, foi uma formação, logo, meses depois, de que era uma formação pela Federação Equestre Portuguesa e pela Escola Nacional de Equitação, que era a formação de auxiliares de equitação que, na altura, também a

B. acabou por me dar essa formação, que foi na altura as primeiras. À posteriori, depois, acabei por conseguir também juntamente com a minha área e juntamente com a S., nós já também acabamos por dizer muito isto que nós somos metade uma da outra, por norma a nossa equipa acaba por ser um bocadinho isto, aquilo que faço acabo depois por juntar aquilo que a S. faz, depois por necessidade, eu depois acabei por, neste momento trabalho por conta própria, para além de fazer equitação aqui, de fazer a terapia assistida por cavalos aqui, em equipa com a S. tive essa necessidade de fazer essa formação de terapia assistida realmente por cavalos e também trabalho em vertente clínica, não trabalho só na vertente da terapia assistida por cavalos, também acabo por ter uma bocadinho estas duas vezes.

Não sei se é mais alguma coisa para responder aqui.

Sara: *Foi ótimo porque me responderam a duas, a três questões de uma só vez, portanto ótimo, temos menos trabalho (risos). Então vou já passar para as vossas motivações, o que é que vos motivou a começar a trabalhar com intervenções assistidas por animais neste caso com os cavalos?*

Entrevistado S.: O sorriso do utente! e saber que podemos fazer a vida de alguém melhorar, por um instante, eles precisa às vezes tão pouco, para ficar tão feliz! ahm, a motivação é isso, é ver que a gente consegue ajudar e, os cavalos, é como eu disse, eu trabalho e vivo com cavalos desde de pequenino e eu vejo uma vez, uma vez não, muitas vezes, eu vejo a interação do animal com pessoa e vê que faz uma grande diferença na vida da pessoa, por isso mais motivação do que isso não, não há.

Entrevistado A.: Aproveitando um bocadinho aquilo que a S. diz, eu acho que ao longo destes anos tenho tido sempre, todos os dias tenho motivos diferentes, e se calhar ao longo destes anos, dos 17 anos que venho aqui, sinto motivos diferentes desde, de formas completamente opostas, se calhar a minha motivação inicial era muito mais na vertente motora, porque, como fisioterapeuta de base, acabava por ver alguns efeitos muito diferentes nos utentes que tinha, depois vem aquela motivação humana também, muitas das vezes e neste momento, a motivação humana, aquela, aquilo que a S. disse, o sorriso, a, a alegria destes miúdos é fundamental e é fantástico, e nós acabamos por, às vezes, aquilo que eu senti durante alguns tempos é que até me esqueço que sou terapeuta, nós parece que estamos aqui a fazer um trabalho de bom grado e que sinto, não é quase, nem se quer é quase um trabalho, isto às vezes acaba por se tornar tão agradável, o espaço emsi, que é no meio do campo, com estes animais que são maravilhosos, que temos uma, conseguimos criar relações aqui espetaculares, eeee, vemos o cavalo a ter comportamentos completamente diferentes conforme os miúdos que têm, isto tudo para mim é uma motivação enorme, ahm, e não só como pessoa que acabo por fazer as duas coisas e acabo por me tornar um bocado especialista nestas duas coisas, eu trabalho com os mesmos miúdos aqui que trabalho com eles em clínica e aí é que vem a diferença, depois da motivação, porque eu vejo uns miúdos em trabalho de clínica, gabinete, completamente de uma maneira e o comportamento deles aqui é outro completamente oposta...

Sara: *Acho que vamos explorar um bocadinho melhor essa grande diferença...*

Entrevistado A.: Pronto. mas eu sinceramente às vezes as pessoas perguntam-me o que é que eu preferia fazer, se uma coisa ou outra, e eu costumo dizer: as duas coisas, porque eu não seria melhor terapeuta aqui se não tivesse o outro lado, e não seria melhor terapeuta lá, se não tivesse este lado.

Sara: *Ok. Estes animais com quem desenvolvem estas intervenções são cavalos, quem são estes cavalos?*

Entrevistado S.: Várias pessoas, alguns são do centro hípico, mesmo do local, temos duas que são da M. que é presidente, são particulares, mas que ela, criou com o fim de eles fazer essas terapias, e tenho um que é meu o B, mas se perguntas à minha filha, é dela! (Risos)

E é assim, para arranjar estes cavalos, a gente tem aqui 23 cavalos, mas temos para terapia uns 4 que a gente usa e para equitação adaptada vai até 5, 6, desses 23 cavalos, por isso, para chegar ao parte de fazer terapias e equitação adaptada, tem que ser um trabalho até chegar a fazer.

Sara: *Quando começaram a fazer estas intervenções, qual é que sentiram que foi a recetividade da sociedade envolvente? Foi uma atividade bem recebida?*

Entrevistado A.: Pá, eu acho que sim.

Entrevistado S.: Foi sempre bem recebida.

Entrevistado A.: Eu acho que foi sempre bem recebida.

Entrevistado S.: Mas no início as pessoas não entendiam logo o que é que era.

Entrevistado A.: Não entendiam, é verdade, não entendem, hoje em dia as pessoas também perguntam...

Sara: *Sentiram que houve apoios?*

Entrevistado A.: Apoios de que forma?

Entrevistado S.: Apoios em termos de voluntários? Tivemos sempre um grande apoio dos voluntários que nós temos, a maioria são estrangeiros...

A.: Se calhar, se a gente explicar um bocadinho como é que funciona a associação vai-se perceber os apoios. Porque a associação funciona muito com população estrangeira, que vivem no Algarve, tendo em conta que foram pessoas que se juntaram um grupinho e foram criando sócios para a associação, das quais a própria mensalidade, ou anuidade, de ser de facto sócio, é uma coisa muito irrisória, mas eles têm uma grupeta vá, por assim dizer, muito unida, eles organizavam muitos jantares de beneficência, para só, pó, pó, pó horse riding, arranjavam muitos, fazíamos, às vezes até, junto até com as instituições que, que trabalhávamos faziam pedidos de uns quadros, faziam leilões de quadros, dos utentes que fazem os quadros e pintam os quadros nas instituições, acabam por fazer muitos donativos e também envolveram muitas revistas locais, e nessas revistas locais de vez em quando vem alguém fazer entrevista, das quais vai uma publicação para essas revistas e vem lá o pedido de donativo, nós acabamos por funcionar muito desta forma por donativos, e

alguns donativos bons, outros menos, mas não interessa, grão a grão enche a galinha o papo, não é? sempre se ouviu dizer.

Sara: *E barreiras, sentiram que foi necessário ultrapassar algumas barreiras?*

Entrevistado A.: Depende, depende das barreiras, eu acho que as barreiras, neste momento que eu consigo falar daquilo que me lembro, da nossa história na equitação em si, propriamente terapia assistida por cavalos, não. Acho que as barreiras que nós às vezes temos que ultrapassar tem a ver com, às vezes querermos de alguma forma, não é propriamente uma barreira, mas alguma dificuldade que nós sentimos é, às vezes nós temos a própria necessidade, pelas necessidades que os nossos utentes apresentam, temos alguma necessidade de fazer algumas mudanças no tipo de trabalho que fazemos com eles, porque nós, para além de sermos uma associação de equitação, a terapia assistida por cavalos, a Sara sabe tão bem quanto eu, que podeter a equitação, equitação terapêutica, adaptada, hipoterapia vertente, e vertente lúdico-competitiva, eu acho que as barreiras maiores é neste sentido, as pessoas não conseguem entender a diferença do que é que é a hipoterapia, a equitação terapêutica e equitação adaptada e a equitação de competitiva/lúdica, Porque nós temos muitos utentes com deficiência...

Entrevistado S.: Incluindo médicos, que não sabe definir a diferença.

Entrevistado A.: E nós, em termos de necessidades, nós temos utentes que começaram com a equitação terapêutica e que depois têm aqui uma necessidade de passar por eles próprios à equitação adaptada, mais na vertente desportiva adaptada, e que muitas das vezes, nós também temos aquela vertente competitiva, e às vezes as pessoas acham, que é isso que é a barreira maior que eu senti maior foi: então, mas agora os miúdos vão para terapias ou é para competições, para ganhar medalhas, etc.? e as pessoas não entendem às vezes que não tem a ver com, o nosso objetivo não é esse, porque ninguém anda aqui a ganhar mais ou menos, e o trabalho essencialmente é o mesmo...

Entrevistado S.: Ou mais!

Entrevistado A.: Tem a ver sim, com as necessidades. Sim, ou muito mais, porque a questão da competitividade exige-nos muito mais de nós eeee, do utente, mas eles próprios aaah, têm essa necessidade de ir evoluindo, e nós temos que acompanhar as evoluções deles, e não aquilo que a sociedade pensa quenão, a terapia é terapia, eles já estão a fazer outras coisas. o que é que é isso... Onde eu senti maiores barreiras, é na própria, no entendimento e, às vezes, nas próprias que vêm cá, nos voluntários que vêm cá, não entendem.

Entrevistado S.: Nos voluntários, que não conseguem definir.

Entrevistado A.: Fora isso, da sociedade, nunca senti propriamente uma barreira.

Sara: *E relativamente à autarquia local, qual foi a recetividade?*

Entrevistado A.: Boa!

Entrevistado S.: Positivo, positivo, eles não ajudam financeiramente, mas quando nós fazemos provas, usamos o local aqui da junta e eles apoiam como eles conseguem, com baías, com sistemas de som, com outras coisas, não é financeiro, mas é parte logística e nisso eles têm sempre, eles pede e eles têm sempre dado.

Entrevistado A.: Sim, têm sempre dado, espaço, tudo, até prémios.

Entrevistado S.: Uns prémios, umas ofertas, quando temos as provas e isso.

Entrevistado A.: De qualquer das maneiras, não posso deixar de dizer que acho que, para além de eu achar que a Câmara é realmente uma câmara que muito apoia, apoia-nos bastante. Inclusive, no início, até nos apoiou financeiramente para conseguirmos comprar este material para conseguir fazer a vedação do picadeiro e inclusivo também este alpendre? Este alpendre, não, não.

Entrevistado S.: Não, isso foi a igreja. Mas a vedação sim. De qualquer das maneiras, também tenho de dizer e referir que nós inclusive tivemos uma situação de uma atleta nossa que foi competir a jogos internacionais e temos que ter noção que desde quando isso aconteceu, eles deram-nos alguma ajuda, porque nós tínhamos que fazer estágios para fora daqui, das quais tínhamos que pagar transportes, hotéis, para podermos fazer os estágios de desporto, eles deram-nos algum apoio nesse sentido, principalmente quando também recebemos estágios cá, eles contribuíram com hotel para os outros atletas também, e é assim, também aproveitaram um bocadinho o facto depois de termos vindo, como a atleta ganhou realmente duas medalhas de prata, acabamos por ter nessa altura, eles também quiseram-se, quiseram mostrar, que era uma atleta de L e aí já teve uma projeção também diferente. Ou seja, a gente sabe que isto tem retorno, é o efeito retorno.

Sara: *E já percebi que tiveram outras fontes de financiamento, nomeadamente através de donativos, concursos externos para financiamento deste projeto. Obtiveram financiamento por estas vias?*

Entrevistado A.: Não, porque nem sequer tentámos.

Sara: *Ok.*

Entrevistado A.: Esta é uma resposta óbvia. (Risos)

Sara: *Relativamente ao vosso publico alvo, quem são os beneficiários destas intervenções que vocês promovem?*

Entrevistado A.: Neste momento, ou no normal, numa vida supostamente dita normal, sem Covid?

Sara: *Podemos falar sem Covid, por havemos de chegar a algumas questões sobre o impacto do Covid, mesmo.*

Entrevistado A.: No normal, nós, nós costumamos trabalhar com instituições, nós temos parcerias, não protocolos, são parcerias, das quais as instituições não têm nenhum tipo de encargo financeiro para virem fazer cá terapias, nem terapias no sentido de equitação terapêutica, nem na equitação, dita adaptada. Nessas instituições, por norma vêm x utentes que são definidos por nós em função do tempo que temos disponível e também dos cavalos que conseguimos ter, porque muitas das vezes e infelizmente, felizmente, mas infelizmente, felizmente, porque nós temos muitos miúdos, muitos utentes que as instituições enviam para nós fazermos terapias, mas tivemos uma necessidade de fazer alguns tipos de triagem para conseguirmos...

Sara: Só uma pergunta, para se entender aqui: São crianças, então?

Entrevistado A.: Não adultos, adultos com deficiência.

Sara: É porque disse miúdos, miúdos...

Entrevistado A.: É o hábito, por isso é que depois a seguir disse utentes, é o hábito. Não, tendencialmente adulto, adulto com deficiência. As instituições que são, são instituições de CAO que eu ia explicar isso, posso dizer o nome, não sei se interessa ou não. Pronto, temos uma que é na praia da L que é a NECI, de pessoas com deficiência, tem CAO e tem lar residencial, das quais nós tivemos necessidade de fazer triagem de quais é que poderiam beneficiar de uma coisa e de outra porque também houve uma altura que vinham todos e depois alguns também não estavam aqui a fazer propriamente nada. Não precisavam, não tinham tanta necessidade como alguns tinham, e nós preferimos dar uma bocadinho mais atenção àqueles que precisam mesmo muito do que a alguns que já vêm cá e que já têm atividades, imensas atividades...

Aqui as necessidades de eles deixarem de frequentar isto, neste caso a parte terapêutica, será, ou porque tivemos algumas crianças particulares que a evolução foi tão boa que deixaram propriamente de beneficiar de uma equitação, porque nem sempre temos só meninos com deficiências cognitivas, muitas vezes temos alguns meninos comportamentais e às vezes na parte comportamental alguns miúdos evoluem tão bem que deixam de precisar propriamente dito deste acompanhamento maaais, ahm, ahm, personalizado, e muitas vezes até vêm para as aulas de equitação geral com outras crianças, portanto há esta, o acabar, não é o

acabar, é uma transição, outros, porque realmente a necessidade não existe e o que terminar, a gente maior parte deles é todos de continuidade, é tudo contínuos, a não ser que não haja capacidade para as pessoas conseguirem vir aqui.

Entrevistado S.: E não ‘tavam a tirar proveito nenhuma.

Entrevistado A.: Vinham para passear e não propriamente para ter uma terapia, para ter algo que seja benéfico para. Aaaaa, isto paralelamente, temos outra instituição também para pessoas com deficiência que é C. - a casa de XX XX, que é um lar também, que tem CAO e esses utentes também vêm fazer trabalho conosco, temos depois nesse caso, já são crianças jovens que vêm da unidade de autistas de A, que vêm cá, que inclusive nós até damos o apoio de que eles têm as carrinhas e nós damos o apoio em termos de combustível e de portagens para eles poderem vir, porque senão não conseguiriam vir cá, pronto.

E temos também uma outra unidade da deficiência, multideficiência, das N de L, que vêm com a carrinha, neste caso, da câmara, que a própria escola é que tem a responsabilidade de pedir esse apoio, de pedir essa carrinha.

Paralelo a isto, no normal covid, temos alguns particulares, que vêm fazer, neste caso, algum tipo de intervenção, das quais essa intervenção já é individualizada, particular, enquanto que os outros muitos deles, poderão ser terapias mais individualizadas, em que, conforme as necessidades de cada utente, ou alguns até fazemos uma terapia mais em grupo quando conseguimos juntar utentes mais homogêneos em termos das suas necessidades, temos sempre depois as duas pessoas, que uma vai trabalhando depois um bocadinho mais uma coisa e a outra vai trabalhando a outra.

Não sei se respondi tudo?

Sara: *Respondeu, e já abriu a porta aqui para outras questões que eu também vou colocar [...não se ouve...] de focar a entrevista nas intervenções com crianças, já percebi que trabalham muito com adultos, mas...*

Entrevistado A.: Neste momento, só trabalhamos com crianças, praticamente.

Sara: *...crianças com défice cognitivo e/ou dificuldades de aprendizagem. As próximas questões, gostava que se focassem então neste trabalho com essas crianças.*

Entrevistado A.: No cognitivo e aprendizagem? Ok. está bem.

Sara: *Qual é o âmbito das intervenções e das respetivas sessões? Que quer isto dizer? São atividades realizadas individualmente, são em grupo? contexto educativo, contexto terapêutico, contexto lúdico-relacional?*

Entrevistado A.: Independentemente de tudo, de virem crianças de instituição ou de virem crianças de, de unidades, porque nas instituições são adultos, mas eu nas unidades, eu posso considerar que são crianças porque estão em idade escolar, são crianças e jovens, certo?

Sara: *Sim.*

Entrevistado A.: Em qualquer destes miúdos em unidade e os particulares, nós neste momento, é tudo crianças, só os da instituição é que são considerados adultos, logo, todo o nosso trabalho tem um bocadinho o âmbito educativo obviamente, porque nós também acabamos por, independentemente de irmos buscarsempre aquela questão da relação e vínculo com o animal, que é extremamente importante, depois também acabamos por ter um bocadinho esta vertente muito motora porque, em termos, vai um bocadinho às bases também de equitação, quem tem um bocadinho as bases de equitação, nós não podemos colocar alguém em cima de um cavalo sem ter um bocadinho aquela base inicial de equitação.

Inclusive, mesmo a terapia assistida por cavalos, implica sempre uma base que vem de equitação normal e uma equitação de trabalho, vá. Neste caso, acabamos por ter sempre esta questão postural que eu acabo por também dar sempre um bocadinho mais atenção nisso, a S. também, a minha vertente o facto de trabalhar com, ou ter-me especializado da parte de pediatria, toda a gente sabe que um fisioterapeuta pediátrico nem sempre é só 100% fisioterapeuta, né? Eu acabei por ter, felizmente trabalhei com muitas pessoas na área da educação, que me deram muitas, muitas ferramentas para trabalhar com isto, porque senão eu não seria sinceramente uma boa técnica a trabalhar com estas crianças. Se calhar não respondi à pergunta, mas pode-me induzir que eu vou responder, eu chego lá.

Sara: *Era perguntar se as atividades são realizadas individualmente, ou...*

Entrevistado A.: Individualmente! ah, é isso que eu ia responder, porque todas as crianças que nós temos independentemente de virem da, das unidades, mesmo sendo uma terapia que supostamente eles vêm em grupo, a maior parte deles é individual, inclusive o que eu e a S. fazemos é, nestas terapias a particulares é individual, nas terapias de unidades, o que eu e a S. fazemos é, nós dividimos este picadeiro grande em dois picadeiros e, por norma, eu fico num picadeiro com um que tem mais uma vertente motora associada, e a S. fica noutro picadeiro, com outro que tem uma vertente, se calhar, menos necessidade de controlo postural, menos necessidade de ter ali alguém ao pé, muito mais numa vertente educativa e lúdica.

Que nós estamos constantemente em trabalho uma com a outra e ‘tamos constantemente a olhar e a dar algum tipo de instruções uma à outra, no sentido de nos ajudarmos.

Entrevistado S.: e às vezes no, não temos de falar, é só olhar.

Entrevistado A.: Sim, basta olhar e dizer, ou seja, mesmo nas crianças que vêm de unidade que são as crianças que vêm supostamente num grupo grande, nós fazemos trabalho individualizado.

Entrevistado S.: E avaliação é sempre feito por as duas.

Sara: *E a regularidade destas sessões? são semanais? são quinzenais? são mensais?*

Entrevistado A.: Tendencialmente..., as nossas sessões são sempre semanais, nós todas as semanas, fora situação Covid, as instituições e as unidades e os particulares vêm pelo menos uma vez por semana, pelo menos uma vez por semana. Mas nem sempre os utentes fazem uma vez por semana, pronto, é isso que eu queria explicar, porque às vezes o grupo é muito grande, as carrinhas só trazem nove pessoas, e nas nove pessoas, incluindo o motorista mais um auxiliar, logo só traz sete utentes, e às vezes mesmo esses sete utentes, às vezes nós temos vinte utentes da mesma instituição para fazer terapias.

Sara: *E então acaba por haver rotatividade?*

Entrevistado A.: Sim, é isso mesmo que nós tentamos fazer porque muitas vezes estas instituições não podem vir mais do que uma vez.

Sara: *E então, em relação à criança, acaba por ser quinzenal? mensal?*

Entrevistado A.: Depende, há crianças que fazem todas as semanas...

Entrevistado S.: Que é o indicado! Que é o que a gente quer mais fazer...

Entrevistado A.: E há outras que fazem quinzenal. O que nós fazemos, fazemos um bocadinho essa decisão, conforme vemos as necessidades maiores que, às vezes, essas necessidades hoje são umas, mas amanhã podem não ser. Nós, durante um período, somos capazes de, se calhar dar mais semanalmente aquela criança, à mesma criança, e a outra vem de quinze em quinze, porque representa se calhar um bocadinho menos necessidade, mas se houver alguma mudança, a gente está constantemente em, a gente está sempre constantemente a avaliar, e quem trabalha com crianças sabe que isto é uma avaliação sempre contínua, porque temos aquela necessidade de mudar de repente para isto, portanto, tendencialmente semanal, semanal, há alguns casos quinzenal.

Sara: *Ok. E o tempo de duração das sessões?*

Entrevistado A.: Em cima do cavalo, máximo dos máximos, 30 min. Em cima do cavalo, a montar.

Sara: *E qual é o tempo médio de frequência destas atividades, ou seja, as crianças vêm durante um período de dois, três meses? vêm durante um período de um ano? têm crianças que frequentam regularmente há mais de um ano?*

Entrevistados A. e S.: É contínuo!

Entrevistado A.: Isto nunca para, a não ser que os pais queiram desistir ou que a gente ache que já não faz sentido. Nalgum sentido já aconteceu, alguns utentes, principalmente os adultos, virem nas instituições, vêm e depois nós começamos a perceber que já não estão a fazer aqui nada, que estão desinteressados, inclusive às vezes fazemos pausas por necessidade deles próprios, que às vezes precisam de pausar e depois tentamos retomar a ver se funciona.

Entrevistado S.: Infelizmente o que acontece muito com as escolas é quando chega a dezoito anos acaba.

Entrevistado A.: E depois não há como voltarem, porque depois os pais não têm como vir.

Entrevistado S.: E às vezes a gente tem uma evolução com a criança, eeee, chega a dezoito anos, a gente sabe que para e...

Entrevistado A. aqui as necessidades de eles deixarem de frequentar isto, neste caso a parte terapêutica será; ou porque tivemos algumas crianças particulares que a evolução foi tão boa que deixaram propriamente de beneficiar de uma equitação, porque nem sempre temos só meninos com deficiências cognitivas, muitas vezes temos alguns meninos comportamentais e às vezes na parte comportamental alguns miúdos evoluem tão bem que deixam de precisar propriamente dito deste acompanhamento maaais ahm ahm personalizado, e muitas vezes até vêm para as aulas de equitação geral com outras crianças, portanto há esta, o acabar, não é o acabar, é uma transição, outros porque realmente a necessidade não existe e o que terminar, a gente maior parte deles é todos de continuidade, é tudo contínuos, a não ser que não haja capacidade para as pessoas conseguirem vir aqui.

Sara: *Relativamente ao impacto e aos benefícios destas intervenções para estas crianças, qual é para vocês o maior impacto, o principal benefício?*

Entrevistado S.: De parte de cognitivo eles criam um laço com o cavalo, e a gente cria esse laço para trabalhar com eles. O que, é difícil dizer uma coisa, porque é o conjunto de tudo, porque o cavalo ajuda eles,

eles criam relação e a gente consegue puxar muito mais por eles, por causa da relação com o cavalo. Eu tenho alunos, graças a Deus, que já são adultos, mas que começaram na parte terapêutica, depois passaram para a equitação geral e continuam, eeee, é uma lição de vida para eles, não só da parte física e cognitiva, mas de vida em geral, e dá uma abertura para eles que muitas vezes estão fechadas em outro lado, as portas fecham, em escolas e coiso, e chegam aqui e têm a porta aberta e sente uma evolução grande com eles.

Não sei se estou a me dar a entender nesta parte, é super importante, até houve um moço que estava na, na, no lar das crianças em L, isto já há uns anos atrás, o C. que era muito, nasceu de um mãe toxicod dependente e ele nasceu dependente também, e foi uma situação muito complicada para ele, o miúdo e era sempre fugir do lar, e fazer e só uma atrás de outra, e veio aqui não para fazer terapia montado, mas veio por parte da escola porque estava já ao fim da escola e eles queriam fazer uma atividade que dava para ele continuar, então vinha e ajudava a limpar os “padlocks” a fazer uma coisa completamente diferente, mas não tão diferente em si, porque tentámos orientar o miúdo e o miúdo tinha grande respeito por mim, eu tinha de ter o pulso firme com ele, mas de entender até que ponto, este miúdo depois de 18 anos foi para Faro, foi para Casa dos Rapazes, foi enfim... passado uns anos ele estava no hospital de Faro na parte da psi, psi...

Sara: *Psiquiatria?*

Isso, desculpa lá, obrigado, e estava um enfermeiro que também foi minha aluna, que assistiu ao parte dele aqui com os cavalos, eee, estava apanhado a fumar no hospital, então estava uma grande revolução e ninguém dava conta do miúdo e a S (a enfermeira) disse: "Eu vou contar à S." olha foi aí que o miúdo parou disse "Olha não conta à S. que ela vai ficar tão desiludido comigo" e foi uma coisa que passado uns anos fez que a gente mexeu com a vida deles e foi uma coisa positiva, porque ele não diz isso por medo, mas dizer "pá ela vai ficar tão desiludida comigo" e então a gente consegue fazer uma diferença na vida deles. Às vezes é como disse, as portas estão fechadas em muito lado, as pessoas apontam o dedo, as crianças em princípio são as piores, mas a gente aqui tem a porta aberta sempre para eles, e às vezes eles precisa só disso, de alguém a ouvir ou do cavalo. Não, sei. Fugi um bocado da pergunta mais...

Sara: *Não, não, não entendi, está perfeito!*

*E a nível social? Eu percebo que mesmo nestas instituições acaba por não vir só o beneficiário, não vem só a criança, vem um técnico que o acompanha, vêm professores, vêm educadores, vêm auxiliares, sente que há um impacto também destas intervenções nesse ambiente social?*

Entrevistado S.: Sim há! Mesmo, os nossos voluntários costumam dizer também que isso é uma terapia para os utentes, mas acaba por ser para eles também, como voluntários, porque é, sentem que estão a dar alguma coisa, maior parte dos nossos voluntários são estrangeiros, reformados, que vêm viver aqui e eles sentem que

é uma maneira de devolver alguma coisa e acaba por ser tão terapêutico para eles ver a evolução das crianças que a parte social, a ligação e isso é muito importante, conta muito, sim.

*Sara: E relativamente ao impacto familiar, na família destas crianças sentem que estas atividades influenciam de alguma maneira as dinâmicas familiares, as rotinas, a vida da família, além da criança da própria família da criança?*

Entrevistado S.: Sim, se calhar a A. consegue responder a isso melhor porque ela vê algumas crianças no âmbito familiar e vê aqui.

Entrevistado A.: Isto às vezes é um bocado complicado de responder, porque temos realidades completamente opostas, temos os utentes que vêm pelas instituições ,esse impacto, nós temos zero, zero, muitas vezes o impacto que temos, e eu aí acho que, puxando um bocadinho, o facto de eu já ter sido terapeuta e trabalhei nessas, alguma instituição, consigo ter uma relação com os pais que já tinha de anteriore cria essa relação e hoje em dia consigo ter esse impacto, mas com algumas instituições nas quais nós não conhecemos a família, é muito difícil.

Entrevistado S.: Aliás, às vezes algumas crianças acabam por ter mais ambiente familiar aqui do que têm em casa.

Entrevistado A.: Alguns os pais nem sabem o que é que eles andam a fazer, infelizmente. Naqueles que nós temos, conseguimos ter uma relação direta, acho que isto tem um impacto espetacular! porque a maior parte deles são pessoas dos quais eu depois também trabalho na outra realidade no outro contexto e eu tenho sempre esse impacto direto, porque eles, para além dos miúdos, das crianças com os pais, eles levam a semana inteira a falar dos cavalos, e vamos ao B e vamos à P, ah e amanhã vamos lá, e inclusive agora nesta fase de confinamento, nós este ano essa, essa, parte esse impacto mesmo familiar em que quase todos ospais, de forma sem nós, não termos feito essa oferta, todos quase todos os pais nos sugeriram vir cá mais do que uma vez por semana e nós acabamos por, nós termos estruturado as atividades nesta fase Covid, com toda a segurança, hora a hora e só vem aquele naqueles, naqueles dias e nós tivemos que reestruturar a nossa atividade toda, a nossa manhã toda, para conseguirmos, porque achamos isto muito, muito interessante, porque um pai perguntou-nos, depois veio outro pai que perguntou, e isto foi para mim um impacto ótimo, porque quase todos eles quiseram aumentar a frequência a vir à equitação e às vezes na terapia em contexto gabinete mantiveram a frequência que já tinham, e, e nós, e eu estou constantemente a falar nisto, eu notoque há um impacto muito bom na parte familiar e na própria relação, porque os miúdos também melhoram a relação, nós acabamos por ter um utente que no início não queria relação com o cavalo, (alguns, outros élogo muito), mas aqueles que não queriam, passado umas sessões nós começamos a ver este vinculo a ser criado, e também acabo por notar que o vinculo dos, dos, que também connosco, porque nós não somos

família, somos terapeutas, mas eu vejo que eles também nos começam, a relacionar-se connosco de uma forma diferente, à procura do abraço, porque a gente usa muuuito esse tipo de trabalho aqui, vamos dar uma abracinho ao B, vamos, pronto, tens que pedir desculpa porque estás a ser muito bruto, usamos muito o B, o cavalo tem de ser muito respeitado, mas depois notamos mesmo que os miúdos depois acabam por fazer um pouco isso também connosco, a forma como lidam, procuram-nos mais no que, encostam-se e isso também melhora, eu acho que melhora bastante.

*Sara: Vamos então entrar no último bloco de questões especificamente sobre a forma e aquilo que aqui também já referiu, a forma como esta pandemia por Covid 19 veio afetar tudo à nossa volta e de algum modo também estas atividades.*

*De que forma é que esta, já referiram aqui que houve casos em que até a procura aumentou, de que forma é que a pandemia veio afetar o decorrer das vossas atividades?*

Entrevistado A.: Pronto, no início quando começou a primeira quarentena, no ano passado em Março, afetou-nos a 100%, das quais parámos por completo, e tendo em conta que tínhamos, todos, todos nós, acho que toda a gente foi afetada assim de uma forma muito, muito grande, o que nos aconteceu foi as tais grandes dúvidas que tínhamos porque o nosso maior boom de trabalho até à pandemia era muito instituição, muito instituição, muito escolas, tínhamos alguns particulares mas não era um volume muito grande.

O que é que aconteceu, aconteceu que, simplesmente, não tínhamos ninguém para trabalhar, não havia ninguém para trabalhar. Quando retomámos a ideia de retomar foi em Setembro, quando eu a S. com grandes cuidados a tentar demonstrar os cuidados que nós tínhamos em termos de higienização, tivemos que, o espaço é isto, é este espaço, nós temos esta vantagem de ser ao ar livre, tivemos que reestruturar toda uma série de coisas e, principalmente, no sentido de fazer as terapias individualizadas, hora a hora, uma hora para cada criança e família, não juntar aqui mais do que x pessoas, um numero limite de pessoas, ahm, tivemos que reestruturar isto tudo, responsabilizar as famílias de usar... essa treta toda que já toda a gente sabe.

Acontece é que houve um aumento da procura, principalmente das terapias a privado, porque também há alguma, houve alguns cortes nas próprias terapias, aaah, mais de especialização em gabinete, principalmente em serviços públicos, porque também os pais também começaram a querer procurar mais coisas ao ar-livre e também houve algum corte em termos de serviço hospitalar, eu própria também digo isso, porque eu como fisioterapeuta, num, a trabalhar, neste caso no hospital particular, eu também, eu tive essas vantagens, eu tive mais procura de pais a procurarem mais terapias porque as terapias no público nem sempre funcionam, muitos dos meninos que eu trabalho vêm de intervenções precoces e as intervenções precoces também ‘tiveram muito canceladas, e então eu noto que houve uma procura dos pais não só na terapia a privado comona, na terapia, nesta vertente de equitação, pelo ar-livre, pelo uma terapia diferente e porque as pessoas

tiveram que se tentaram reinventar porque tudo, tudo, tudo, não só os negócios, tiveram que ser reinventados, mas os próprios pais com crianças com necessidades educativas especiais tiveram que procurar uma bocadinho outro tipo de trabalho, nesse sentido nós continuamos neste momento, as instituições zero, porque a própria segurança social no primeiro confinamento a gente acabou por ter que fechar, retomamos em setembro, felizmente o segundo confinamento, como a legislação dizia que as terapias eram essenciais, nós não terminámos, continuamos a fazer o nosso trabalho de igual forma, tivemos que nos readaptar à questão das declarações para as pessoas poderem vir sem nenhum tipo de problema, onde é que está o nosso maior problema, é nas instituições que a lei consegue rodear aquilo que o português tem a mania de rodear, quer sempre encontrar um buraco na lei e conseguir, a lei está mesmo muito bem escrita, porque diz que as atividades de instituições são só, só, não existem atividades externas independentemente de nós sermos terapêuticos, supostamente é essencial, eles podiam vir, mas não é por ser uma atividade externa, o facto de ser uma terapia podem vir, só que depois a própria segurança social proíbe transportes de carrinhas, só devem ser feitos exclusivamente de casa para a instituição e da instituição para casa, logo, ou os pais vêm a título privado, particular, os pais é que trazem os utentes que já faziam connosco, ou então não temos como os utentes virem das instituições. A maior parte dos pais também trabalha, a maior parte dos pais não tem carro...

Entrevistado S.: só tivemos uma aluna das instituições que veio.

Entrevistado A.: Que manteve. Que a mãe quis manter, a mãe veio cá. Veio cá na fase de confinamento, porque também estava em casa, agora a instituição reabriu, a miúda está numa instituição a mãe é funcionária da instituição, acabou por não ter forma de vir, porque a própria instituição também autoriza a vinda dela, mas também em termos de horários, é um bocadinho complicado para ela se gerir das necessidades. Portanto, em termos negativos, isto veio ser complicado, para além de a gente ter de ajustar e readaptar o nosso trabalho.

Entrevistado S.: E não sei se quer falar um bocado de, do projeto que a gente tem de levar o B até lá...

Entrevistado A.: Portanto, nós o que é que fizemos, precisamente isso que íamos fazer, visto que, se Maomé não vem à montanha, vai a montanha a Maomé. O que é que nós fizemos, fizemos um projeto agora, que está para ser aplicado, que é, vamos levar o cavalo à instituição, já que não podem fazer atividades externas, a atividade externa vai à instituição, para dentro do recinto. Então estamos a pensar, falámos já com uma das instituições, pelo menos para fazer o teste, para testar, para fazer uma primeira abordagem, e o sentido da primeira abordagem é avaliar a possibilidade de tudo isto acontecer, para haver depois abordagem a outros sítios ou inclusive até continuidade deste trabalho, que é levarmos o B com o atrelado até à instituição, com o atrelado, para dentro da instituição, nas quais os utentes puderam ter este trabalho de vínculo, manter esta

questão da relação, este vínculo e porque a realidade é muito, realmente muito triste, esta instituição inclusive tem um lar residencial e um lar está dividido em duas alas e as pessoas que estão no lar residencial não comunicam há mais de um ano, alguns estão fechados dentro do quarto.

Sara: *Isso vai ao encontro da minha pergunta seguinte, que é como é que vocês sentem que esta situação impactou nestas crianças, nos utentes?*

Entrevistado A.: Estas crianças da instituição, nas instituições sim, nas que estão no particular...

Entrevistado S.: Algumas crianças particulares até beneficiaram porque os pais foram mais à procura das terapias, as escolas estavam fechadas, então os pais proactivos... Os que têm pais proactivos beneficiaram. Eu acho. Agora aqueles que estão em instituições ou que tem pais que não estão tão interessados, foi muito negativo.

Entrevistado A.: Nós inclusive fomos fazer uma visita autorizada a uma instituição, a uma das instituições que trabalhamos, eu e a S. só, sem nenhum, sem este tal projeto, e a reação de utentes que não nos viam há mais de um ano foi uma coisa, fantástica, porque também já os conhecemos há muitos anos, é das instituições que a gente já trabalha há mais anos, e eles ficaram completamente...

Entrevistado S.: Inclusive alguns utentes, que há mais de dois anos que não nos viram que já deixaram de fazer, mas que a alegria de nos ver...

Entrevistado A.: Portanto imagino como é que se será a alegria de verem entrar um cavalo dentro da instituição. Portanto, estamos para experimentar isso, porque isso, entretanto, o projeto foi aprovado, agora só falta apresentar este projeto à direção da instituição e à aprovação para podermos testar, e eu acho que istovai ser uma ideia excelente porque a gente rodeou aqui o sistema de uma maneira...

Entrevistado S.: eles não vão fazer terapia de montar, mas a parte de maneio, e a gente tem umas ideias de terapia que a gente pode fazer sem pôr eles em cima.

Sara: *Notaram nestas crianças, nos seus familiares, no grupo social envolvente, alguma alteração relativa à percepção do impacto destas intervenções? de certo modo, vocês já responderam a isto porque já me disseram que houve pais que passaram a valorizar mais, e nas instituições também sentem essa maior valorização?*

Entrevistado A.: Das famílias, não conseguimos. Das famílias é muito difícil, temos alguns pais que nos manifestam isso particularmente, mas se formos pensar nas instituições, em que se calhar temos vinte utentes, se calhar temos dois pais que comunicam connosco.

Sara: *Mas ao nível dos técnicos, sentem diferença?*

Entrevistado A.: Ah dos técnicos sim.

Entrevistado S.: Eu acho que a própria falta de haver as terapias fez com que eles, se calhar, dão mais valor às terapias.

Entrevistado A.: Sim, isso sim.

Entrevistado S.: Porque antes era só mais uma atividade, para muito de técnicos da instituição, olha despacha esse dia, tenho aquela atividade, e agora que já sente a falta, e ver que os utentes têm falta, se calhar sim, dão mais valor.

Sara: *Uma vez que a pandemia veio então, pelo menos numa primeira afetar muito, de uma forma abrupta o decorrer das vossas atividades, a instituição, o projeto, beneficiou de algum apoio financeiro extraordinário para fazer face a essa realidade?*

Entrevistado A.: Não, Não, não, não, isso não. (Risos) Isso deve ser linear a toda a gente.

Entrevistado S.: Pelo contrário.

Sara: *A nossa entrevista terminou, queria agradecer bastante a vossa disponibilidade, as vossas respostas, é ótimo poder falar convosco e conhecer o vosso trabalho. Muito Obrigado!*

## **E8**

Sara: *No final terei muito gosto em fazer chegar uma cópia da versão final da tese, se quiser, acho que já tenho aqui o seu email, posso-lhe enviar a versão do trabalho final do mestrado, agradeço a disponibilidade e a atenção, vamos começar?*

Entrevistado: Ok. Vamos!

Sara: *Então, qual é o seu papel nas intervenções assistidas por animais, isto é: é o técnico responsável, faz parte de uma equipa multidisciplinar ou acompanha sessões promovidas por outros técnicos?*

Entrevistado: Eu tenho qualificação para ensinar equitação, também uma qualificação para ensinar equitação terapêutica, por isso eu sou o responsável quando tenho uma lição individual ou de grupo com clientes que

têm dificuldades de aprendizagem, posso utilizar na equipa auxiliares para controlar os cavalos, ou auxiliares laterais, posso conferir com professores das escolas, às vezes temos professor presente, depende sobre a situação com essa escola, ou os pais que podem fornecer informações, às vezes envolvemos os pais, às vezes não, depende sobre o caso.

Sara: *E qual é a sua formação profissional?*

Entrevistado: Muitos anos... (risos), tenho feito alguns cursos que resultam em qualificação do segundo nível de monitor de equitação ou instrutor, como quer chamá-lo. E também tenho feito cursos para ter uma qualificação para equitação terapêutica.

Sara: *Sempre trabalhou nesta instituição?*

Entrevistado: Iniciei atividade desta empresa em 85 e antes tinha também trabalhado em vários centros hípicas, bom, um centro hípico aqui do Algarve, na Quinta do Lago.

Sara: *E o que é que a motivou a trabalhar com intervenções assistidas por animais?*

Entrevistado: Ora a história é um bocado comprida, mas é interessante. Aaaah, quando eu tinha cerca de 22 anos, trabalhei em Londres durante 6 meses, e numa escola de equitação foi trazido um grupo de 6 adultos que viveram num lar em "aqueni" (cidade, não entendi o nome), não deram-me muita informação, também não tinha muita formação ou prática ou conhecimentos em fazer isso, tratei dos clientes como achava, mas houve um da mesma idade como eu, de 22 que era muuuuuito pequeno, com deficiência mental, era o equivalente a uma criança de 4 ou 5 anos, o K, pus os clientes a cavalo, começaram a andar, o K tinha muito receio, nós pusemos em cima e o cavalo mexeu um pouco respirou (inspiração profunda) e ele queria sair, tirámos do cavalo, ele não estava nada feliz, pusemos uma rapariga que ajudava-nos no grupo, em cima do cavaleiro, ele que sabe, tinha de dizer, ele disse que queria só se tivesse um cavalo pequenino, então trouxemos um cavalo de metro e dez, mais ou menos, "tá bem, vou experimentar" disse o K, bom a mocinha montou no cavaleiro deu umas voltas, o K, olhando com tanto interesse em fazer, mas não tinha coragem para fazer, experimentamos novamente, pusemos o K em cima e ele andou algumas voltas, acabou a sessão de trinta minutos, e eu fiquei, bom, ok, ele ficou em cima, mas o sr. que acompanhou o grupo do Lar, disse: "incrível, incrível, nunca vi o K em toda a sua vida conseguir tanto em trinta minutos, como fez nesta situação" e eu pensei, é uma coisa interessante e aí começou aquele interesse em descobrir mais sobre o assunto.

Sara: *E com que animais é que são desenvolvidas estas intervenções? Já percebemos que são cavalos, são os seus cavalos?*

Entrevistado: São os nossos, é uma equipa já muito estabelecida de vários tamanhos, várias personalidades, de bons temperamentos, ahm, que, ahm, eu acho que eles gostam de fazer o trabalho porque o cavalo, os animais, percebem.

[Corte na gravação]

Sara: *A recomendar a gravação, pode continuar, peço imensa desculpa.*

Entrevistado: Temos cavalos de vários tamanhos, desde metro e dez ou metro e doze de altura até metro e 70 conforme o tamanho dos cavaleiros e conforme o objetivo, tentamos escolher o cavalo, mais indicado conforme o caso, ahm, e achamos que os cavalos percebem quando têm uma pessoa especial. Também temos três cães aqui, um dos cães é bastante amável e não se importa em ser beijado, agarrado, tocado, tem uma pele bastante sedoso e agradável, parece um peluche!

Sara: *Quando começou a promover e a acompanhar estas intervenções, a equitação terapêutica, qual é que foi a receptividade da sociedade envolvente? sentiu que foi bem recebida? que...*

Entrevistado: Isso é uma muito boa pergunta, porque como tenho muitos anos aqui nos inícios era numa fase em que equitação não era considerado uma atividade ou desporto para todos. Era só de elite, só para quem tinha dinheiro, mas era possível entrar pela porta de trás, através da equitação terapêutica, e então, quando foi realizado aqui vários cursos de formação em que tentamos promover no resto do país esta atividade, começamos por promover mais para os terapeutas, aaah, porque achámos que era a melhor maneira de divulgar o assunto e após algum tempo, eles disseram sim, mas os instrutores de equitação não percebem o assunto e então estamos a encontrar dificuldade em encontrar sítio onde o instrutor é confortável em fazer esta atividade, ou sente que tem cavalos em condições e começamos a fazer cursos de formação para o instrutor e o terapeuta, trabalhando em conjunto.

Sara: *As tais equipas multidisciplinares?*

Entrevistado: Sim, aqui as equipas, sim.

Sara: *E apoios para a implementação destas intervenções sentiu que existiam?*

Entrevistado: Foi formado há quase 40 anos atrás uma associação que angariava fundos, recebia donativos para ajudar a financiar para que os utentes não precisavam de pagar, porque era considerado nessas alturas que muitas das pessoas que podem beneficiar não tinham meios económicos nem para comprar sapatos,

então obviamente não para pagar terapias. Então, era tudo fornecido grátis. Hoje em dia acho que aquela associação já não existe, mas nos últimos 4 anos nós começamos por pedir apoio financeiro com várias empresas locais aqui e indivíduos que financiaram projeto para trabalhar com APPC, e então o dinheiro foi diretamente para APPC e podia fornecer obviamente recibos oficiais para lei do mecenato, que é uma mais valia para as companhias e então, através de clientes nossos e empresas que conhecemos, conseguimos dinheiro suficiente para financiar o projeto em que trabalhamos com grupos de 3 a 6 cavaleiros e com sessões individuais com um terapeuta ocupacional e fisioterapeuta.

*Sara: E barreiras sociais, sentiu que existiram barreiras para começar este tipo de atividades, barreiras que precisou de ultrapassar?*

Entrevistado: Não, não, eu penso que sempre houve bom apoio, pelas câmaras, pelas instituições, por exemplo, quando nós fizemos aqui o evento sempre foi fácil convidar presidente da junta, imprensa, porque as pessoas têm um, um, muitas pessoas tem um interesse especial em pessoas que necessitam de ajuda. E não estamos a falar de equitação de pessoas de elite, mas para pessoas com necessidades.

*Sara: Relativamente à autarquia local, já me disse que há alguma receptividade, são bem recebidas estas intervenções ao nível da autarquia local, da câmara?*

Entrevistado: Sim, tem, tem sido bem aceite e acho que apreciado, o que é que tem sido feito quando houve eventos, como antigamente, tínhamos uma gincana anual e festa por fim do ano letivo, em Maio, porque a partir de Maio fica demasiado quente para trabalhar, a câmara ajuda no aspeto logístico em fornecer cadeiras, mesas, aparelhagem de som, tudo o que pode ajudar, às vezes mandam-me alguém para ajudar a apresentar prémios, ahm, ahm, sim, nesse aspeto ajudam-me.

*Sara: E financiamento de outras fontes ou concursos externos? Já me disse que surge financiamento através de projetos com a APPC, com outras instituições, certo?*

Entrevistado: Nestes últimos 4 anos não temos tido dificuldades de arranjar fundos...

*Sara: Focando-nos agora nestas intervenções e na equitação terapêutica, quem são os beneficiários desta equitação terapêutica convosco?*

Entrevistado: Ahm, é bastante variada, se nós falarmos no passado, quer dizer mais de 5 anos, nos últimos 30 anos temos a APCDM de Faro com deficiência cognitiva, temos a APPC de paralisia cerebral em Faro, então deficiência motora e também deficiência mental, de facto através da APPC nunca temos tido nenhum utente, que é só deficiência motora, são as duas coisas, nesta parte, [à parte para uma estagiária que está a assistir a

esta entrevista, não se ouve o que é dito, nesta gravação], ahm, temos trabalho com uma escola em Almancil que tem uma secção para pessoas com deficiências de aprendizagem, nomeadamente autismo, sem ter outra etiqueta para os clientes, temos clientes que vêm passar férias aqui com deficiências motoras, ou dificuldades de aprendizagem ou emocionais, que também vêm, ahm, eeee sim, acho que é...

Sara: *Maioritariamente, então, crianças?*

Entrevistado: Crianças e adultos, jovens adultos. Enquanto há muitos problemas que não tenho experiência a trabalhar. Esclerose múltipla, por exemplo, ahm várias coisas, porque o assunto é muito, muito grande e eu acho que é importante também salientar que quando iniciámos, começamos com esta ideia de que isto pode ser bom para todos, mas de facto acho que o que aprendi mais com a experiência é que não, tem de ser avaliado caso por caso, porque há cada vez mais contra-indicações.

Sara: *Focando agora nas intervenções com défice cognitivo ou dificuldades de aprendizagem, qual é o âmbito em que são realizadas estas sessões? É em contexto educativo, em contexto terapêutico, em contexto ocupacional, nos vários contextos?*

Entrevistado: O que nós fazemos cobre muitas coisas, talvez não pode ser separado e obviamente há algumas dicas dadas pelos professores ou pelos terapeutas da instituição com o que é que deveríamos trabalhar, basicamente olhamos para o que é que temos em frente de nós e tentamos ver qual é o melhor caminho para ajudar esta pessoa a evoluir, a divertir-se, a ficar em segurança, ahhh, e quais os aspetos em que podemos ajudá-los.

Sara: *Portanto, um trabalho muito personalizado?*

Entrevistado: Sim, é isso.

Sara: *E estas sessões, qual a regularidade com que estes beneficiários têm estas sessões, são todas as semanas, de quinze em quinze dias, umas vez por mês?*

Entrevistado: Quem vem pelas instituições, vinham todas as semanas durante o trimestre. O que implica durante um ano o número das sessões é muito limitado e são sessões de 30 minutos, se fosse por sessão individual, de facto não aguento mais de 30 minutos, e se fosse de sessão em grupo, de facto 30 minutos a 45 minutos, dependendo sobre a capacidade. Implica poucas sessões por ano, perdemos dias quando chove ou há mau tempo ou pensamos que vai chover, ou quando o autocarro avaria, por isso a quantidade de sessões por ano é muito pouco para o que seria o desejável.

Sara: *E já percebi que funcionam por anos, portanto...*

Entrevistado: É um ano escolar, iniciava em Setembro ou inícios de Outubro, dependendo sobre e quando a instituição ou escola está pronta, porque em geral as escolas perdem a primeira semana ou duas, porque estão a organizar-se para o novo trimestre.

Sara: *Acabou por me responder assim a 4 perguntas de uma vez só...*

Entrevistado: Se for um caso de particulares, às vezes temos casos, em que as pessoas têm meios económicos e têm tempo disponível porque estão aqui de férias, ou em estadia nas suas casas e montam talvez, dia sim, dia não, ou três dias por semana, ou todos os dias, e nesses casos é o ideal.

Sara: *Em termos do tempo médio de frequência das atividades, falou-me em ciclos anuais, tem crianças que frequentam mais do que um ano?*

Entrevistado: Sim, temos casos de crianças ou jovens adultos, que anos e anos que vêm para a atividade, para muitos é o ponto alto da semana, conseguem sempre levantar bem naquele dia, preparar-se vestir, porque sabem que é o dia dos cavalos, por isso dá maneira de saber quais é os dias da semana.

Sara: *Então, entramos aqui numa outra, na parte central deste estudo, que é: quais é que são para si os principais benefícios que estas intervenções trazem a estas crianças? Qual é o impacto nestas crianças, já me falou aqui da motivação do saber que vai aquela terapia e então há uma motivação para levantar da cama, para vestir, para essas coisas todas, quais são para si, os principais benefícios?*

Entrevistado: Temos os benefícios que são à vista, e temos os benefícios que às vezes não descobrimos. Não descobrimos o que é que está a passar lá dentro da pessoa. Ou temos os benefícios que descobrimos quando temos oportunidade de falar com os pais ou com os professores. Um dos mais importantes, que é a base, como é que se monta no cavalo, é um desporto de equilíbrio e tem que ser o melhoramento do equilíbrio, controlo do corpo, coordenação e postura, e isso é muito importante na vida porque vai influenciar a autoestima e a autoconfiança que a pessoa tem, e o impacto que a pessoa apresenta para outra pessoa, mas às vezes, as coisas só sabemos, por exemplo, com os pais que dizem, por exemplo, no dia depois da equitação a criança comporta-se muuuuuito melhor em casa. Ahm, às vezes temos tido respostas que, aí esta criança comporta-se tão mal na escola é tão difícil, e quando está aqui não há problema nenhum, é um anjo. Temos coisas que não estão à vista, há um caso, de um amigo meu que fazia muita equitação com pessoas com deficiências e eles notaram que um jovem, nos dias a seguir da equitação tinha um sorriso na cara, este jovem sofria muito com prisão de ventre, e nos dias da semana em que vinha montar a atividade do cavalo provocava mais mobilidade nos intestinos e durante os próximos dias conseguiu fazer, e então se sentia muito melhor, então o seu bem-estar estava melhorado pela a atividade e pelo movimento do cavalo.

Sara: *E ao nível do impacto social, por exemplo nos técnicos que acompanham, que trazem as crianças, sente que, ahm, que estas intervenções, que estas atividades também influenciam essas pessoas? Também há um impacto indireto nestes técnicos?*

Entrevistado: Eu acho que temos que louvar as pessoas que trabalham com probl..., com pessoas que precisam da nossa ajuda, essas pessoas são os topos de gama da sociedade para mim, porque isso vai além do tempo do trabalho, nós sabemos que elas fazem trabalho de casa, fazem coisas fora das horas para beneficiar os seus clientes, realmente é um trabalho de equipa, com todos a trabalhar para o bem-estar, bem-estar, daquela pessoa.

Sara: *Relativamente ao impacto nas famílias, sente que estas atividades influenciam de alguma forma as dinâmicas, as rotinas, a vida familiar?*

Entrevistado: Ahm, siim, sem dúvida há casos em que ajuda bastante, há outros casos em que sabemos que a situação familiar não é muito desejável é muito problemático e realmente não sei como é que se pode ajudar esses casos. Que é além da minha competência.

Sara: *Vamos entrar na última secção desta entrevista e falar desta época estranha que vivemos, deste momento particular da nossa história e da pandemia, para tentar perceber um bocadinho, a pandemia veio alterar tudo, não é, à nossa volta, de que forma é que esta pandemia veio afetar o decorrer das vossas atividades?*

Entrevistado: Desde nós, quando a pandemia começou, e antes da a gente perceber as implicações, continuávamos com as sessões até quando a escola APPC decidiu que tinha que parar porque é uma escola super-organizada, com um bom nível de trabalho, bons profissionais e então ficou, ficou parado.

Quando reabriu, o APPC não se sentiu confiante de transportar os jovens nos autocarros, por causa do distanciamento, estavam preocupados com o risco de contaminação com equipamentos e o contacto perto, com voluntários, então ficou tudo parado. Enquanto a dinheiro em fundos, isto é uma coisa rara, normalmente com estes projetos falta dinheiro, neste momento há dinheiro lá na conta bancária que não podeseer utilizado.

Sara: *E há uma perspetiva do regresso, já têm alguma noção de quando é que vão retomar estas atividades?*

Entrevistado: Como normalmente em Maio acabamos, ainda não falei com a I. penso que não vai acontecer, só talvez em Setembro, Outubro.

Sara: *Tem noção de que forma é que esta paragem está a afetar os beneficiários? consegue ter alguma comunicação com as famílias ou com os terapeutas, para ter esta noção?*

Entrevistado: Não, não tenho contactos, posso imaginar, é como toda a gente, há muito que estão faltando exercício, oportunidade de sair de casa, o estímulo mental, não tenho falado com a APPC sobre o efeito e não sei como é que eles estão a conseguir trabalhar, mas posso imaginar que é desastroso.

Sara: *Uma vez que então, a pandemia afetou o decorrer destas intervenções, esta instituição ou estes projetos beneficiaram de algum apoio financeiro extraordinário para fazer face a esta paragem? Pelo que eu percebi o dinheiro do projeto continua algures, mas não chegou à instituição.*

Entrevistado: Sim, o dinheiro do projeto sim, o dinheiro está nos fundos da APPC, porque o que ficou combinado quando organizei os meus clientes e as empresas para oferecer que o dinheiro seria total por elas e só pagam quando fazem sessões.

Por nossa parte, nós tivemos muita sorte, é que ainda estamos aqui porque fizemos candidatura para fundos do Turismo de Portugal, como a maioria do nosso trabalho era em turismo - 80% talvez, fizemos uma candidatura para financiamento e tivemos sorte no ano passado e este ano em receber financiamento, por isso ainda estamos aqui.

Sara: *Portanto não foi um apoio por consequência da pandemia, foi...*

Entrevistado: Não direto, mas que ajudou a manter as instalações prontas para quando pudermos recomeçar, senão seria perdido para sempre.

Sara: *Então ainda bem que houve este financiamento, fico contente que não se perca.*

*A nossa entrevista termina por aqui. Muito obrigado pela disponibilidade.*

## **E9**

Sara: *Se estiver interessada eu terei todo o gosto em, no final, lhe fazer chegar uma cópia da versão final da tese, para que possa ver o resultado...*

Entrevistado: A tese em si, não. Pronto, de alguma forma pode ter conteúdos que me interessam também, o apanhado depois e os resultados que conseguir, isso sim, acho que é importante, para ficarmos com essa noção.

Sara: *Ok, então farei chegar essa, essa informação. Agradeço desde já a sua disponibilidade e atenção. Vamos então começar?*

*Primeira questão, qual é o seu papel nas intervenções assistidas por animais? Isto é, é o técnico responsável pela implementação, faz parte de uma equipa multidisciplinar ou acompanha as sessões promovidas por outros técnicos?*

Entrevistado: Não, eu normalmente tenho um grupo próprio em que fazemos hipoterapia, portanto sou a responsável por esse tipo de intervenção e depois também acompanho um outro grupo que vai trabalhar com a instrutora que é a equitação terapêutica e que vai também juntamente connosco e lá é que eles ficam da responsabilidade da instrutora e os outros ficam da minha responsabilidade, portanto faço terapia com uns quantos miúdos por cada sessão.

Sara: *E qual é a sua formação profissional? Quer a inicial quer alguma formação continua que faça sentido referir neste âmbito.*

Entrevistado: Já tenho muitas especializações, mas pronto, sou terapeuta ocupacional de base, tenho licenciatura e, e, depois tenho, ahhh, vários cursos de especialização em hipoterapia ou dentro da área da equitação terapêutica. Tenho, não sei se quer saber, tenho o *Diamond Center* tenho aaaah, fiz parte de um congresso que fomos fazer lá e de uma formação que houve, tenho também a (Norfo, não entendo a gravação), que é em Inglaterra, foi tudo em Inglaterra através da RDA, e aí tive uma semana de curso intensivo que eles chamam “overseason”, internacional com vários especialistas lá em Inglaterra, além de que depois, dei várias formações, ah, tive várias formações de pessoas que pedimos para vir cá dar-nos informação, formação em termos desta área e depois ainda dei várias formações ao longo destes anos todos de intervenção com as terapias com os cavalos.

Sara: *Portanto é uma formação contínua?*

Entrevistado: Tem sido, tem sido ao longo dos anos, 30!

Sara: *E sempre trabalhou nesta instituição? qual é que foi o seu percurso profissional?*

Entrevistado: Sim, sempre. Vim para cá, comecei aqui e aqui estou, há 32.

Sara: *Ok. E o que é que a motivou a começar a trabalhar com intervenções assistidas por animais? O que a motivou?*

Entrevistado: Foi na altura a oportunidade que tive que a AEDA, a Associação de Equitação dos Deficientes do Algarve, que era uma associação com pessoas que vieram de Inglaterra e quiseram implementar cá essa atividade, e então começaram no Algarve à procura das instituições que estavam disponíveis, então acabaram por, ahm, vir-nos convidar para ir e depois acabaram por nos proporcionar também alguma formação, por isso é que fui a Inglaterra, ah e aí comecei e descobri esta atividade que continuo a adorar e achar uma ótima estratégia de intervenção para os miúdos, para os miúdos e graúdos.

Sara: *Já falou aqui em hipoterapia e em equitação terapêutica, isto vai um pouco ao encontro da próxima questão que é quem são os animais com quem trabalha? Já percebi que trabalha com cavalos, quem sem são estes cavalos, são seus, são de parceiros?*

Entrevistado: Não, os cavalos com que eu tenho trabalhado tem sido, ou pertencem a essa associação, alguns deles foram adquiridos por essa associação de equitação para os deficientes do Algarve e acabaram por ficar sediados normalmente no centro hípico da B. o P, que já teve outro nome, que acabava também por proporcionar, ou pôr à disposição, os cavalos que tinha no centro hípico, que até alguns eram particulares, mas que os donos proporcionavam que ficassem a ser utilizados nessas, nessa intervenção.

Sara: *Quando começou a promover estas intervenções qual é que sentiu que foi a receptividade da sociedade envolvente?*

Entrevistado: Eu acho que especialmente as pessoas ficaram muito entusiasmadas, ficaram curiosas, e depois toda a gente queria experimentar, queria fazer, os pais, principalmente, das crianças e, e isso fazia com que depois ao experimentarem, viam a motivação dos miúdos e acabavam por toda a gente querer ir, até que houve uma altura que era tooda a gente queria fazer, mas nós, lá está, na nossa seleção das crianças e dos jovens que podiam ou não fazer, tivemos um papel importante em dizer que isto não era o remédio paratodos os males, entre aspas.

Sara: *E quais foram apoios que sentiu na implementação destas intervenções? Houve apoios, sentiu que...*

Entrevistado: Foi sempre muito difícil a angariação de fundos, os apoios das entidades, fora várias vezes, pusemos alguns projetos e depois nunca ahm, foi muito, ahm nunca tivemos uma resposta muito positiva, mas no entanto, continuámos porque houve muuuit, da parte da associação de equitação da AEDA, muitas angariações de fundos que faziam, com jantares, com almoços, porque eles funcionam muito nessa base, então, a comunidade inglesa muitas vezes é que nos dava resposta, depois nunca houve muito a candidatura, à parte disso, a outros projetos...

Sara: *Ok, então houve, pode dizer-se que houve algumas barreiras sociais ao nível do financiamento, que foram ultrapassados com este apoio?*

Entrevistado: Não sociais, mas sim das entidade, mais.

Sara: *Estava a contar com estas barreiras, ou foram um surpresa?*

Entrevistado: Eu, de alguma forma, não, porque depois normalmente elas é que faziam essa papel, nós aqui como instituição, como técnicos, só íamos frequentar, não era propriamente o nosso papel, pelo menos nesta articulação de parceiros, não era muito o nosso papel fazer essa parte.

Sara: *E relativamente à autarquia local? Houve alguma recetividade, houve financiamento por via autárquica?*

Entrevistado: Aaam, não. Aaah é assim, o que acontece é que a autarquia é de Loulé, umas vez que nós somos de Faro, e lá o centro hípico pertence a Loulé, é diferente, então normalmente o que fazia, é fazia apoios pontuais em eventos, por exemplo, nós fazíamos sempre uma festa final de, para os miúdos mostrarem aos pais, e aí tivemos sempre muito apoio, davam-nos a logística toda, desde as cadeiras, o fornecimento das ambulâncias, essas coisas porque a B. deve ter falado também nesse sentido, portanto aí as autarquias sim, portanto em termos monetários não tanto, era mais logístico.

Sara: *A nível de financiamento de outras fontes ou concursos externos, pelo que me disse houve pouco financiamento através de concursos externos, acabou por haver através dessa instituição?*

Entrevistado: Da associação, ahm também lhe digo que muitas vezes nós íamos propriamente fazer essa angariação de fundos ou essa candidatura a projetos, porque tínhamos outras fontes de financiamento.

Sara: *E quem são os beneficiários destas intervenções? Atualmente.*

Entrevistado: É assim, atualmente nós temos os nossos miúdos do CAO, do Centro de Atividades Ocupacionais, que vão à equitação terapêutica e depois temos os que vão à hipoterapia, é claro que o quadro é diferente, não é, os da equitação terapêutica são mais velhos, têm uma perspetiva um pouco mais educacional-lúdica, enquanto que nós na hipoterapia temos crianças um pouco mais pequenas e que muitas vezes tem a ver com a parte de ou sensorial ou de neuro desenvolvimento que se encontram em défice e, neste caso, os diagnósticos são muito variáveis, desde o autismo, à paralisia cerebral, síndromes genéticos, ahm, e tem muito a ver com o que nós achamos que aquela tipo de estratégia vai ser benéfica para aquele cliente, sendo os objetivos os mesmos, mantendo-se na mesma os objetivos que temos aqui em departamento, mas que temos uma ferramenta diferente que é aí o cavalo.

Sara: *Focando então agora a entrevista nas intervenções com crianças com déficit cognitivo ou dificuldades de aprendizagem, as questões que vou colocar a seguir pedia-lhe que se focasse nas atividades com estas crianças.*

*Qual é o âmbito destas atividades, e das respetivas sessões, isto é, são realizadas individualmente, são em grupo? Já percebi que o contexto será mais terapêutico...*

Entrevistado: É um bocadinho difícil, um bocado, ser tão precisa, mas é assim, a equitação terapêutica é em grupo com os jovens do CAO, sim é déficit cognitivo que apresentam, acaba por ser muito benéfica em termos da atenção, em termos da motivação, do conseguirem cumprir as regras, da socialização que lá vão ter, normalmente são em grupo.

As sessões da hipoterapia, são individuais, acabam por ter uma, se calhar, muito mais incisiva em determinados aspetos, quer motores, quer sensoriais, que nos vão trazer também uma melhoria depois das outras competências que por aí vêm, por exemplos eles chegarem terem que cumprimentar a pessoa que está com o cavalo, terem que seguir aquelas regras, acaba por, dentro desse tipo de situação, é o que mais temos resultado.

Sara: *E qual é a regularidade destas sessões?*

Entrevistado: Normalmente a gente vai uma vez por semana, por uma questão logística e aqui da instituição, já cheguei a, a ir duas vezes por semana, mas torna-se um bocado complicado, uma vez que temos a deslocação, a perda de tempo na deslocação, mas normalmente é uma vez por semana.

Sara: *E o tempo de duração das sessões?*

Entrevistado: As sessões de grupo, são normalmente meia hora a 45 minutos, as sessões individuais, nossas, vinte minutos, mais ou menos, para conseguirmos aproveitar ao máximo o tempo, sendo que consoante a fase em que a criança se encontra eu posso estar 5 minutos com a criança só em interação com o cavalo ou mesmo em cima do cavalo, e depois ter que sair.

Sara: *E qual é o tempo médio de frequência destas atividades? Isto é, tem crianças que já frequentam estas atividades há mais do que um ano, são programas circunscritos num ano letivo, são circunscritos num período de meses, como é que é, depende de cada caso, são mais continuado no tempo?*

Entrevistado: Pois, normalmente os da equitação terapêutica, também porque depois temos outras vertentes que são depois da competição, muitas vezes é *à la longue*, conseguem enquanto têm a capacidade de adquirir algum benefício, vão-se mantendo, os da hipoterapia não, os da hipoterapia normalmente temos um

programa de um, dois, três anos, mais ou menos, será um máximo, uma média de, depois ou param, cessam, ou então vão prá..., porque temos que dar também a oportunidade a vários miúdos e acabam por cessar ou transitam para a equitação terapêutica, eventualmente, ou então acabam por sair dessa atividade.

Sara: Ok. *E agora sim, quais é que são, para si, os principais benefícios destas atividades nestas crianças, qual é que sente que é o principal impacto?*

Entrevistado: Ah eu como terapeuta ocupacional é desde a parte toda da motivação, que isso é o principal, de eles querem ir, eles saberem qual é o dia que vão, eles estarem ansiosos por ir, toda essa motivação é o primeiro fator. Depois temos todos os aspetos que muitas vezes são falados da interação com o animal, que é o facto de interagir, de respeitar as regras, do cumprimentar, etc. portanto também com as outras pessoas que estão presentes nas sessões. E depois ainda temos muito, aaaah, da minha parte como terapeuta ocupacional, a área sensorial porque a parte sensorial, é uma, o cavalo é um, e o ambiente é um fator essencial para estimular determinados aspetos da sensoriais, como a parte tátil, como a parte vestibular, que é um sistema que muitas vezes não é sequer falado neste tipo de situação, é a, um, a parte toda do andar, do levantar-se, doir para cima de um elemento que muitas vezes têm receio, que a gente chama insegurança gravitacional, portanto há muitos aspetos da parte sensorial que são trabalhos e que outras pessoas, ou outros técnicos muitas vezes não conseguem aproveitar, não é que não queiram, mas não sabem muitas vezes como aproveitar o cavalo com essas ferramentas, e depois temos claro o básico que é o equilíbrio, que é a postura toda essa parte, portanto isso é, é, é importante! E depois, acabo também por fazer, lá está, dentro das competências cognitivas, todo o treino que se faria e aproveito para ter lá, além de outra parte que é a comunicação, a parte da comunicação que nós utilizamos uma série de métodos alternativos de comunicação para conseguir chegar àquilo que se pretende, por exemplo eles levam tabelas de comunicação em que eu transmito e peço determinadas coisas para eles, fazem jogos também, que têm a ver com as competências quer de linguagem quer de leitura, quer de, isso depois também depende da criatividade de cada um.

Sara: *E ao nível do impacto social, sente que além do impacto nas crianças que são beneficiárias existe um impacto nos auxiliares que as acompanham, na forma como ...*

Entrevistado: Sim, normalmente as pessoas acham engraçado, e sentem, vêem a diferença às vezes, inclusive até os auxiliares que estão connosco, ver a diferença ah ele fazia assim e agora já consegue fazer isto, de uma forma diferente, melhor e então muitas vezes acaba por conseguir aaaah, demonstrar-se ali a evolução que os miúdos têm, aaaah ao longo do ano, principalmente, normalmente fazemos os registos fotográficos e filmagens e acabam por se ver.

Os pais sentem-se bastante orgulhosos, motivados e aderem muito a essa, a essa atividade. E depois temos as pessoas em si, os professores, que muitas vezes tentamos articular, olha ele foi para a equitação pode ser um

tema de desenvolvimento a nível da própria sala de aula, ou na sala de jardim de infância, e acaba por ser bastante útil.

As outras pessoas, o facto de também os pais dizerem, aí o meu filho vai para a equitação, ou vai para a hipoterapia, sentem-se bastante gratificados perante as outras, penso eu, perante as outras pessoas.

*Sara: E relativamente a este impacto familiar que refere, sente que estas atividades influenciam de alguma forma as próprias dinâmicas familiares, a própria rotina e a própria vida familiar?*

Entrevistado: Os miúdos da equitação terapêutica, normalmente vão com a instituição, portanto não há muito a família, senão no final, que há realmente uma demonstração dessa evolução. Nos próprios pais, é assim, depende um bocadinho, há pais que vão e que acabam por ter uma participação ativa nas sessões, em que conseguem estar e participar e ser, por exemplo, o nosso auxiliar no outro lado do cavalo quando precisam de dois auxiliares, duas pessoas, há outras pessoas, outros pais, que muitas vezes deixam, põem lá a criança e vão tratar da vida deles, portanto a tem a ver com a dinâmica de cada pai, de cada família, o maior ou menor envolvimento. Gostam de ir, gostam de levar os filhos, sabem que é bom para eles, mas nem todos se envolvem da mesma maneira.

*Sara: Vamos entrar então no último bloco de questões relativas ao impacto que esta época que nós vivemos, que é diferente, como é que esta pandemia veio alterar o funcionamento, que alterou o funcionamento de tudo à nossa volta, como veio também alterar o funcionamento destas atividades. Então a questão que coloco é de que forma é que esta pandemia afetou o decorrer destas atividades em específico.*

Entrevistado: Foram suspensas. Pronto.

*Sara: Resposta simples, parou. E há perspetivas de voltar?*

Entrevistado: Pois, depois como nós costumamos fazer sempre entre Setembro e Maio, neste momento já não justifica estar a reiniciar não é, houve a abertura das atividades, mas não, não justifica. Então dentro da nossa logística provavelmente em Setembro iremos retomar.

*Sara: E sente que esta paragem afetou as crianças?*

Entrevistado: Pois agora ainda não retomei, não é, provavelmente vamos ter que vir um bocadinho atrás dentro das competências que tinham ou da facilidade em lidar com a situação, se calhar temos que voltar um bocadinho atrás e retomar.

*Sara: Mas, ainda não tem essa perceção?*

Entrevistado: Não. Não retomámos.

Sara: *Notou nas crianças, nos seus familiares alguma alteração da percepção do impacto, estou-me a fazer entender?*

Entrevistado: Em termos deles que tiveram e pararam, só tenho a experiência aqui das terapias aqui, e sim, todos eles sabem que pararam por causa do vírus do bichinho e que acabam por voltar, ter que voltar, alguns melhoraram no confinamento, outro pioraram.

Sara: *Uma vez que a pandemia interrompeu o decorrer destas intervenções e afetou o funcionamento da própria instituição, o projeto beneficiou de algum apoio financeiro extraordinário para fazer face a esta realidade?*

Entrevistado: Aqui não se aplica este tipo de questão. Uma vez que continuamos na mesma e os nossos fundos aaah, desta maneira, neste momento, estão a ser canalizados para outras associações que não aquela, porque aquela como lhe disse saiu de lá e foi exercer a atividade noutro lado, mas temos outras associações que neste momento nos dão apoio de beneficência.

Sara: *Ok. Obrigada. Chegámos ao fim da nossa entrevista, foi simples. Obrigada.*

Entrevistado: Foi as questões que foi possível...

## **E10**

Sara: *Se estiver interessado, eu depois no final terei todo o gosto em lhe fazer chegar uma cópia da versão final da tese, que resultará deste processo de investigação.*

Entrevistado: Claro que sim!

Sara: *Agradeço a disponibilidade e a atenção, podemos começar?*

Entrevistado: Podemos, Sara. Força nisso!

Sara: *Então, primeira questão, qual é o seu papel nas intervenções assistidas por animais, é o técnico responsável pela implementação, faz parte de uma equipa multidisciplinar ou acompanha sessões promovidas por outros técnicos?*

Entrevistado: Eu sou técnico responsável, eu ainda não trabalho com uma equipe multidisciplinar, o projeto está a trabalhar para isso.

Sara: *E qual é a sua formação profissional? Inicial e relativa às próprias intervenções assistidas por animais?*

Entrevistado: Eu sou psicólogo clínico, licenciado e mestrado em psicologia clínica da saúde, neste momento eu estou a fazer uma pós-graduação em terapia assistida por animais, aqui em Portugal na Universidade do ISPA, os outros cursos que eu fiz, relativamente à intervenção assistida por animais, foram realizados no Brasil e em Madrid.

Sara: *Sempre trabalhou na instituição em que trabalha atualmente? Neste projeto?*

Entrevistado: Não, na verdade neste momento eu trabalho no MEU projeto, o MEU bebé em S. Bartolomeu de Messines, o último projeto para o qual eu trabalhei foi na Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral, em Faro.

Sara: *E qual foi o seu percurso profissional, foi sempre nesta área?*

[Falhas na gravação]

Entrevistado: Não sempre na área da saúde, como psicólogo, mas eu sempre estive inserido numa equipe multidisciplinar de várias associações a trabalhar com populações distintas. Não sei se respondi bem a sua pergunta, Sara.

Sara: *Respondeu. Eu é que não ouvi porque a mensagem estava a chegar com cortes, por isso é que já tirei a minha câmara porque estava a receber a voz tipo robot, importa-se de repetir.*

Entrevistado: Claro que não, só não se importa de repetir a pergunta, Sara?

Sara: *Qual foi o seu percurso profissional se sempre trabalhou nesta área, ou não?*

Entrevistado: Tá, eu sempre trabalhei em terapia assistida por cavalos, especificamente falando inserido em equipes multidisciplinares de outras associações e em projetos distintos, todos eles trabalhando com populações distintas, mas não como técnico da saúde, a trabalhar como técnico da saúde, ou seja, como psicólogo, faz relativamente 3 anos.

Sara: E o que é que o motivou a trabalhar em intervenções assistidas por animais? a trabalhar com animais?

Entrevistado: Tá ok, sim, na verdade o que é que acontece, Sara, eu sempre acreditei no poder da relação dos animais, sempre acreditei nesse poder, sempre acreditei no quão positivo pode ser se relacionar com qualquer tipo de animal, entretanto eu fui sempre me tentando me especializar para trabalhar mais com os cavalos, porque sempre foi a minha paixão e esse sempre foi o meu objetivo, tentar unir tudo aquilo que eu poderia trabalhar na área da psicologia, na área de saúde mental, utilizando sempre os animais como facilitadores para qualquer tipo de processo terapêutico, porque eu acredito realmente que funciona.

Sara: *E com que animais é que desenvolve estas intervenções? Quem são estes animais?*

Entrevistado: Ok, então aqui na quinta nós temos o Burro, um Burro, cavalos, cães, galinhas, patos e gatos. Até a pomba que passa por cima da quinta, nós trabalhamos com ela.

Sara: *E quando começou a promover estas intervenções, qual é que foi a receptividade que sentiu da sociedade envolvente, quer agora do seu projeto, quer nos projetos anteriores, nas intervenções anteriores, como é que sentiu a receptividade da sociedade à sua volta a estas intervenções.*

Entrevistado: Eu senti, na verdade, eu sempre senti uma adesão de 100% inicialmente mais pela curiosidade, as pessoas conhecem pouco o significado das intervenções assistidas por animais e possibilidades de bons resultados com esse tipo de intervenção, mas em termos de adesão 100% pela curiosidade, geralmente é assim que funciona, depois por, pela, sei lá, eu percebo que a população com que trabalha com, com intervenção assistida por animais, sentem-se muito desafiados, no contexto ligado à Natureza né? e com os animais. Por isso, em termos de adesão, Sara, 100%.

Sara: *E apoios, sentiu que havia apoios para a implementação destas intervenções, ou houve mais barreiras?*

Entrevistado: Sim, sim, não. Senti eu não acho que, quando o projeto ele é bem concretizado ele tem bem construído, de facto as pessoas, elas estão sempre dispostas a tentar ajudar, no fundo, no fundo, Sara, eu não sou a melhor pessoa para falar sobre isso, porque para o meu projeto eu nunca precisei de apoio, nunca procurei.

Sara: *Ok. Mas também não sentiu barreiras sociais que fosse necessário ultrapassar em termos, sei lá, da implementação do projeto...*

Entrevistado: Não Sara, nenhuma, não, não, não, nenhuma.

Sara: *E relativamente à autarquia local, onde, já percebi que começou, está a começar um projeto, qual é a receptividade da autarquia local, houve algum financiamento por esta via, algum apoio?*

Entrevistado: Olha Sara, não houve porque eu não procurei, mas por acaso eu posso partilhar consigo para esse estudo em específico aaah por incrível que pareça e fugindo um pouco à regra, que eu tenho outros colegas que têm projetos semelhantes ao meu, aaah eles que me procuravam perguntado aquilo que poderia me ajudar, como eu percebi que poderia estar-me envolvendo num lado muito politizado e não é esse o meu interesse, eu não aceitei, agradei, mas não aceitei. Por isso, não há barreiras, mas eu não procurei apoio, por isso não sei, não sei.

Sara: *Ok. E outras fontes de financiamento, concursos externos para a implementação do projeto, procurou, recorreu, percebeu que existiam?*

Entrevistado: Não procurei, não recorri. Ainda...

Sara: *Então, vamos então agora focar-nos nas intervenções propriamente ditas, quem são atualmente os beneficiários destas intervenções que promove?*

Entrevistado: Eu trabalho maioritariamente com crianças, jovens, adolescentes e jovens adultos, sim? Eu tenho uma colaboração de uma psicóloga clínica que trabalha com adultos, esse projeto, o meu projeto, ele foi desenvolvido pensando 100% na inclusão social, daí a minha experiência com outras populações, com autismo, com paralisia cerebral que de facto é a minha paixão. Aqui no projeto o que eu senti necessidade foide adultos que gostariam de participar neste tipo de intervenção e como eu não trabalho com adultos sem nenhuma patologia associada grave, eu tenho essa parceria, então ela trabalha com adultos e eu trabalho comas crianças, jovens adolescentes e jovens adultos.

Sara: *Então focando agora a entrevista nas intervenções com défice cognitivo e dificuldades de aprendizagem, as próximas questões que eu vou colocar, gostaria... parou, está a ouvir?*

Entrevistado: Sim, sim, sim.

Sara: *É que a sua imagem parou e fiquei na dúvida. Vamos focar estas próximas questões exatamente nestas crianças e gostaria que me respondesse com base no trabalho que já desenvolveu com crianças com estas características.*

*Qual era o âmbito das intervenções assistidas e das respetivas sessões, eram atividades realizadas individualmente ou em grupo? em contexto educativo, terapêutico, ocupacional, como é que estas sessões se desenvolviam ou desenvolvem?*

Entrevistado: Ok. Individual e em grupo, embora eu consigo alcançar e almejar resultados mais significativos com os atendimentos individuais.

Sara: *E o contexto é educativo, terapêutico, ocupacional?*

Entrevistado: Educativo e terapêutico.

## Anexos

### 1. Parecer Final da Comissão de Ética da Universidade do Algarve



Nº DO PROCESSO	CEUAlg Pnº18/2021
DATA DO PEDIDO	19/01/2021
TÍTULO/TEMA	Intervenções Assistidas por Animais em crianças com défice cognitivo: a perceção dos técnicos, no Algarve.
RESPONSÁVEL	Sara Rebelo Braz de Lima Vítor
FUNDAMENTO DO PEDIDO DE PARECER	Solicita o parecer da Comissão de Ética da Universidade do Algarve para realizar o estudo de dissertação "Intervenções Assistidas por Animais em crianças com défice cognitivo: a perceção dos técnicos, no Algarve.", no âmbito do mestrado em Educação Especial - Domínio Cognitivo e Motor.
PARECER FINAL DA COMISSÃO DE ÉTICA DA UALG	<b>Positivo com recomendações.</b>  Apesar do projeto não apresentar questões profundas de desrespeito pelo Código de Ética, no que concerne à investigação em humanos, consideramos que existem objetivos específicos (nomeadamente os relativos à situação pandémica) que não se espelham no objetivo geral e que por isso podem influir negativamente no desenrolar congruente do estudo.

Universidade do Algarve, 15/04/2021

A Presidente da Comissão de Ética da UAlg

Prof.ª. Doutora Helena Guerreiro José

## **2. Consentimento Informado aos Técnicos Entrevistados**

### **INFORMAÇÃO DE REQUISITOS DE PRIVACIDADE DE DADOS**

A Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve, com sede em Campus da Penha, 8005 139, Faro, Portugal, telefone +351289800100, esta a realizar a “ENTREVISTA A TÉCNICOS DE EDUCAÇÃO OU SAÚDE QUE PROMOVEM OU ACOMPANHAM INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS (IAA), NO ALGARVE” no âmbito do estudo “INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS EM CRIANÇAS COM DÉFICE COGNITIVO: A PERCEÇÃO DOS TÉCNICOS, NO ALGARVE.”, no período "1 DE FEVEREIRO A 30 DE ABRIL", e tem como responsável pelo estudo “SARA REBELO BRAZ DE LIMA VÍTOR”. O principal objetivo do estudo é "COMPREENDER QUAL A PERCEÇÃO DOS TÉCNICOS DE SAÚDE E EDUCAÇÃO, COM MAIS DE UM ANO DE EXPERIÊNCIA, NA IMPLEMENTAÇÃO E/OU ACOMPANHAMENTO DE INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS (IAA) RELATIVAMENTE AO IMPACTO DAS MESMAS, EM CRIANÇAS COM DÉFICE COGNITIVO E/OU DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM, NO ALGARVE". Estas entrevistas serão realizadas através do suporte “ONLINE NA PLATAFORMA ZOOM OU PRESENCIALMENTE, COM RECURSO À GRAVAÇÃO ÁUDIO”. Os dados pessoais previstos a tratamento no âmbito do estudo “INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS EM CRIANÇAS COM DÉFICE COGNITIVO: A PERCEÇÃO DOS TÉCNICOS, NO ALGARVE” são; FORMAÇÃO ACADÊMICA, E FORMAÇÃO PROFISSIONAL CONTÍNUA, sendo que a categoria dos titulares a recolher os dados será “TÉCNICOS DE SAÚDE E EDUCAÇÃO COM MAIS DE UM ANO DE EXPERIÊNCIA NA IMPLEMENTAÇÃO E/OU ACOMPANHAMENTO DE IAA”. Todos os dados são recolhidos apenas para efeitos da "INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS EM CRIANÇAS COM DÉFICE COGNITIVO: A PERCEÇÃO DOS TÉCNICOS, NO ALGARVE." , estando garantida a confidencialidade do seu tratamento e a exclusiva utilização pela Universidade do Algarve, com um período de retenção dos dados sendo o mínimo necessário para a realização do estudo, e sendo o seu tratamento realizado nos termos e condições da Política de Proteção de Dados que se encontra acessível em [www.ualg.pt](http://www.ualg.pt). Se necessitar de algum esclarecimento adicional em relação à participação ou ao preenchimento do questionário, é favor contactar pelo "93 161 79 94" ou pelos emails "[a66996@ualg.pt](mailto:a66996@ualg.pt) ou [aprendernaturalmente@gmail.com](mailto:aprendernaturalmente@gmail.com)". Eu aceito os termos e as condições acima descritos. Da mesma

forma, como titular de dados, aceito as condições gerais e os termos das Políticas de Proteção de Dados do Universidade do Algarve.

Assinatura \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Gabinete de Proteção de Dados da Universidade do Algarve – 2020

### **Consentimento para Tratamento de Dados**

Autorizo expressamente o tratamento dos dados pessoais pela Universidade do Algarve, para efeitos de estudo realizado na investigação "INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS EM CRIANÇAS COM DÉFICE COGNITIVO: A PERCEÇÃO DOS TÉCNICOS, NO ALGARVE.", de acordo com os termos de informação sobre tratamento de dados e a Política de Proteção de Dados que se encontram disponíveis em [www.ualg.pt](http://www.ualg.pt) . Estou consciente de que posso retirar o consentimento ou exercer os direitos de proteção de dados, designadamente os direitos de reclamação, acesso, retificação, oposição, limitação do tratamento ou apagamento, através de contacto com o Encarregado da Proteção de Dados da Universidade do Algarve pelo correio eletrónico [rgpd@ualg.pt](mailto:rgpd@ualg.pt), e caso assim o considere necessário, apresentar reclamação à Comissão Nacional de Proteção de Dados, através dos contatos disponíveis em [www.cnpd.pt](http://www.cnpd.pt).

Assinatura \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_